

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1973 — N.º 18013 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



OS "NOVE" ACELERAM A UNIÃO MONETÁRIA

Os nove países do Mercado Comum Europeu decidiram apressar as decisões que abrirão o caminho para a criação de uma união económica e monetária. Este foi o resultado de uma reunião de emergência do conselho de ministros da CEE, convocada imediatamente após a solução da crise que abalou o sistema monetário nas últimas semanas.

Reunidos em Bruxelas, os ministros não tentaram, no entanto, resolver os problemas que se levantam para a Comunidade, como resultado da desvalorização do dólar e da flutuação do iene japonês e da lira italiana. A actual situação da lira é considerada como um desaire para a integração monetária na Comunidade Económica Europeia.

Reflexos no escudo

Por SÉRGIO RIBEIRO

Diz-se que a crise monetária se resolveu depressa. O que se poderia acrescentar, da nossa parte, repetindo o que, nestas oportunidades, sempre parece de lembrar, é que a «crise» nem é monetária nem se resolveu. Encontrou-se, com alguma rapidez, uma solução para um momento mais agudo de crise, com particularidades e evidentes reflexos no sistema monetário. Aliás, desde 1971, Dezembro, é reconhecido que o sistema construído em Bretton Woods, no pós-guerra, deixou de funcionar em Agosto desse ano, por decisão unilateral de Nixon a 15 desse mês, e a «cimeira» de Washington (de Dezembro) não criou outra relação mais ou menos estável, mas sim con-

dições para precárias e pragmáticas decisões.

Para agora, talvez o que tenha maior interesse seja pesar os reflexos na moeda portuguesa, ver como reagiu o escudo — por decisão política — a mais esta perturbação. Como de costume, a decisão do Governo português foi das últimas a ser tomada e, por isso, teria podido ponderar todas as consequências no conhecimento das evoluções das outras moedas.

Assim, o escudo aparece valorizado em relação ao dólar em 6,4 por cento, do que resulta que, uma vez que o dólar se desvalorizou dez por cento, o escudo se teria desvalorizado, em relação ao ouro e às outras moedas, que não desvalori-

zaram cerca de 3,5 por cento.

Quais os reflexos que poderá provocar esta alteração de paridades? No plano das relações comerciais com o exterior as nossas condições de competitividade no mercado dos Estados Unidos teriam beneficiado do facto do dólar menos ter desvalorizado relativamente ao escudo que às outras moedas; no que respeita a outros mercados, particularmente europeus, a nossa efectiva desvalorização melhorará as condições de concorrência excepto quanto aos Estados Unidos, países de moedas que teriam desvalorizado mais. Digase de passagem, que a margem embora pequena,

Continua na pag. 20

ne majorité pour le Président



A luta dos cartazes na campanha eleitoral para a Assembleia Nacional francesa está já em pleno. Sobre um enorme cartaz pedindo votos para a coligação gaullista, outras formações colaram os seus. Ontem, ao apresentar o programa dos reformadores, Servan-Schreiber previu que os gaullistas perderiam as eleições. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Kissinger em Pequim

Henry Kissinger chegou hoje de avião a Pequim, ido de Hong-Kong, a fim de travar conversações, durante cinco dias, com os dirigentes chineses. Diplomatas previram que a visita do enviado de Nixon conduziria, provavelmente, a uma melhoria notável nas relações sino-americanas, visto ter sido eliminado o principal obstáculo ao desenvolvimento das mesmas: a guerra do Vietname. Os mesmos diplomatas observaram que a China está anco-

sa por materializar os termos de um comunicado assinado no ano passado pelo presidente Nixon e o primeiro-ministro chinês, Chu En-Lai, de acordo com os quais os EUA anuíram em principiar a retirar as suas forças da Formosa, logo que diminuísse a tensão no Extremo Oriente. Ao público chinês têm sido dadas escassas informações sobre a missão de Kissinger e não foram divulgados quaisquer detalhes da agenda das suas conversações com os

dirigentes chineses. Na próxima segunda-feira, o conselheiro presidencial americano deve discutir em Tóquio, com os dirigentes japoneses, as relações entre os EUA e o Japão e ainda a reconstrução da Indochina. Fontes autorizadas informam que o emissário da Casa Branca poderá discutir com os dirigentes japoneses a possibilidade da realização em Tóquio de uma conferência internacional para estudar o auxílio à Indochina. (R. e DL).

CONGRESSO DE AVEIRO

Alargado o prazo de entrega de teses

Está já definitivamente assente que o Congresso da Oposição Democrática se efectuará de 4 a 8 de Abril, no cinema Avenida de Aveiro. No sábado, prosseguem as reuniões preparatórias, com a presença de todos os membros da Comissão Executiva e dos democratas das Comissões coordenadoras dos oito temas. Nesta reunião serão decididas questões relacionadas com o calendário das sessões do Congresso. Entretanto,

um comunicado da Comissão Executiva informava que o maior número das teses até à data anunciadas respeita às

secções de «desenvolvimento económico e social» e de «situação e perspectivas políticas». (Última página).

Ainda os preços dos bilhetes de cinema

PAG. 2

LEIA HOJE

No «Suplemento Literário»: entrevistas com Bernardo Santareno e Francisco Esteves; críticas de livros por Alcides de Campos e Carlos Porto; crítica de artes plásticas de José Luís Porfírio. Além disso, colaboração de Mário Vieira de Carvalho, Isabel da Nóbrega, José Augusto França, Mendes de Carvalho, Franco de Sousa e Eduardo Prado Coelho.

LEIA AMANHÃ

Em «Mesa Redonda»: um dossier da polémica entre a Comissão Regional do Plano de Fomento e as Autarquias Transmontanas; «Crianças Destruídas», um depoimento do prof. Victor Fontes; «Com os Olhos na Informação», por Sérgio Ribeiro; «Poder de Compra e Desenvolvimento Económico», etc.

RASGARAM AS VESTES DA PRISÃO

Prisioneiros de guerra norte-vietnamitas rasgam as roupas que usavam na prisão, após serem libertados pelas autoridades sul-vietnamitas. O exército de Saigão pôs, entretanto, em liberdade 600 mulheres pertencentes à FNL, aguardando-se que liberte hoje ou amanhã mais 304, transportando-as de avião para Loc Ninh, junto à fronteira do Camboja. Estas mulheres eram combatentes quando foram capturadas. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



EDIÇÃO
DE 32
PÁGINAS

DIÁRIO NACIONAL

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

Ontem, na ordem do dia houve um único orador: o deputado Prabaror Rau que, a propósito da proposta de lei sobre a protecção da intimidade da vida privada, teve louvores às intenções do Governo, proponente do diploma. E pouco mais.

Responderam à chamada 76 deputados, que ouviram, antes da ordem do dia, o dr. Alberto Meireles fazer o elogio do presidente da Mesa (na altura ausente, por se ter ido despedir do seu colega brasileiro Pereira Lopes) pelo modo como fora conduzida a sessão de homenagem ao presidente da Câmara dos Deputados de Brasília. E ouviram ainda Alberto de Alarcão falar de flores, sobretudo de cravos e de rosas, como produtos de rentável exportação, a acreditar num estudo do F. F. E. que o orador citou largamente. Foi o segundo. E ouviram também, como nós, o deputado madeirense Agostinho Cardoso tecer considerações a propósito do aviso prévio sobre os meios de comunicação social, aviso que já passou à história. Em linhas gerais, o deputado entende que o Estado é que tem os dados e portanto pertence aos governantes dar a informação mais objectiva. Quanto a monopólios, disse o orador, veja-se o caso da França: a televisão é monopólio do Estado e Pompidou não hesitou em utilizá-la para «denunciar ao país a manobra» da coligação das esquerdas, qual cavalo de Tróia, para atacar o poder utilizando a engrenagem democrática. E fez muito bem o presidente da República francesa, no entendimento do dr. Agostinho Cardoso. Fez o que devia. Ainda antes da ordem do

dia: Peres Claro e Trigo Pereira, que se confessaram formados na Mocidade Portuguesa, mantiveram um breve diálogo sobre o presente e futuro daquela organização. O discurso era do dr. Peres Claro, a interrupção, do seu colega. Lamentam ambos que se assista à liquidação progressiva da M. P. através da divisão dos serviços, eliminação das fardas, desaparecimento dos célebres cintos com «S». O qual significava «servir» e «sacrifício», e não «Salazar», como lembrou o orador, tanta gente pensava.

Também o dr. Homem de Melo usou da palavra, aliás para dar a mão à palmatória: no seu discurso anterior citara a existência de doze jornais diários na Metrópole, quando, na verdade, há alguns mais, embora de expansão local e com inferiores meios financeiros.

E falou também Maximiano Fernandes, de Moçambique. Mais adiante o referiremos.

RUI LUIS GOMES

Logo de início, foi dado conhecimento da resposta do Ministério do Interior a uma nota de perguntas do deputado português Joaquim Macedo. Inquirira o deputado, em 2 deste mês: «Foi o dr. Rui Luis Gomes impedido de entrar no País? Era portador de documentos de identificação devidamente em ordem, emitidos por delegação diplomática no estrangeiro? Em caso afirmativo quais as razões legais invocadas?»

Respondou o Ministério:

«O dr. Rui Luis Gomes, embora portador de passaporte emitido por representação consular no estrangeiro — que lhe não conferia imunidade em matéria de crime — foi impedido de entrar no País no dia 30 de Dezembro de 1972, pela Direcção-Geral de Segurança, onde estava arguido de crime contra a segurança do Estado, ao abrigo do n.º 15, do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 368/72.

Sabia-se que era aguardado, no Porto, com manifestações do Partido Comunista com ele previamente concertadas.

Por deliberação do Conselho de Ministros, tomada nos termos do art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 36387, de 1 de Julho de 1947, foi interdita a sua residência no País, em virtude das actividades que ao longo dos últimos doze anos, continuamente, desenvolveu, no estrangeiro, contra a segurança do Es-

tado, subcrevendo, nomeadamente, várias representações dirigidas ainda recentemente à Assembleia Geral das Nações Unidas, apoiando deliberações tomadas contra os interesses da Nação e pedindo a aplicação de sanções ao Governo Português por virtude da defesa do Ultramar.

OS MOÇAMBICANOS NAS MINAS

Por sua vez, o deputado Max Fernandes comentou a resposta do Presidente do Conselho à sua intervenção acerca dos trabalhadores moçambicanos nas minas de ouro da África do Sul. O orador informou que o seu desconhecimento de ter sido substituído o Acordo de 1928 (desconhecimento extensivo a todos os deputados, em sua suposição) se devia ao facto de o Instituto de Trabalho de Moçambique não lhe ter fornecido os elementos que, nos termos constitucionais, lhe pedira. Partiu portanto do convencimento de que se mantinha o Acordo de 1928, sobretudo pelos dados fornecidos por um livro («Trabalho nas Minas de Ouro da África do Sul — 1911/1969») do sul-africano dr. Francis Wilson, publicado em 1972. Nessa obra «esse eminente economista analisa a estrutura do trabalho nas minas e demonstra como uma combinação dos grupos financeiros que os exploram tem permitido manter o nível do salário dos africanos quase mais baixo do que era em 1911» — afirmou Max Fernandes. O deputado serve-se de-

pois dos elementos colhidos no Ministério do Ultramar, por sugestão do Presidente do Conselho, para chegar às seguintes conclusões: «o salário desses mineiros, mesmo depois do Acordo de 1964, orça em cerca de 800\$00 mensais, ou seja menos de metade do que algumas empresas mineiras daquele país já estão pagando aos seus trabalhadores; a compensação para acidentes de trabalho e doenças profissionais tem um «plafond» de 11.000\$00; o nosso trabalhador sofreu, com a desvalorização do rande, uma diminuição efectiva do seu salário de cerca de 10 por cento, por não estar defendido contra essa eventualidade. Isto significa, grosso modo, que se são 100.000 os nossos trabalhadores em «roulement» nas minas, serão aproximadamente 100 milhões de escudos que anualmente deixam de dar entrada em Moçambique». Comentou o orador: «Mesmo revogada a Convenção, subsiste, portanto, o gravame salarial que a extraordinária valorização do ouro torna ainda mais conspícua, e creio que o próprio Acordo de mão-de-obra de 1964 não resistirá a uma análise à luz da doutrina do Estado Social de que Sua Excelência o Presidente do Conselho é enunciatador e que perfilho de alma e coração».

Os trabalhos da Assembleia Nacional prosseguem hoje, com a mesma ordem do dia — A discussão da proposta de Lei sobre a defesa da intimidade da vida privada.

Novos professores de Letras em Coimbra

COIMBRA, 15 — Na Sala Grande dos Actos da universidade terminaram, esta manhã, as provas do concurso para professor extraordinário do 6.º Grupo (Filosofia), da 6.ª Secção, da Faculdade de Letras, prestadas pelos candidatos, profs. drs. Gustavo de Fraga, Cruz Pontes e Vítor Marques.

Presidiu o prof. dr. Simões de Carvalho, vice-reitor da Universidade e o júri era constituído pelos profs. drs. Délio Santos, Moreira de Sá e Gama

Caeiro, da Faculdade de Letras de Lisboa e Eduardo Soveral, da mesma Faculdade do Porto e todos os catedráticos da Faculdade de Coimbra.

As provas de hoje constaram da apreciação e discussão do curriculum vitae de cada um dos candidatos: prof. dr. Gustavo de Fraga, cujos argumentos foram os profs. drs. Miranda Barbosa e Alexandre Morujão, de Coimbra; prof. dr. Cruz Pontes, que teve como arguentes os profs. drs. Gama Caeiro e Délio Santos; e prof. dr. Vítor Matos, que teve, também, como arguentes drs. Délio Santos e Eduardo Soveral.

No final, o júri reuniu-se e deliberou todos os candidatos.

Os preços dos bilhetes de cinema

Nota da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos

Assinado pelo dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular e Espectáculos recebemos os seguintes esclarecimentos:

«Publicou o «Diário de Lisboa», na sua edição de ontem, um comentário subordinado ao título «Quanto sobem e porque sobem os bilhetes de cinema», sobre o qual se prestam os seguintes esclarecimentos:

1. Os encargos que presentemente incidem sobre os espectáculos de cinema são os seguintes:

a) Imposto único (cobrado sobre 2/3 das lotações das salas, seja qual for o público presente).

b) Contribuições para o Fundo de Socorro Social, à Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos e às Câmaras Municipais dos Concelhos onde se realizam os espectáculos.

2. Na nova Legislação sobre a actividade cinematográfica está previsto que será cobrado, em substituição daqueles encargos, um adicional.

A distribuição desse adicional será feita da forma seguinte:

a) Percentagem destinada ao Instituto Português de Cinema;

b) Percentagens destinadas ao Fundo de Socorro Social, à Caixa de Previdência dos

Profissionais de Espectáculos e às Câmaras Municipais.

Elimina-se, assim, o Imposto Único pago pelas empresas, dando satisfação às solicitações que de há muito vinham apresentando nesse sentido.

O adicional será cobrado apenas sobre o preço dos lugares efectivamente ocupados.

3. O que importa, pois, sublinhar é que os preços pagos pelo público já eram estabelecidos a partir de um preço básico ao qual se adicionavam as importâncias dos encargos existentes.

Esses encargos passam apenas a ser distribuídos de forma diferente.

4. Por outro lado, e com base nos dados estatísticos disponíveis, a taxa do adicional foi calculada de modo a não agravar os preços que estavam a ser pagos pelo público.

Os aumentos ultimamente verificados não podem, pois, justificar-se com a criação do adicional previsto na lei de cinema.

5. Anote-se que até agora as empresas têm fixado livremente os preços dos bilhetes.

Perante o seu aumento injustificado, poderá no futuro o Instituto Português de Cinema propor as medidas e regras convenientes para a sua fixação».

VÍTIMAS DO GRANDE INCÊNDIO OS AGRICULTORES DO VOUGA AINDA NÃO FORAM INDEMNIZADOS

AGUEDA, 15 — Mais de 300 pessoas deslocaram-se à Casa do Povo de Valongo do Vouga, em virtude de ter sido anunciado um encontro com entidades oficiais que vinham para tratar de assuntos «relacionados com a floresta». Tratava-se de elementos da Junta de Colonização Interna que propuseram aos proprietários a «reconversão florestal» dos terrenos queimados pelo último grande incêndio do Vale do Vouga, em moldes tecnicamente mais evoluídos. O Estado oferecia, igualmente, assistência técnica e financeira em determinadas condições que beneficiariam o proprietário com um desconto de 20 por cento sobre as despesas globais que a plantação e sementeira acarretassem. Para além de se impor como fundamental a existência de unidades florestais com uma área mínima de 20 hectares, a fim de facilitar a penetração das inovações técnicas e garantir uma maior produtividade dos terrenos.

O certo é que grande parte dos presentes não reagiu como a Junta de Colonização Interna desejaria, por diversos motivos, entre os quais não será de menor relevo o facto de ainda não terem sido distribuídos aos lavradores as indemnizações a que têm direito.

Moreira Baptista na TV

O secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, preferirá esta noite, na Televisão, a partir das 21 e 30, mais um dos seus «comentários» a propósito das últimas deliberações tomadas pelo Conselho de Ministros.

Quer Trabalhar?

Se tem boa apresentação mínimo 5.º ano
telefone das 18 às 21 h.
p/ 560600

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

ar.co

CENTRO DE ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL
Rua de S. Tiago, 18 — Telefone 86 33 55 — LISBOA
Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional

INÍCIO A 19 DE FEVEREIRO

DESIGN • FOTOGRAFIA • CINEMA
PINTURA • DIAPORAMA • ESCULTURA
SERIGRAFIA • DESENHO • ESTÉTICA
COMUNICAÇÃO GRÁFICA • TEORIA DE
COR • HISTÓRIA CRÍTICA DE ARTE
ARTES GRÁFICAS • CURSOS LIVRES

ROMA
GRUPO D - 18 ANOS

ESTREIA AMANHÃ

ela apenas procurava o amor...

ENCONTRO com uma MULHER
de 30 ANOS

realização de PIERO SCHIVAZAPPA

FLORINDA BOLKAN

MASSIMO RANIERI



EM COMPLEMENTO "TESOUROS DA ARTE RUPESTRE" do Min. Inform. Africa do Sul

LASTMANCOLOR

DOPPLER

Antropologia ou publicidade?

A antropóloga americana que falar na Indonésia devido Wyn Sargent continua a dar ao seu casamento com um che-

DL/OPINIÃO

QUE VAMOS SER NA EUROPA?

Embora a memória colectiva seja fraca, e grande a preguiça de espreitá-la por via do trabalho que dá, todos estamos mais ou menos lembrados do tom com que foi celebrado o nosso acordo com a Comunidade Económica Europeia, vulgo Mercado Comum. Certos títulos chegaram a dar ao leitor desprevenido a ideia de que acto constituía uma data importante.

Passou o tempo, fez-se balanço do conseguido e do inacessível, e as notícias começaram a responder melhor à situação real. Outra coisa não significam as palavras proferidas recentemente pelo secretário de Estado do Comércio, numa conferência intitulada «O Acordo com o Mercado Comum — Uma Oportunidade a Aproveitar». Foi enfim acentuado, por autorizada voz, que «não se mostram inteiramente satisfatórios, para nós, os termos em que o Mercado Comum se propõe limitar o crescimento das importações provenientes de Portugal quanto a certos produtos — os chamados «produtos sensíveis»: manufacturados de cortiça, têxteis e confecções e que «o calendário de desarmamento pautal é relativamente rápido, não nos dando muito tempo para adaptarmos e reconvertermos as nossas estruturas produtivas». Em substância: o acordo entre Portugal e a CEE abre grandes possibilidades à nossa economia, «mas nada nos garante, desde já, que as saibamos aproveitar»...

Uma tal declaração teria criado no País uma atmosfera de salutar inquietação (na medida em que a ela respondesse uma consciência maior dos problemas nacionais), se os canais da informação oficial se dispusessem a encarar de frente tão importante tarefa, sem nada retirar ao diagnóstico nem cair na tentação habitual de aligeirar o prognóstico. Uma vez que tal não dá visos de acontecer, a população continuará perigosamente alheia do problema, considerando (quem sabe?) que ele não lhe diz respeito, mas tão-somente a quem governa. Por outro lado, o carácter rebarbativo da matéria faz dela uma espécie de coutada onde só se pode entrar com autorização especial e armado de competência particular...

Embora desligadas do seu contexto, certas frases do secretário de Estado podem, não obstante, ajudar os leitores apressados ou diferentemente ocupados a formar uma ideia útil da situação. Será com algumas dessas frases que fecharemos este comentário: «Continuamos, de certo modo, um «terceiro país» para a CEE, sendo evidentemente muito escasso o nosso poder de negociação frente a tão poderoso bloco». Certas facilidades que conseguimos «não devem fazer-nos esquecer, no entanto, a distância que separa a agricultura europeia da agricultura portuguesa». E quanto a outro sector: «A ligação que já temos com o Mercado Comum obriga-nos a pensar, não em termos de protecções e de mercados defendidos da concorrência externa, mas de uma competição em campo aberto, particularmente nítida quanto à indústria».

fe tribal e, segundo revelou um informador do Governo, está a escrever um livro intitulado «O meu casamento com um homem da idade da pedra».

Wyn tencionava inicialmente intitular o livro «Casei com um canibal», mas as autoridades indonésias sugeriram a alteração.

Segundo o informador do Ministério dos Assuntos Sociais, a americana chegou a Djakarta por ter sido convocada pelas autoridades indonésias que pretendem interrogá-la sobre as suas actividades.

Um informador dos serviços de imigração disse que o Governo ainda não decidiu se vai ou não renovar o seu visto de permanência, que expirou no passado dia 4.

O casamento da americana com o chefe Obahrok da tribo Iwayoga, — dos dayaks — no mês passado, tem provocado controvérsia devido às notícias de que Wyn pretende apenas estudar os hábitos sexuais da tribo.

Alguns dirigentes em Jayapura, a capital do Irian Ocidental, pediram a expulsão da antropóloga, a qual, no entanto, se defende dizendo que o seu casamento com Obahrok foi motivado pelo desejo de ajudar o povo daquela remota região e evitar as lutas entre as tribos.

Entretanto, o chefe Obahrok decidiu divorciar-se.

Com efeito, o chefe afirmou que a sua mulher se «recusa a consumir o casamento», anunciou um alto funcionário indonésio.

Segundo esta personalidade, Wynn Sargent que fez um estudo sobre a vida sexual nas tribos dos dayaks, também se recusou a viver sob o mesmo teto que as outras mulheres da aldeia. Prefere ficar na sua própria cabana, acrescentou.

Seita

Cerca de 400 homens e rapazes — com as cabeças completamente rapadas, como os monges da Idade Média — juntaram-se numa praça em frente de uma mesquita, em Nabatiyeh, no Líbano e bateram na sua própria cabeça até sangrar, usando lâminas de barbear, cimitarras e outros objectos cortantes.

Muitos deles desmaiaram com as dores e tiveram que ser levados para tratamento. Outros tiveram de ser detidos por amigos, porque se estavam a cortar de mais.

Todos os homens são membros da «Shia», uma seita da religião maometana.

Esta cerimónia marca a «Ashoura», fim do período de dez dias de luto dedicados a Hussein, filho do fundador da seita e neto do profeta Maomé. Hussein fugiu para a Mesopotâmia (hoje Iraque) no século VI para escapar a persuições feitas pelos adeptos da principal seita maometana, a «Sunni».

Na Mesopotâmia, Hussein foi traído pelo califa local e assassinado.

A comemoração anual desta morte tornou-se um ensaio de fé da seita «Shia» e uma espécie de ensaio de virilidade para os jovens adeptos desta seita.

Segurança

Um tribunal britânico reduziu a indemnização a pagar a uma passageira de um automóvel que teve um acidente por esta não ter apertado o cinto de segurança.

O juiz declarou que a vítima «é responsável pelos ferimentos sofridos na proporção de 5 por cento por não ter apertado o seu cinto» devendo, portanto, a indemnização ser reduzida nesta proporção. Por outro lado, a sentença diz que é dever do condutor verificar se o seu passageiro apertou o cinto de segurança antes de pôr o carro em marcha.

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

AGENDA

São pequenas folhas, bocados de papel rasgado onde assento a qualquer hora e em qualquer lugar assuntos que não quero esquecer, que às vezes esqueço e nunca chego a abordar.

Há o assunto-bolha de mercúrio que passeou um dia sua prata pelos fluidos corredores da memória, e que nunca mais, nunca mais torna, tão longe pulverizada que nem um deus a reteria, nem a memória de um deus bastaria. E quem sabe, senhores, se não seria precisamente essa a Grande Decifração, o assunto-estrela-resposta que me salvaria, e comigo uma qualquer porção mais de humanidade.

Enfim.

Resignada, atraco de braços e mãos à secretária.

Puxo dos papelinhos amarratados. São cinco. Por ordem: bilhetes — cinema-Vietname. anúncio emprego. títulos ditos pelas raparigas colégio. a importância de se chamar. tisanas.

Bilhetes de cinema-Vietname. Queria com isto dizer qualquer coisa que dividido em dois parágrafos: 1.º — quem paga hoje quarenta escudos para entrar num cinema também paga cinquenta ou sessenta. De qualquer modo são sempre os mesmos os que podem ir ao cinema. Consultadas as estatísticas, verifica-se que milhões de portugueses nunca foram ao cinema, e que outros milhões só vão uma, duas vezes por ano. Porque não poderiam de maneira nenhuma pagar o preço do bilhete. Fazendo-o roubariam ao estrito necessário à sua sobrevivência física. E nesse campo, no da sobrevivência, que se confrontam com a inflação, o desenvolvimento, o aumento do custo de vida. 2.º — Os que pagam, aborrecidos, mas pagam; distraídos, mas pagam; ou resolvendo espaço o privilégio mas podendo desse modo pagá-lo; esses, talvez julguem exorbitante é que a verba não incluía obrigatoriamente bons complementos e se limite ao filme (raramente de qualidade). Em vez dos excelentes desenhos animados que se fazem por essa Europa fora, ainda e sempre o pica-pau (o gato, o cão, o rato) em películas sem inteligência nem arte mas com muitos explosivos. As pessoas riem muito.

Em vez de documentários actuais, algumas vistas filmadas há vinte anos no Canadá, documentários insossos do tipo «Geographic Magazine». Ou linda publicidade paga (que nós pagamos) sobre praias da nossa terra. Ou discursos, inaugurações, partidas, chegadas, futebóis.

Não me lembro de ter visto, por exemplo, ao longo destes anos, nenhum documentário sobre o Vietname, sobre a guerra do Vietname, como correm nos cinemas dos outros países, e à semelhança dos que viamos no tempo da segunda guerra mundial. Para dar testemunho desta luta que durou o tempo de duas gerações inteiras, morreram dezenas de repórteres ocidentais, e dezenas continuam dados como desaparecidos.

O segundo papel quer dizer a satisfação por dois anúncios que li em dois jornais diferentes, um da manhã, outro da tarde. A redacção desses

anúncios é diferente da usual. Num, a empresa específica, tal como já é frequente acontecer, o que exige e o que oferece ao mercado do trabalho, mas no fim, junto do pedido de curriculum, não vem aquele indecoroso «ordenado pretendido».

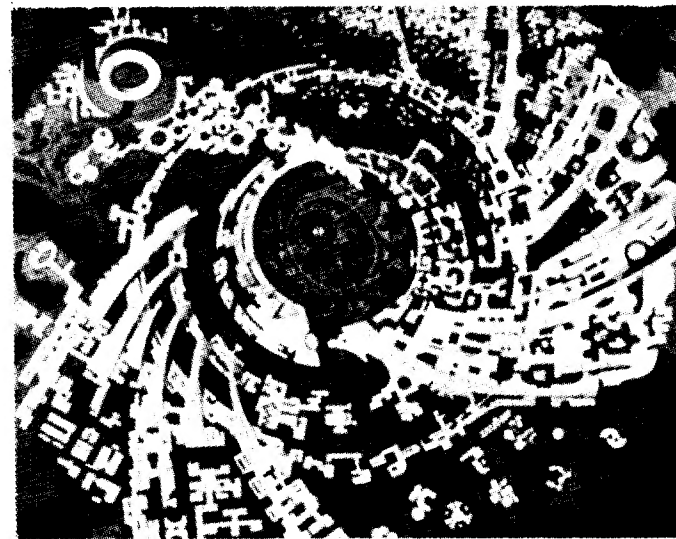
No outro, a empresa vai mais longe ainda, porque indica, para o lugar de secretária-correspondente que propõe, a idade entre 27/40 anos. Isto é novo. Até agora tem-se exigido «dactilografia, taquigrafia, francês, inglês, «se possível, alemão», espírito de organização, muita experiência, idade entre dezoito e vinte e cinco anos, e só serão apreciadas as respostas que indiquem ordenado pretendido», o que irá, de qualquer modo, nivelar pela menor capacidade, a candidata possível.

Claro, se esta for muito dota-

começamos. Uma aluna fez a apresentação do autor, e extraímos os temas a estudar: a mãe, a vergonha, a educação...

O quarto bilhete fixa um serão animado, em que brincamos todos porque nos apeteceu. Como outrora, sucederam-se os jogos de mímica às charadas, à história que se tem de acabar ou à que tem de se achar o princípio, e ao «E se fosse flor?».

Aquela era a vez de o mais jovem adivinhar. Escolhemos a personalidade — que não fazia parte do grupo! Começaram as perguntas. Se fosse uma bebida, que bebida era? — Duas respostas aparentemente opostas desconcertaram o adivinhante: Seria coca-cola. Podia ser champagne. Se fosse um metal? — Outras duas respos-



da, poderá em pouco tempo tornar-se desta em dactilografia e taquigrafia, mas precisará de um pouco mais de tempo para ganhar conhecimentos das tais línguas, escrevê-las sem erros, etc. — depois de ter aprendido bem o português. E a experiência da profissão, julgava eu que só era compatível com o próprio exercício dela.

O terceiro bilhete: ah, isso é apenas porque no Liceu Marie Curie, em Paris, as meninas do quinto ano estão a dar, nas aulas, «O Arranca-Corações», de Boris Vian. Houve um pai que protestou e arrastou outros protestos, mas que se revelaram algo confusos, porque um pai disse: «Este livro constitui uma caricatura absurda da nossa sociedade!» E outro acrescentou: «Ao dá-lo a ler nas aulas infringiram-se os princípios de neutralidade e de laicidade que constituem os fundamentos do ensino público.» O professor afirma, impávido, que é responsável pelo ensino que administra, e que ele, professor, não depende dos pais das alunas, mas sim do inspector-geral dessa disciplina.

No ano que corresponde ao nosso 5.º ano, o programa permite ao professor a escolha das obras a estudar, «da Idade Média até aos nossos dias».

No princípio do ano lectivo pediu às alunas que lhe indicassem títulos de romances. Uma delas propôs «L'Arrache-Coeur», de Boris Vian. Porque não lê-lo? Boris Vian está na moda. A televisão dedicou-lhe uma emissão. Aliás o livro estava já na biblioteca da escola. Votaram-se os títulos propostos. Vian ficou em primeiro lugar, e logo a seguir, «L'Etranger», de Camus, «Les filles de feu», de Gerard de Nerval, «La Chartreuse de Parme», de Stendhal, «La Porte étroite», de Gide, «Le Grand Meaulnes», de Alain Fournier, e «Miguel Strogof», de J. Verne. «Assim

tas desconcertantes: níquel, diz um. E de aço que me lembro, diz outro, num arrepiro. E se tivéssemos que lhe pôr um nome, sem ser o seu próprio, que nome lhe chamaríamos? — A inventiva do perguntador serviu-o bem, porque lhe respondi muito séria: A-dol-fo. — E ele adivinhou logo, e ganhou. O quinto bilhete é só uma palavra.

Fui à livraria buscar o livro encomendado e enfim chegou. Transposto o limiar da porta, já conhecemos o perigo — afaga-se a capa de um volume, cheira-se outro, bebe-se um golo de outro, enclavinham-se as mãos numa lombada e dizem, sófregos: quero este e este e este, levo-os todos. Um carregamento. A cabeça perdida.

Mas as 63 Tisanas de Ana Hatherly.

A última: — «Era uma vez um homem. Sentado à beira do rio pescava. Era a primeira vez. A certa altura um peixe ficou preso no anzol. O homem içou-o da água. Era um pequeno peixe cinzento, prateado. Contorcia-se. Então o homem disse: perdoa-me perdoa-me. E chorando arrancou-lhe a cabeça com os dentes.»

E a Tisana 80 (elas vão de 40 a 102).

«Era uma vez uma história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequeninas gotas redondas de sangue.»

E não continuo. Porque estou toda a tremer e o livro está aqui à minha beira, a transpirar.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vinhas, Suc., Rua Sacadura Cabral, 3 — GUARDA

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800\$00
Balanças - Casa de banho	150\$00
Torradeiras	180\$00
Frigoríficos 140, L.	1790\$00
T. V. 2 canais	3390\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705



DL/NACIONAL

Larápios: oito ou oitenta

Ao contrário do que vinha sendo hábito nos últimos tempos, foi pouco intensa a actividade desenvolvida, esta madrugada, pelos gatuños na zona de Lisboa e arredores. Na agenda da Judiciária apenas constava o caso de um assalto a uma firma de electrodomésticos da Rua de S. Bento, onde furtaram um auto-rádio e cinco reproduzíveis de cassetes, tudo no valor de oito contos.

E caso para escrever, de acordo com o adágio popular, que para os larápios «ou oito ou oitenta».

DESPESAS MILITARES EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Os orçamentos privativos das forças armadas em S. Tomé e Príncipe para o corrente ano foram aprovados pelo Governo, cifrando-se as despesas ordinárias em 9 119 contos para as forças terrestres, 3700 contos para as forças navais e 2150 contos para as Forças Aéreas.

EXPOSIÇÃO NAS BELAS ARTES

Inaugura-se esta noite na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição de Ilária Rato Zanandrea, que é apresentada na Galeria de Arte Moderna.

REGIME JURÍDICO DO CONTRATO DE TRABALHO DA MARINHA MERCANTE

Aprovado na última reunião de Conselho de Ministros, foi emanado conjuntamente dos Ministérios da Marinha e das Corporações e Previdência Social, tendo sido enviado para publicação no «Diário do Governo», o Decreto-Lei que estabelece o novo regime jurídico do contrato individual de trabalho do pessoal da Marinha do Comércio.

Este diploma, corresponde à execução de um dos objectivos do III Plano de Fomento, actualiza a legislação que rege esta matéria, tendo-se procurado

Na nota inserta no passado dia 12 e redigida no momento em que nos inteiramos das explicações da C.P. acerca da tão falada supressão da automotora Porto-Salamanca, já não nos foi possível rebater os pontos de vista defendidos por aquela empresa ferroviária quanto ao caso da rentabilidade — que é a grande arma com que lutam os dirigentes dos caminhos de ferro dos dois países peninsulares.

Certamente que a C.P. prosseguirá na renovação da Linha do Douro para além do Marco de Canaveses. Ou será que, para lá daquela vila há dúvidas quanto a rentabilidade?...

E do lado espanhol (como muito poderão pensar em face da nota da C.P. vinda agora a público), a via não está toda em más condições.

O percurso Barca de Alva Salamanca é de 117 quilómetros. Mas só até Fuente de San Estebán não oferece segurança para uma maior carga e velocidade. Da fronteira portuguesa até aquela estação espanhola são 61 quilómetros. O resto do percurso está óptimo e por ali passam, em boa velocidade vários comboios, entre os quais o «SUD» Lisboa-Paris.

Campanhã - Salamanca : 12 horas de comboio (300 Km)

Pois agora a «RENFE» já nem sequer poderá apregoar muita falta de rentabilidade no percurso Barca de Alva Fuente de San Esteban. Das oito estações daquele troço de 61 quilómetros, cinco foram encerradas, passando a funcionar como apeadeiros.

Quere-nos parecer que esta medida devia ter atenuado bastante os encargos da «RENFE»...

Se um dia, porém se vier a verificar o encerramento do referido troço, o facto ocasionará graves transtornos para o público e terá reflexos desastrosos na rentabilidade da linha do Douro, do Tua para a fronteira.

Um exemplo: Do Tua a Salamanca, por Barca de Alva, são 177 quilómetros, e por Vilar Formoso cerca de 600. Não será isto de ponderar?

Há quarenta anos haveria mais passageiros no rápido (e era diário) entre o Porto e Salamanca? Nessa já longínqua época nem sequer havia emigração e nem se falava tanto em turismo como hoje.

Não será isto de ponderar nas altas esferas ferroviárias e nos meios turísticos? Bons tempos esses, em que o Porto estava ligado a Salamanca por um

«rápido»!

Temos feito algumas vezes, nestas últimas duas décadas, e em épocas diferentes, a viagem por aquela fronteira. E pelo que temos ouvido e observado, algo de «misterioso» se passa com as malfadadas comunicações pela desprezada fronteira de Barca de Alva. A última vez que ali passamos foi num fim-de-semana. Procuramos, uma vez mais, colher opiniões de um e outro lado. Em Salamanca, e a propósito da apregoada rentabilidade, disse-nos com certo humor o gerente do hotel onde nos alojamos.

«Mas já alguma vez se pensou em fechar os hospitais por uma questão de rentabilidade? O que deve é haver — acrescentou — um serviço cómodo e rápido, a horas convenientes, entre Salamanca e o Porto».

O que se passa após a supressão da automotora é tudo o que há de mais inconcebível quanto a horários e tempo desperdiçado. Pode lá conceber-se que, para um percurso de pouco mais de 300 quilómetros se gastem mais de doze horas e trinta minutos?

João Serraqueiro

MULHER ATACADA NUM VÃO DE ESCADA

Estão a tornar-se frequentes os casos de assalto a mulheres que regressam já noite a suas casas, após mais um dia de trabalho. Tentativas de furto ou de violentação encontram-se quase sempre na base destes actos condenáveis.

Ontem à noite, nas escadas de um prédio da Avenida Oscar Monteiro Torres, uma senhora de 40 anos conheceu o pesadelo de se sentir atacada por um jovem que, tapando-lhe a boca, tentou violentá-la sob a ameaça de um canivete. Esta, apesar de ferida no pescoço e nos pulsos, ainda conseguiu gritar por socorro. Aos seus apelos angustiosos acorreram dois transeuntes que, conseguindo dominar a custo o agressor, puseram assim termo à sua dramática situação.

«DIREITOS DO HOMEM» A LIGA PORTUGUESA FEZ 50 anos

O Cinquentenário da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem foi ontem comemorado num restaurante da cidade. Estiveram presentes na mesa da presidência o dr. Luís Amado, presidente da Assembleia Geral, drs. Armando Adão e Silva e Fernando Mayer Garção, presidente e vice-presidente da direcção, drs. José Magalhães Godinho, do conselho jurídico e Raul Rego, vogal.

A Liga faz parte da Federação Internacional dos Direitos do Homem (organização não governamental do Conselho Económico e Social das Nações Unidas) e, de acordo com o artigo 3.º do estatuto, «para realizar o seu objectivo, a Liga propõe-se combater o abuso da autoridade, a ilegalidade, o arbitrio, a intolerância, o facciosismo e atentados à Humanidade, tendo como base que aos direitos correspondem implicitamente deveres».

CRIANÇA MORRE DEVIDO A QUEIMADURAS

Morreu hoje de manhã, no Hospital de S. José, onde dera entrada durante a passada noite, a pequenita Ana Maria Rodrigues Campos Pimentel, de 14 meses, filha de Ludgero Campos Pimentel e de Ana Rodrigues Pimentel, residentes na Rua Dr. Oliveira Salazar, 22 em Carregueiros do Mar, que na sua residência, aproveitando uma distração da mãe, deitou a mão ao candeeiro a petróleo que se encontrava aceso, tombando-o sobre si, do que resultou ter ficado gravemente queimada.

Apesar de todos os esforços prodigalizados pelos médicos do Banco de S. José, não foi possível salvá-la.

«O COMUNISTA»: OUTRO PROCESSO EM TRIBUNAL

Mais um caso de «O Comunista» vai ser julgado no Plenário Criminal da Boa-Hora: é o quarto, neste ano judicial.

A primeira audiência foi marcada para 10 horas do próximo dia 20. São réus os srs. António Cândido Tavares Coutinho Coelho, Luís Miguel Vilan Marques Rodrigues, Rui Benigno Barbosa Paulo da Cruz, Licínio Pereira da Silva e José Vicente de Sousa da Silva Dias, acusados de ligações com uma organização que tem como primeira palavra-de-ordem, segundo o Ministério Público, «a luta contra a chamada guerra colonial» e a constituição de núcleos revolucionários de «operários, camponeses, estudantes e militares».

No processo, com idêntica acusação, que ontem foi julgado, sofreram condenações em pena maior cinco dos nove réus, conforme noticiámos.

Os cinco arguidos que responderão no dia 20 constituiram seus advogados os drs. José Augusto Rocha, Jorge Sampaio, Macaísta Malheiros e Vasconcelos Abreu.

SOLUÇÃO COOPERATIVA PARA AS BONECAS DA NAZARÉ

A conhecida boneca da Nazaré, vai certamente em breve fugir aos domínios do artesanato e tornar-se importante bem de exportação.

Um grupo de comerciantes da Nazaré, apoiado pela direcção do respectivo grémio vai propor durante a próxima semana, na corporação competente, a instalação de uma unidade fabril dedicada exclusivamente à produção daquele artigo regional. Pretende-se deste modo defender não só os interesses dos pequenos fabricantes e comerciantes da região, mas, ainda obter melhores e mais amplas colocações do produto nos mercados interno e externo.

De registar que, a efectivar-se tal projecto, surgirão, concomitantemente, mais possibilidades de emprego para os habitantes daquele populoso concelho.

LOTARIA DE HOJE

6.ª ESTRACÇÃO

NÚMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

21.002 — 2.450.000\$00
7.439 — 245.000\$00
41.717 — 140.000\$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.ºs PRÉMIOS

21.001 — 7.507\$50
21.003 — 7.507\$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

3; 130; 534; 5.034;
5.430; 6.360; 7.470; 7.991;
14.375; 15.617; 20.639; 23.732;
25.126; 25.254; 25.581; 26.910;
27.249; 28.955; 29.484; 30.524;
37.272; 37.923; 38.589; 42.308;
43.328; 44.785; 47.316; 47.426;
47.778; 48.245; 49.002 e 49.355

PRÉMIOS DE 280\$00 (CENTENAS)

7.401 a 7.500; 21.001 a 21.100 e 41.701 a 41.800

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 182 ou 672, são contemplados com 735\$00, no bilhete de cada série, por terem acumulado a terminação e os terminados em 030, 326, 563 ou 633, são contemplados com 560\$00. Por sua vez os números, cujos dois últimos algarismos sejam 75, 81 ou 94, são contemplados com 350\$00, também no bilhete de cada série. Por último todos os restantes números, cujo último algarismo final — terminação — seja 2, são contemplados com 175\$00 de prémio, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1973

Os 4.900 contos das duas sortes grandes foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE.

DINHEIRO EMPRESTA-SE SOBRE PROPRIEDADES A CONFIDENTE
Rua do Ouro, 292 LISBOA

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos

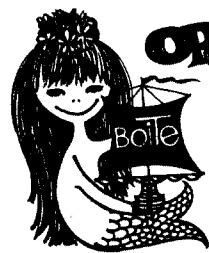
FIOS PARA TRICOT

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.

Descontos especiais às tricoteiras
FILIAIS E DEPOSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

OBRAÇÃO NAU

M/21 ANOS



1.ª classe — c/ utilidade turística

R. Pinheiro Chagas, 1-3
Tel. 51501 — LISBOA

Direcção de RUY CASTELAR

HOJE, PRIMEIRO GRITO DE CARNAVAL

o autêntico Carnaval Carioca com a Escola de Samba «OS VAPORES DO RÉGO» ainda o espectacular Conjunto «OS JETTERS» e alta-fidelidade «GRUNDIG»

Tudo isto e aquela «Feijoada à Brasileira» que você gosta.

RECAUCHUTAGEM DE PNEUS

A MELHOR QUALIDADE AO MELHOR PREÇO

SARAIVA & GONZALEZ, LDA.

AV. DUQUE DE AVILA, 26-B

TELF. 531094 - 51963

LISBOA

TV

DL/ESPECTÁCULOS

INFORMAR, MENTALIZAR, SANEAR

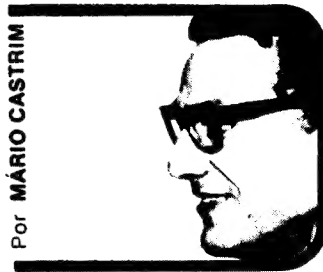
«Sem estar informada, a população não colabora» — disse-nos ontem o dr. Arnaldo Sampaio, director-geral de Saúde. Sem informação adequada, não apenas as populações não colaboram como não agem, não exercem pressão sobre os responsáveis, não fazem sentir a sua força na resolução dos muitos problemas.

Tudo se passou numa mesa-redonda dedicada ao saneamento do ambiente. Da mesa-redonda participavam ainda o presidente da Câmara Municipal da Moita, Vítor de Sousa, e os engenheiros José Nobre Santos e Armando da Lencastre.

Se bem compreendemos, principalmente pelo depoimento de Armando de Lencastre, trata-se de mentalizar o público para a aceitação de mais um sacrifício: as populações dos centros urbanos precisam de estações de tratamento de esgotos, precisam de fornecimento de água potável, precisam de se livrarem do lixo? Precisam, sim senhor. Pois então não há outro remédio senão abrir os cordões à bolsa.

Mas pois claro, quem há-de, senão as populações, abrir os ditos? Qualquer pessoa com um pouco de bom senso concordará que não são as coisas indispensáveis aquelas que mais custa a pagar. E se são indispensáveis as acções de saneamento do ambiente! O dr. Arnaldo Sampaio foi bem explícito, melhor dizendo: foi terrivelmente explícito: o saneamento do meio ambiente deve ter prioridade absoluta em todos os planos. Porquê? Também lhe ouvimos dizer: porque está provada a correlação entre o mau saneamento e a doença. Além que pode assumir extrema gravidade, ao lado da poluição do ar, a poluição do solo. A expressão solene com que Arnaldo Sampaio reforçou as suas palavras significa mais do que uma informação: significa um aviso. Significa a denúncia de uma ameaça.

As populações compreendem, pois, que têm de pagar. As populações compreenderão também, no entanto, que não foi por mero acaso que o pro-



Por MÁRIO CASTRIM

blema se levantou agora e só agora. Compreenderão que o surto turístico estará, em grandíssima parte, na origem das iniciativas que não se anunciam ainda, mas se sugerem. Compreenderão que no processo que se desencadeia, o turismo deverá assumir igualmente as suas responsabilidades.

Igualmente compreenderão as populações que as despe-

sas com a resolução dos múltiplos problemas haverão de ser distribuídas tomando em consideração a parte com que cada categoria da população entre no agravamento do problema.

Enfim, faça-se o que se fizer não há dúvida de que tudo virá a recair sobre as populações. Mas que se faça. E que não demore muito o processo de mentalização, mas vão para as populações, pois essas não

precisam muito. Essas conhecem, na sua própria carne, na dureza das suas vidas quotidianas, o que representa não ter água em casa, nem esgotos. Sabem bem o que representa ir deitar os restos a lixeiras perto das casas e a incomodidade, e os maus cheiros, e as moscas, e as doenças. O esforço de mentalização deve dirigir-se, antes, certos elementos da chamada «élite».

Faço votos por que, em breve, Portugal se veja munido de uma forte couraça saneadora. Problemas sem conto se vão levantar, disso não tenham os técnicos e os outros a menor dúvida. Está claro que não percebo nada do negócio mas não deixo de ficar pensativo diante das palavras de José Nobre Santos.

Segundo nos disse o engenheiro, o nosso País não é tão abundante de água como ge-

ralmente se pensa. Para se abastecer determinados aglomerados urbanos é preciso, às vezes, ir buscar a água a uma distância de 60 quilómetros — e mais!

Foi dito que o objectivo desta reunião era elucidar o público. Não se pode dizer que o público tenha ficado bem elucidado, mas a verdade é que se tratou apenas de um primeiro passo. Primeiro passo num sentido que mal se descortina ainda. Ver-se-á pela continuação.

Seja como for, estão de pé as palavras do médico Arnaldo Sampaio: o acto de informar, de esclarecer em tudo quanto ao saneamento diz respeito, é uma obrigação dos indivíduos e das instituições.

O saneamento, em todas as suas formas, exige realmente a prioridade em todos os planos.

Neve em Marvão

Por informações colhidas de bordo dum barco meteorológico francês, entre o Cabo de Finisterra e a Inglaterra, uma estação de rádio daquele país, transmitiu um boletim meteorológico de certa maneira alarmante, prevendo uma ondulação, ao longo da costa portuguesa, de cerca de 10 a 14 metros.

Contactados pelo «DL» os serviços meteorológicos e a Rádio Naval, foram informados de que houve grande exagero na notícia, provocada talvez, segundo os especialistas, por uma ondulação mais forte do que a habitual, na zona em que o mesmo barco se encontra.

Prevê-se pois, ao largo da costa portuguesa uma ondulação forte de noroeste com um máximo de três a quatro metros. Eventualmente pode parecer uma onda solitária que atinja os 5 metros.

Os barcos meteorológicos que estão de serviço, não transmitiram, nas suas previsões, nenhuma indicação semelhante à notícia transmitida pela estação de rádio francesa.

Tudo o país se encontra sob uma vaga de mau tempo, com períodos de céu muito nublado, intermitências de sol e chuva e rajadas de vento bastante forte. Tem nevado bastante em diversas regiões do país, sobretudo nas zonas dos distritos de Bragança e Vila Real, onde nas serras, a camada de neve atinge já elevada espessura. Durante a noite e o dia de ontem nevou na serra do Marvão e vários veículos ficaram bloqueados na estrada. Na região sul, a vila de Marvão está coberta de neve.

"Os Lusíadas" em japonês

Numa altura em que se comemora o IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», foi publicada no Japão a 1.ª tradução japonesa de «Os Lusíadas».

Trata-se de uma antologia, e não da tradução de todo o poema. Masuo Yanagi, presidente da Sociedade Luso-Nipónica do Japão esclarece, em nota inserta na publicação, que ao seleccionar os episódios a traduzir para japonês teve-se em mente «aquilo que poderia despertar maior interesse entre os leitores japoneses e habilitá-los a fazerem uma ideia do seu conjunto, amplo e gigantesco».

A edição, de excelente apresentação gráfica, é ilustrada com gravuras de Fragonard e outras, e contém passagens dos Cantos I, III, IV, V, VI, IX, X.

Ná própria edição anuncia-

se para breve a publicação de «uma tradução completa de grande rigor, que permitirá aos leitores japoneses conhecerem o verdadeiro valor deste poema épico».

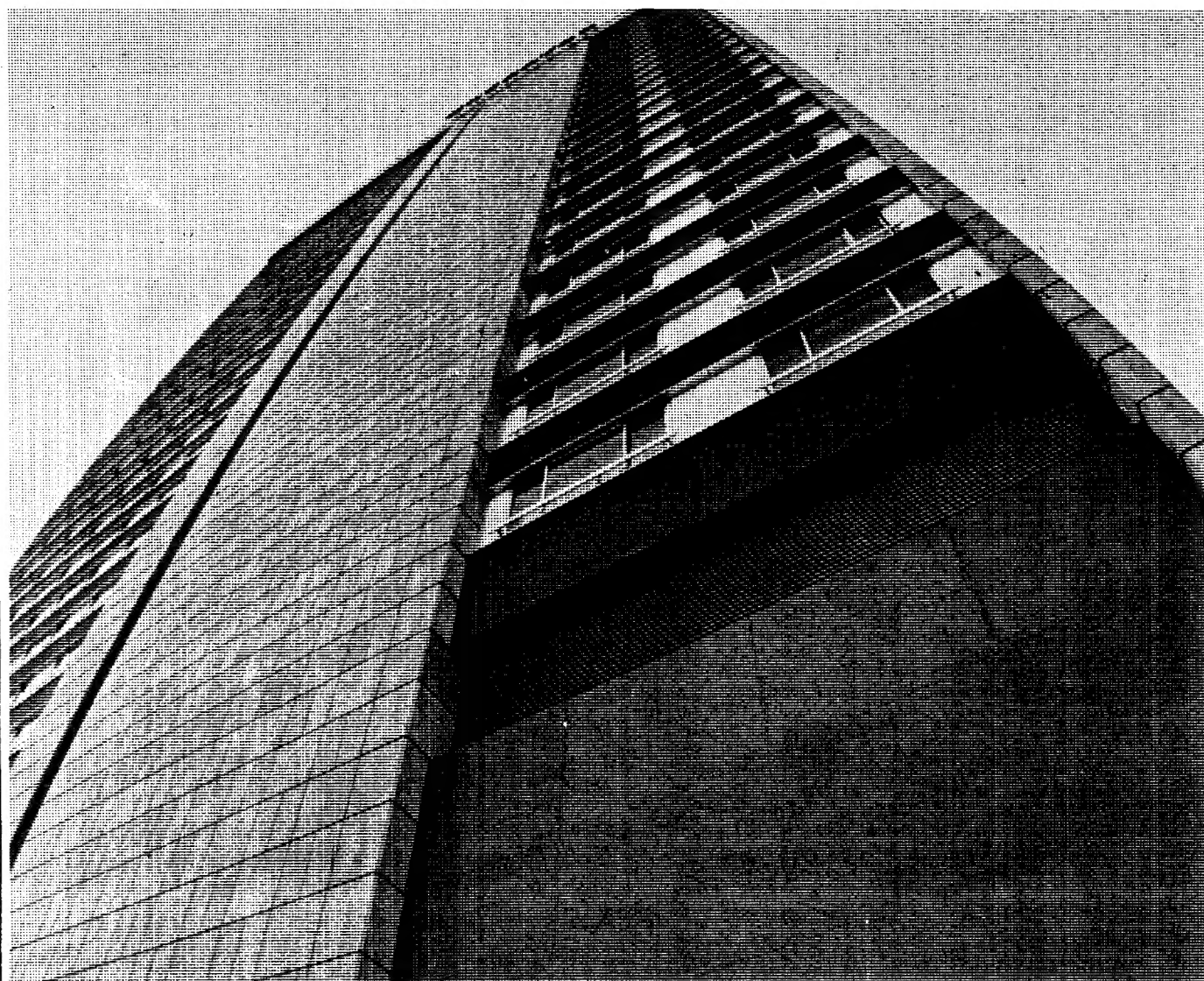
A REFORMA DOS HOSPITAIS

Os administradores de hospitais integrados, drs. José Joaquim Nogueira da Rocha e José Mendes da Silva Morgado foram destacados para os Serviços Centrais, a fim de estruturarem e orientarem as Direcções de Serviços de Aprovisionamento e Pessoal, respectivamente e designados para fazerem parte, como vogais, das comissões de reforma dos Hospitais de D. Estefânia e de Arroios, o dr. Raul Repas Gonçalves; do Hospital de Santa Marta, o dr. António Teodoro da Silva Taborda Pignatelli e do Hospital do Desterro, o dr. Fernando Augusto Henriques Pimenta.

Os drs. Fernando Leal, Fernando Augusto Henriques Pimenta e Alberto Eduardo Doherty Faria de Moraes mentem-se, respectivamente, como administradores dos Hospitais de Santo António dos Capuchos, de São José e de Curry Cabral.

COOPERAÇÃO ECONÓMICA

Foi nomeado presidente da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa o vice-presidente, eng. Carlos Eugénio Rogenmoser Lourenço.



As novas pirâmides

Os homens constroem novas cidades. As pirâmides dos nossos dias encerram mundos dentro de si. Mundos cheios de movimento, de vida, de agitação. Mundos que têm um futuro a cumprir, para o qual os devemos conservar. Esses mundos merecem uma nova cor, uma tinta que os proteja, que proteja a vida que os habita, uma cor de amanhã.

A partir de agora quando escolher tintas, insista em Robbialac.

Robbialac

é vida nova

Robbialac Portuguesa é membro do grupo mundial Berger Paints

DL/ESPECTACULOS

Olga Palácios amanhã no Instituto Alemão

Com início previsto para as 18,30 horas e com o patrocínio da Embaixada Argentina, será realizado amanhã, no Instituto Alemão, um concerto pela pianista Olga Wolf Palácios. Este concerto marca, por outro lado, o início de uma temporada da artista pela Europa, com actuações anunciadas para Madrid e Paris, onde permanecerá três meses.

No programa de amanhã estão incluídas obras de Albeniz, António Soler, Beethoven, Debussy, Blas Galindo, Lorenzo Fernandez e Ginastera.

A ARTISTA

Olga Wolf Palácios nasceu na Província de Buenos Aires. Iniciou os seus estudos na capital argentina, aperfeiçoando-se mais tarde com Jorge Llewellyn. Estudou técnica e inter-

pretação pianística com Martha Bronstein de Levin.

Em 1961 Olga Wolf Palácios, na qualidade de bolsista do Conselho Britânico, assistiu aos cursos de aperfeiçoamento da Real Academia de Música de Londres. Actualmente a pianista é professora titular da cátedra de piano nos Conservatórios «Gilardo Gilardi», de La Plata e «Juan José Castro», de Martinez, ambos dependentes do Ministério da Educação argentino.

Da sua carreira destacam-se diversas actuações no interior da Argentina, além de apresentações no estrangeiro, onde participou de várias audições do Conselho Britânico, transmitidas pela BBC, além de temporadas no México, Peru, Costa Rica, Guatemala, Panamá, Honduras e Nicarágua.

"CINCO MINUTOS DE JAZZ": CONCERTO E EXPOSIÇÃO NA FESTA DE ANIVERSÁRIO

No próximo dia 21 o popular programa da Rádio Renascença «Cinco Minutos de Jazz» comemora mais um aniversário, ao qual corresponde o elucidativo número de 2 500 emissões ao serviço da divulgação do Jazz em Portugal. Segundo nos informou José Duarte, responsável pelo programa desde a primeira hora, o evento vai ser assinalado como merece.

Assim, estão programados um concerto e uma exposição, ambos a realizar no decorrer do próximo mês de Maio. O primeiro será realizado no Monumental, no dia 29 de Março, e terá como protagonista o

quarteto de Frank Wright no sax, Alan Silva no contra-baixo, Bobby Few ao piano e Muhammad Ali na bateria. Quanto à Exposição, ela realizar-se-á na Galeria Opinião, com início a partir do dia 5 do mês que vem, e terá o título provisório de «Imagem, Som e Bibliografia de Jazz».

Na base destas realizações estão a Rádio Renascença, a Opinião, a Sassetti e, evidentemente, José Duarte, que nos assegurou, referindo-se ao concerto que está a organizar: «Vai ser um acontecimento sensacional!».

Esperemos que tudo se confirme. E tudo leva a crer que sim.

MARTINHO DA VILA: O SAMBA EM LISBOA

A sua chegada, ao meio-dia de ontem, ao aeroporto da Portela, Martinho

da Vila, um grande senhor do samba, a sua «troupe»: «Carlinhos do Pandeiro»,



A chegada ao aeroporto

«Zeca da Quica», «Jorginho cidadão do samba», «Serginho», «Rosinha de Valença» e «Manuel do Cavaco», pisava pela primeira vez solo europeu. E, logo à primeira, chegou com 24 horas de atraso. Que «ontem seu» Martinho fazia anos e era melhor vir hoje. Foi por isso que, sem mais delongas, o representante da RTP, para a qual os sambistas vieram gravar um programa, os conduziu de pronto ao local de gravação. Ai começou a boa disposição, que se esboçara desde o desembarque.

Martinho e sua gente: vinham com um programa que começava em Lisboa, ia até à Costa do Sol e, depois, terminava em Paris. «Mas não devo ir a Paris, não. Quero saber como é mesmo isto por aqui».

SAMBA

A música brasileira, o samba velho, começou a ouvir-se às primeiras horas da tarde de ontem numa sala de Lisboa. Martinho da Vila, «patrão» de uma escola de samba, dizia:

«Convidaram-nos para fazer o Carnaval em Lisboa. Recebemos, também um convite para Luanda. Mas Carnaval tem de ser mesmo no Brasil».

Saudades, em tão pouco tempo?

«Também. Mas primeiro porque minha escola de samba precisa me ter nessa altura».

Enquanto o samba crescia, aumentava o agrado de quem assistia ao espectáculo, ou melhor, à sua gravação. Entretanto, cresciam e ultrapassavam-se o «Zeca da Quica», o «Serginho», todos. À frente, mais acima, o som do «Carlinhos do Pandeiro». E, enquanto isto, Martinho da Vila confessava os seus gostos sobre música brasileira (e não só). Ele, que a conhece por dentro tão bem como os que a vivem, como ele, há muito tempo, dizia:

«Gosto muito do Chico Buarque de Holanda e do Paulinho da Viola».

Entre outros gostos, brasileiros por excelência, Martinho tem naturalmente, o da cachanga (que, na tarde de samba que Lisboa ontem teve, foi substituída por whisky). De samba, «nem precisa falar!».

Cinema no Mundo

ESTADOS UNIDOS

HOLLYWOOD — A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anunciou que em 27 de Março será atribuído um «Oscar» especial, a título póstumo, ao actor Edward G. Robinson, há pouco falecido, com 79 anos, pelo seu grande contributo para o cinema.

HOLLYWOOD — Jack Palanca formou a sua própria sociedade, para a qual adquiriu já os direitos de adaptação ao cinema de um romance de Paul Bowles que tem por título «The Streak» e que ele próprio vai realizar. A seguir tem programada a rodagem de um filme intitulado «Três Contra a Guerra no Vietname».

ITÁLIA

ROMA — Tem argumento de Federico Fellini e Tonino Guerra o próximo filme de Fellini, que provavelmente se intitulará «Amarcord: L' Uomo Inverso». Relativamente ao «cast», Fellini declarou: «Não posso garantir, mas estou tentado a excluir a presença de um Marlon Brando ou de uma Liz Taylor. Por agora o rosto de que preciso é o de qualquer pessoa, um rosto desses que levam o espectador a encontrar-se a si próprio».

BULGÁRIA

SOFIA — O polaco Daniel Olbrihski é o actor estrangeiro mais popular na Bulgária, revela uma sondagem realizada pela União dos Cineastas Búlgaros. Em segundo lugar encontra-se Gian Maria Volonté, seguido do russo Donatas Banionis. Entre as actrizes estrangeiras, a mais popular é Jane Fonda, seguida pela húngara Marie Teurocik e pela soviética Irina Miroshnitzenka.

CANADA

OTAVA — Segundo os cálculos de Peter Morris num livro intitulado «Shakespeare On Film», saído a lume para comemorar o quarto centenário do nascimento do dramaturgo inglês, os filmes realizados, quer para a televisão, quer para o cinema, baseados nas obras de Shakespeare, somam 73.

...A tragédia shakespeariana que mais atraiu os realizadores foi o «Hamlet», do qual se contam já dez versões.

Nota curiosa: o primeiro «Hamlet» filmado é da autoria do indiano Sohrab Modi e foi realizado em 1935.

ESPAÑA

HUELVA — Mario Vargas Llosa, romancista peruano que vive em Espanha, declarou ter entregue ao editor a sua última obra, «Pantaleón y Las Visitadoras», história sem fundo social ou político, passada num povoado peruano de Iquitos.

É possível que o romance seja apresentado pelo cinema, em co-produção franco-espanhola, dirigida por José María Gutiérrez.

TEATRO AMADOR : CURSO INTENSIVO NO TRINDADE

Para um grupo de pessoas recrutadas entre os componentes dos diversos grupos do país, iniciou-se esta manhã, no

Teatro da Trindade, um curso intensivo para orientadores distritais de teatro amador. O curso, que tem a orientação de Jacinto Ramos, Tomás Ribas, dr. Lucena e Vale, Fernando Ribeiro Teles, Jorge Rocha Leonel Silva e Frederico Arouca, compreende as seguintes matérias: Teoria e prática de encenação, História e Filosofia do Teatro, Estética da Encenação, Psicossociologia dos grupos amadores, Psicodrama artes plásticas no teatro, Sonoplastia e Luminotécnica.

Para os alunos, estão ainda programadas uma visita guiada ao Teatro Nacional de São Carlos e assistência a diversos espectáculos, seguida de mesas-redondas sobre os mesmos.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos :

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

28.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com JOSÉ VIANA
no protagonista

**SUA EXCELENCIA
O PENDURA**

com

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luis Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luis Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Artur Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

3.ª feiras: descanso

HOJE

A NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h
TELEF. 55 51 33

UM FANTASMA
REVISTA DE BOM
LETRAS E CANTORES
no Teatro
MONUMENTAL

UMA PRODUÇÃO DE
VASCO MORGADO
COM

CAMILO de OLIVEIRA
EM

**MULHERES
E COMIGO!**

COM **ADA BAPTISTA**

MARGARIDA MAUPERRIN

E ANDA
LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA

**THE RED ROSE
BALLET**

AMANHÃ: 2 sessões,
às 20.45 e 23 horas

4.ª Feiras: descanso da Comp.

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

8.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS

**Sexo, nunca!
somos britânicos...**

No elenco

IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS

Encenação de

Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — AS 21.45 H.
4.ª FEIRAS — Descanso da Comp.
6.ª FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: AS 20.45 E 23 HORAS

DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

GIL VICENTE

CASCAIS

HOJE, às 22 horas
Domingo — Só às 17 h.

AS CRIADAS

de GENET

SÓ ATÉ AO DIA 25

Telef. 280919 — M/ 18

PEPE NIETO NO FESTIVAL

Pepe Nieto, o orquestrador espanhol responsável pelos arranjos dos «Aguaviva», o famoso agrupamento do país vizinho que já uma vez nos visitou, virá a Portugal por alturas do Festival da Canção. Sendo, como é, o orquestrador da canção «Minha Senhora das Dores», que Luis Duarte vai cantar ao certame maior das cantigas portuguesas, virá, também, dirigir a orquestra do Grande Prémio.

ORA DIGA-NOS:

Que lhe lembra a crise monetária?

Desvalorização do dólar. Problema que tem levantado celeuma em todo o mundo. Os responsáveis pela alta financeira reúnem-se na tentativa de debelar a crise; na esperança de solucionar graves problemas monetários.

O turista é um dos grandes prejudicados com a quebra da moeda. Chegam aos bancos, aos hotéis ou às casas de câmbio e observam com surpresa que estão mais «pobres». As vezes não lhe fazem mesmo a troca e então a sua preocupação aumenta. Com dinheiro no bolso e sem se poderem movimentar! Depois, quando fazem as contas, vêm-se obrigados a alterar o seu programa de férias ou a «apertar a bolsa».

Procurámos saber como reagem os turistas nestas circunstâncias ou noutras idênticas. Se se lembram de alguns episódios ocorridos durante a crise monetária?

A norte-americana Eckstein, 34 anos, encontra-se em Portugal de passagem para Marrocos. Disse-nos:

«Já não é a primeira vez que venho ao estrangeiro e sou apanhada pela desvalorização do dólar. É azar! É um grande aborrecimento não nos querermos aceitar o dinheiro. Até parece que tem lepra! Agora os vossos bancos trocam-nos pequenas quantias, mas de qualquer maneira estragam-nos os nossos planos. Da outra vez, estava noutro país europeu e como quase não tinha dinheiro, resolvi pedir emprestado. Ouve uma pessoa ao meu lado que disse: «Pois é, vêm para férias sem dinheiro. Cá comigo nem um cêntimo lhe empresto». É quase desesperante ter dinheiro na algibeira e ninguém o aceitar.

Artur Nunes Gomes Guerreiro, funcionário de um hotel da capital, tem um episódio bastante interessante para contar a propósito de desvalorizações. Diz-nos:

«Foi aí há uns três anos, quando da desvalorização da libra. Calhou num fim-de-semana e nunca vi tanta libra. Não me lembro, mas creio que estava a oitenta e tal escudos. Nós estabelecemos um determinado valor para a moeda. Sairam-nos as contas furadas e nós perdemos mais de sete contos. Nunca pensamos que a libra pudesse descer tanto. Mas geralmente não há problemas com os estrangeiros. Quando vêm ter connosco, já sabem da situação da moeda e reagem normalmente. Mas dos sete contos é que eu não me esqueço!



Miss Monroe: «Durante férias não falo de política».

Na maioria dos hotéis onde estivemos, afirmaram-nos que continuam a cambiar o dinheiro aos turistas, mas com reservas. Estabelecem o preço do câmbio e se o valor da moeda ficar superior ao que tinham calculado, restituem-nos através de moradas registadas. «Os estrangeiros aceitam a situação com grande presença de espírito. Aliás não temos culpa, que a moeda deles fosse desvalorizada. Mas nós continuamos a aceitar o pagamento e as trocas através do dólar» — declarou-nos Carminda Martins de um outro hotel lisboeta.

O rececionista António Pe-



Miss Eckstein: Até parece que o dinheiro tem lepra!



António Pereira da Silva: «Reembolsamos os clientes prejudicados».

reira da Silva também não se recorda de algum episódio com um estrangeiro a propósito da desvalorização. «Apenas ficam surpreendidos. Agora nem sequer tivemos muitos problemas, pois estamos numa altura do ano em que o turismo não é muito intenso. Quando houve aquela desvalorização da moeda em Maio passado, reembolsámos aqueles clientes que tinham ficado prejudicados. Mas tudo se processa sem discussão!»

A nossa última interlocutora é também norte-americana. Chama-se Miss Kurby Monroe. Mal lhe falámos em desvalorização, respondeu-nos peremp-



Carminda Martins: «Os turistas aceitam a situação»



Artur Gomes Guerreiro: Perdemos sete contos...

tória:

«Não falo nisso. Não me interessa falar em política, mesmo que ela seja do meu país, quando estou em férias.

«Mas apenas queremos que nos conte algum episódio que lhe tenha acontecido por causa da quebra do dólar?

«Não tenho nada a declarar. Mas já reparou nos embaraços em que se via se o caso se passasse consigo? Meter a mão na algibeira e saber que o mesmo dinheiro vale agora menos? Que já não pode comprar tudo o que queria? É uma grande mágoa. Episódio? Quer história mais aborrecida do que a própria desvalorização?»

Colaboração Industrial Luso-Britânica

A fim de participar na 2.ª sessão da Comissão Luso-Britânica para a Cooperação Industrial partiu, para Londres, o secretário de Estado da Indústria, dr. Hermes Augusto dos Santos.

Acompanhavam-no importante delegação constituída por altos funcionários daquele departamento e ainda o director do Gabinete da Área de Sines e o director-geral dos Combustíveis e Reactores Nucleares, da Junta de Investigação Nuclear.

A agenda de trabalhos da sessão inclui a discussão de assuntos de interesse para a indústria portuguesa, sendo de destacar os referentes à assistência técnica a pequenas e médias empresas, ao apoio à instalação e funcionamento dos centros técnicos sectoriais, ao lançamento de parques industriais e à colaboração da indústria britânica na concretização de empreendimentos projectados para os próximos anos.

Regozijo em Mafrapela criação de mais postos de trabalho

MAFRA, 14 — Causou o mais vivo regozijo não só nesta vila, mas em todo o concelho de Mafrá, a notícia dada em primeira mão pelo «Diário de Lisboa», da instalação nesta terra de uma importante unidade fabril que virá a facultar trabalho a cerca de duas centenas de pessoas, logo que a fábrica esteja em laboração plena.

Os projectos do empreendi-

mento estão concluídos e a localização da fábrica com associação de capitais espanhóis encontra-se definida, em terrenos junto ao Matadouro Municipal.

Na região existe uma única empresa industrial, sendo certo que, com a nova fábrica, aumentarão substancialmente os postos de trabalho e melhorarão as condições sociais da população.

Câmaras Municipais

Uma portaria do ministro do Interior, enviada para o «Diário do Governo» pela Direcção-Geral de Administração Política e Civil, nomeia o eng.º José Aniceto Gonçalves Pinheiro, para o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Constância.

Por outras portarias do ministro Gonçalves Rapazote, foi exonerado a seu pedido do cargo de vice-presidente do Município de Gois, o dr. Armando da Conceição Simões e reconduzido na vice-presidência da Câmara de Ansião, o sr. Alfredo Dias Coelho.

Município de Oeiras

Em reunião da Câmara Municipal de Oeiras, a que presidiu o eng.º Armando Subtil, foi apreciado o projecto de ampliação dos mercados da Amadora e de Algés, tendo sido encarregados os Serviços de Urbanização da execução dos respectivos trabalhos. Entre outros assuntos, foi também deliberado oferecer à Junta

Nacional das Frutas, para instalação dos seus postos abastecedores, a utilização dos mercados do Bairro Janeiro e da Reboleira, por os mesmos não serem procurados pelos comerciantes. Ainda relativamente a mercados, foi deliberado acabar com os actuais mercados de levante e substituí-los por definitivos.

Aplicação dos electrodos

Sob os auspícios do British Council, visita Portugal de 18 do corrente a 2 de Março, o dr. G. J. Kakabadse, professor do Departamento de Química do Instituto de Ciências e Tecnologia da Universidade de Manchester (Inglaterra). De 19 a 27, o visitante fará, no Porto, uma série de conferências, debates e demonstrações práticas sobre «O uso e a aplicação dos electrodos ião-selectivos», para professores e alunos universitários. Seguirá depois para Coimbra, onde no dia 28 fará na Faculdade de Ciências sobre «Os electrodos ião-selectivos; princípios, esfera de acção e limitações» e «Os electrodos ião-selectivos no controle da poluição».

APTIDÃO À UNIVERSIDADE

MAIORES DE 25 ANOS

O Externato BOCAGE vai iniciar em 15/2 a preparação intensiva e adequada Próximo de Sete-Rios frente ao 325 da Est. de Benfica Tel. 78 24 64

Relações Públicas

Grande empresa admite jovem até 30 anos, saiba Inglês-Francês para serviço interno e externo.

Lugar de futuro. Guarda-se sigilo. Resposta com informações a este jornal ao N.º 721.

SÃO JORGE

HOJE ÀS 21.30

GRANDE ESTREIA!

na boa tradição dos policiais ingleses
COSTO DA VINGANÇA
'Revenge'

JOAN COLLINS

JAMES BOOTH

Grupo D
18 anos

RAY BARRETT
SINEAD CUSACK
KENNETH GRIFFITH



COLORIDO



DL/GERAL

Um convite ao terror!

PETER CUSHING/JOAN COLLINS



"O TÚMULO DO TERROR"
— tales from the crypt —

Um filme de FREDDIE FRANCIS
com ROY DOTRICE · RICHARD GREENE · IAN HENDRY
Technicolor · Grupo D 18 anos

HOJE ESTREIA ÀS 21.45

Mário Cesariny expõe hoje na São Mamede

Não creio que um artista deva expor anualmente o seu trabalho. Por isso não acho que haja nada de extraordinário no facto da minha última exposição ter sido realizada há dois anos atrás. O artista, no meu entender, necessita de tempo para rever o seu trabalho, para analisar o seu conjunto, seleccionando depois, para uma amostragem, aquilo que ele considera ser mais representativo daquilo que quer expressar. Pessoalmente, utilizo-me desse critério para as minhas exposições: para que haja um sentido de unidade, como o que procuro mostrar nesta série de 15 quadros, agora expostos.

As palavras são do surrealista Mário Cesariny Vasconcellos, considerado um dos mais notáveis artistas portugueses vivos. Foram pronunciadas durante o bebede organizado pela Galeria São Mamede para apresentar à imprensa, não apenas a mostra — que será inaugurada oficialmente no princípio da noite de hoje —, mas, e principalmente, as suas modernas instalações. Na ocasião, explicando melhor o seu trabalho, Mário Cesariny acrescentou:

De entre o que tenho destes últimos dois anos, escolhi 15 quadros que serão 11 crucificações em detalhe, um Tríptico levado, ou trazido, ao Zaratustra de Nietzsche e um retrato de Jean Genet. Sem que hajam obedecido a espécie alguma de plano prático ou de ideia geral, durante os tempos de feitura, decerto que a sua exposição conjunta tem para mim o valor de um sinal que me esforço também por resolver.

Esta é a 9.ª exposição individual de Mário Cesariny, um dos nomes mais representativos da

corrente surrealista na arte e literatura em Portugal. Outras, segundo ele próprio anuncia, serão realizadas brevemente em Milão e Bruxelas. Também para os próximos dias apresentarei um novo livro, «Tifânia, História Hermética em Três Religiões e um só Deus Verdadeiro com Vistas a Mais Luz como Goethe Querla». Trata-se de uma novela escrita em 1953 e até hoje inédita, que é ainda acompanhada de seis interpretações plásticas de Cruzeiro Seixas. Este livro, aliás, já está traduzido para o espanhol, francês, inglês, italiano e holandês.

OS QUADROS

Pintados em tonalidades claras, que contrastam fortemente com azuis e vermelhos, os quadros de Cesariny estão repletos de espaços a sugerir paisagens aqui, ou em outros casos, uma quase viagem, no sentido alucinatório da palavra. Plásticamente bem realizados, os 15 trabalhos apresentados possuem ainda uma capacidade de sugerir ao espectador, no sentido de que a sua observação venha a completar as intenções do artista, uma série de interpretações. Com o nome genérico de «crucificação em detalhe», o pintor nos faz desfilhar diante do que poderia ser parte sectionada e ampliadas dos corpos, talvez humanos, ou, quem sabe, de aves e animais. Também aqui o espectador poderá quedar-se apenas na contemplação cromática, indagando-se se teria ou não o pintor, intenções figurativas, de acordo com a tradição surrealista. De facto a figura, tal como ela nos é apresentada realisticamente, não está presente nos quadros, sequer no retrato de Jean Genet, que vem a ser, des-

ta forma, uma visão interiorizada do ladrão sublime, segundo o artista. Aliás, durante as explicações aos jornalistas, Mário Cesariny explicou que o retrato de Jean Genet foi-lhe sugerido pela visão que teve do dramaturgo e da sua obra, após ver a encenação de As Criadas, actualmente representada entre nós pelo Teatro Experimental de Cascais.

Durante o seu encontro com a imprensa, na antevéspera da abertura da sua exposição na Galeria São Mamede, Mário Cesariny distribuiu ainda um pequeno texto-manifesto, onde faz uma classificação dos surrealistas portugueses, lista esta que poderá ser origem, nos próximos dias, de algumas polémicas:

«São surrealistas na pintura (actualmente): Eduardo Luís, Malagatana Valente, Lurdes Castro, René Bertholo, Raul Perez, Gonçalo Duarte, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Eurico Gonçalves, Leonor Praça, Lima de Freitas, José Escada, Martim Avillez.

Foram pintores surrealistas: Vieira da Silva, António Pedro, Fernando de Azevedo, João Moniz Pereira, Vespêira, António Domingues, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernan-



do José Francisco, Mário Henrique Leiria, António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, Manuel d'Assumpção, João Rodrigues, Dante Júlio, Francisco Aranda e Jorge Oliveira.

Fizeram acto de total adesão ao surrealismo:

António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Mário Henrique Leiria, João Rodrigues, Ernesto Sampaio e António José Forte.

São surrealistas na poesia: Irene Lisboa, João Pedro Grubato Dias, António Osório, Raul de Carvalho, Natália Correia, Luísa Neto Jorge, Ana Hatherly, António José Forte, António Barahona da Fonseca e João Rodrigues.

São precursores do surrealismo português:

Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Camilo Pessanha, Raul Brandão, Florbela Espanca, Teixeira de Pascoas, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Edmundo de Bettencourt, Adolfo Casais Monteiro, poetas. Amadeo de Souza Cardoso e Santa-Rita, pintores».

W. D.

Conferências sobre desenho

Encontra-se em Lisboa o pintor e professor suíço-francês Jean Pierre Chabloz, que vai abrir (22 de Março próximo), no Palácio Foz — em colaboração com um brasileiro, Tadeu Nobre Rodrigues — uma exposição de Pinturas e Desenhos, patrocinada pelos Embaixadores da Suíça e do Brasil. Pedagogo e divulgador, com numerosas realizações (cursos e Conferências) na Suíça e no Brasil,

o professor Jean-Pierre Chabloz vai proferir no Auditório do Museu João de Deus 3 conferências: «O Olho Lúcido» (hoje às 18 h 30); «Pontos de Vista» (segunda-feira, 19, às 18 h 30) e «Do Individual ao Universal» (quarta-feira, 21, às 18 h 30), conferências que são ilustradas com projecções luminosas.

Novo administrador da Gulbenkian

Em reunião do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, o Professor Ferrer Correia, servindo de presidente, no impedimento (por doença) do dr. Azeredo Perdigão, deu posse, no cargo de administrador da mesma instituição, a Kevork Loris Essayan, nomeado recentemente para tais funções.

Presentes no acto de posse: o embaixador Marcello Mathias, Roberto Gulbenkian, eng.º Luis de Guimarães Lobato, dr. Victor de Sá Machado e membros do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian.

Conferência sobre «Os Lusíadas» na Universidade de Zurique

A convite da respectiva Universidade, deslocou-se a Zurique o prof. dr. Américo da Costa Ramalho, director da Faculdade de Letras de Coimbra e membro da Comissão Nacional do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», para proferir uma conferência sobre «Os Lusíadas».

A sessão, que teve lugar no dia 8 de Fevereiro corrente, decorreu com o maior êxito, tendo estado presentes o embaixador de Portugal em Berna e o cônsul em Zurique.

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Ela mudou de vida... quando o marido mudou de ideias.



MULHERES sem marido

"One Is A Lonely Number"



com TRISH VAN DEVERE MONTE MARKHAM JANET LEIGH

Realização de MEL STUART

O drama das mulheres solitárias.

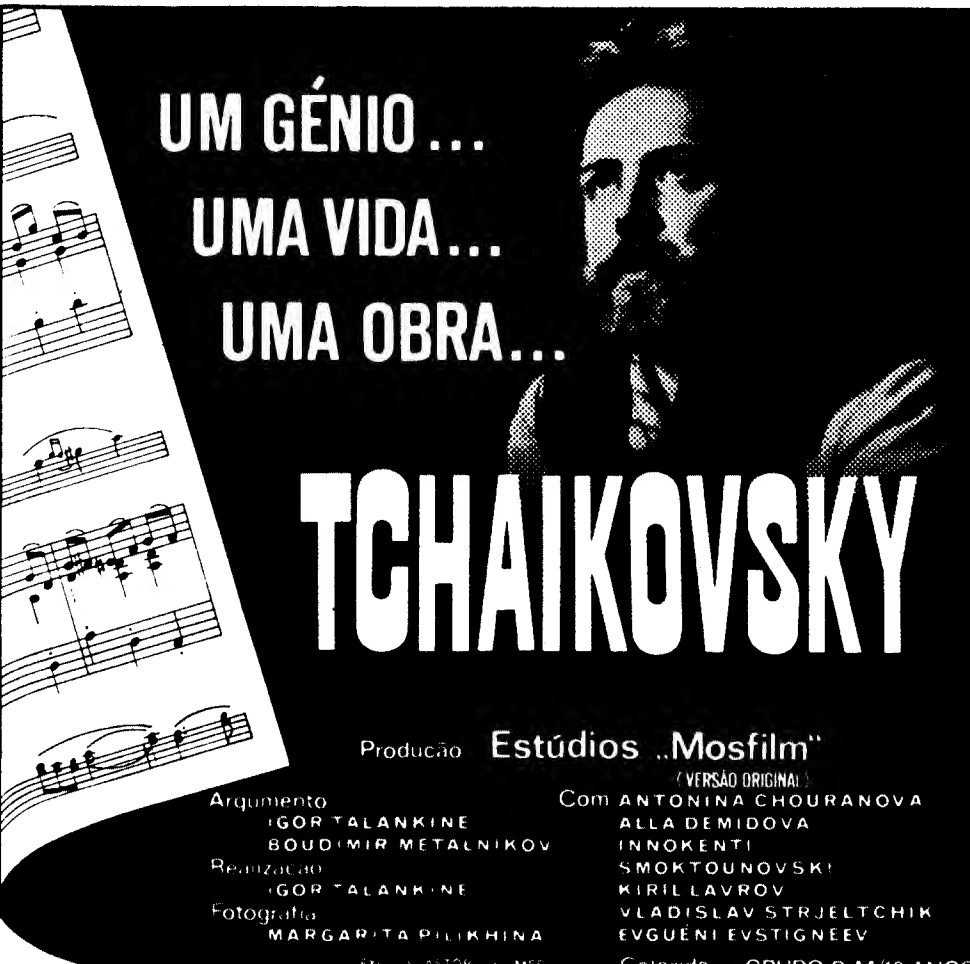
AMANHÃ, ESTREIA

GRUPO D - 18 ANOS

CONDES

METROCOLOR

UM GÉNIO...
UMA VIDA...
UMA OBRA...



TCHAIKOVSKY

Produção Estúdios „Mosfilm“

(VERSÃO ORIGINAL)

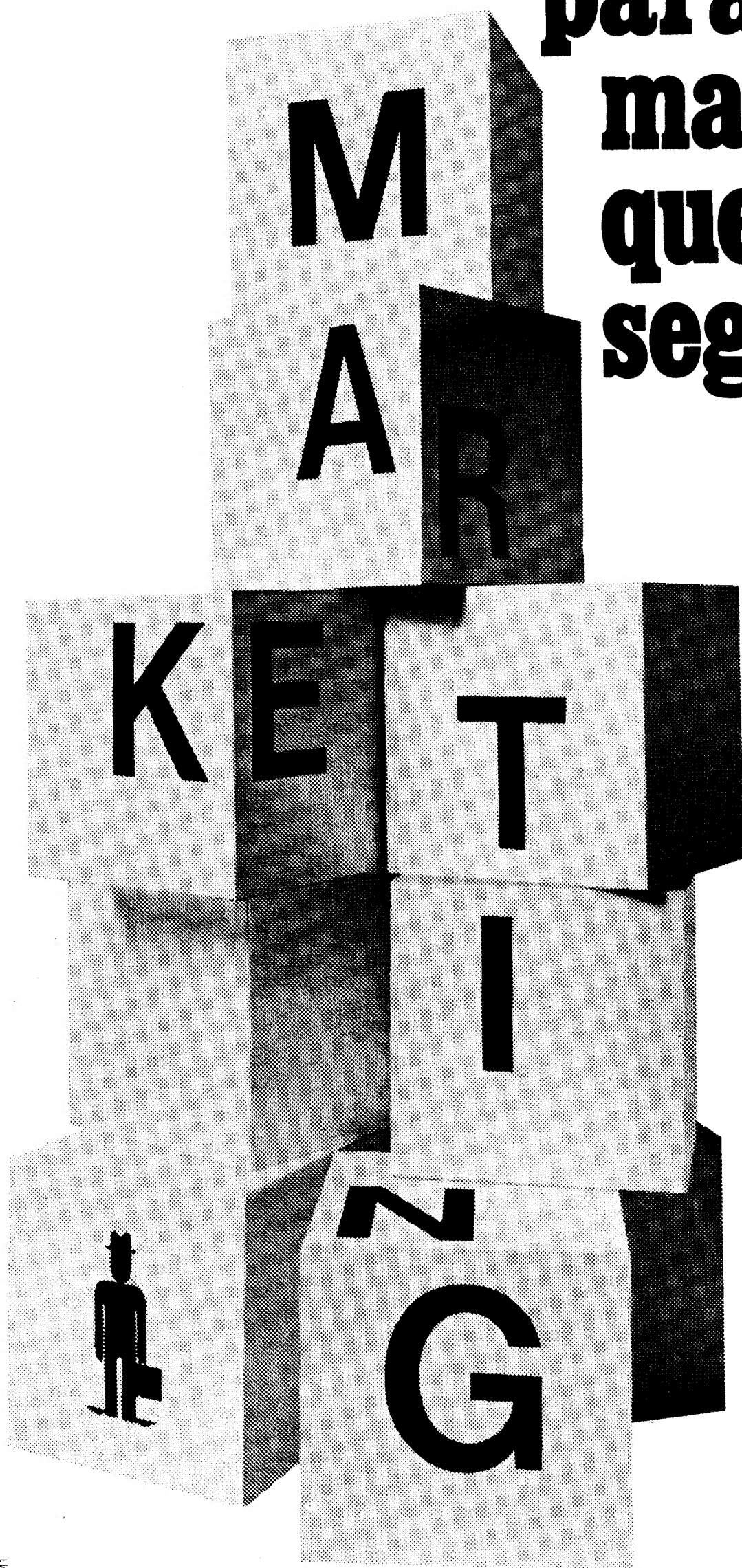
Com ANTONINA CHOURANOVA ALLA DEMIDOVA INNOKENTI SMOKTOUNOVSKI KIRILL LAVROV VLADISLAV STRJELTCHIK EVGUENI EVSTIGNEEV

Argumento IGOR TALANKINE BOUDIMIR METALNIKOV Realização IGOR TALANKINE Fotografia MARGARITA PILIKHINA

Colorido GRUPO B M/10 ANOS

HOJE ESTREIA ÀS 21,30 NO IMPERIO

para a Império marketing quer dizer segurança



Porque a Companhia de Seguros Império é uma Companhia de Marketing.

Porque só depois de estudar as necessidades do Cliente concebe os produtos aptos a satisfazer essas necessidades. Porque pensa que o Cliente é o único juiz das decisões da empresa e que as suas iniciativas só são válidas quando o Cliente aceita os produtos pelo seu justo valor. Porque dispõe hoje de uma diversidade de soluções para os problemas de segurança que o preocupam: a protecção face aos riscos que afectam os indivíduos e as famílias na sua saúde, nos seus rendimentos, no seu património.

Porque se organiza para atingir níveis de produtividade que permitam, através de preços mais baixos, alargar o mercado a novos grupos de consumidores.

Porque faz da inovação uma força impulsionadora da empresa, nos caminhos do progresso.

Porque sabe que, a longo prazo, só a satisfação das necessidades do Cliente é garantia duma empresa sólida, rentável, dimensionada em termos de futuro, útil à economia do País.

A Império tem consciência de que a segurança se tornou um dever social e trabalha para se integrar na nossa sociedade do futuro.

Porque a inovação é uma das suas constantes, a Império deu o passo decisivo para estar mais perto das necessidades do Cliente:

formou homens para uma profissão de vanguarda: Consultores de segurança. A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO

a sua seguradora

DL/GERAL

Prémio Montaigne a Vitorino Nemésio

O professor Vitorino Nemésio, professor jubilado da Faculdade de Letras de Lisboa e ex-director da mesma faculdade, poeta e romancista, acaba de ser contemplado com o prémio Montaigne no valor de cerca de 200 contos (25 mil marcos) por um júri composto por dez personalidades ligadas aos meios universitários. O premiado fica igualmente

com a possibilidade de indicar um jovem bolseiro que receberá cerca de 48 contos para fazer, na Alemanha, um estudo à sua escolha.

O nome do prof. Vitorino Nemésio foi na semana indicado no palácio do Luxemburgo de Paris, na presença do presidente do Senado francês, aquando da entrega do prémio a René Mahen, professor de filosofia da Sorbonne e director-geral da UNESCO.

O prémio será entregue em Lisboa, no princípio do próximo ano.

Debatidos no Grémio problemas da exportação de vinhos para Angola

Reuniram-se, ontem, na sede do Grémio de Exportação de Vinhos, algumas dezenas de exportadores portugueses de vinhos para o Ultramar, nomeadamente para Angola e Moçambique, com o objectivo de debaterem o que consideram «calúnias e injustiças de que têm sido alvo».

Foi em 1967 que, por despacho conjunto dos Ministérios do Ultramar e da Economia, os exportadores metropolitanos foram forçados à instalação, naqueles dois Estados, de unidades

de engarrafamento do vinho que passaria a ser enviado em navios tanques, adoptando-se um processo que já vinha a ser utilizado nas exportações para quase todos os países. Em 1971, foi proibida a entrada, em Angola, de vinhos em barris e garrações, já que nesse ano foram consideradas prontas para entrada em laboração as unidades de engarrafamento.

No entanto, no mesmo ano, foi adoptada a política de contingência das importações angolanas, o que significou uma re-

dução de cerca de 50 por cento dos vinhos enviados para aquele território. Estas restrições, conjuntamente com o agravamento do problema das transferências, vieram provocar graves problemas à nossa vinicultura. Bastará dizer que em Janeiro do ano corrente se encontravam em Angola cerca de 600 mil contos relativos à exportação de vinhos e derivados.

E acrescentam os exportadores:

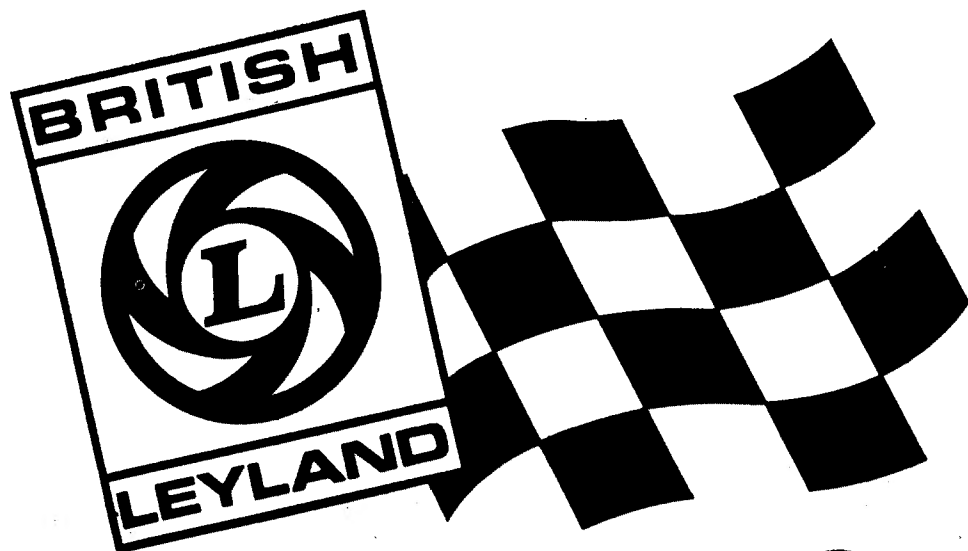
A somar a todos estes problemas, já de si gravíssimos para os exportadores e, consequentemente, para toda a vinicultura nacional, depara agora a exportação para Angola com viva e insidiosa campanha por parte de certa imprensa angolana, que pretende lançar o total descrédito sobre o vinho transportado em navio-tanque da metrópole e posteriormente engarrafado nas instalações para o efeito montadas segundo os critérios e preceitos mais modernos e internacionalmente praticados. Tal campanha de descrédito não tem olhado a meios para desprestigiar o vinho português, com o notório intento de criar no consumidor novos hábitos e eliminar, pura e simplesmente, do

mercado de Angola a venda do vinho português.

Essa campanha de descrédito tem sido acompanhada, ultimamente, de recusa de entrada a diversas remessas de vinhos chegadas a Angola em navios-tanques, que os Serviços de Saúde locais dão como impróprios, «com o argumento de excesso de teores de ferro, de cobre e chumbo».

No entanto, argumenta o Grémio que as Portarias que se referem ao assunto são coisas no que respeita a teores desses metais, pelo que a impropriedade imposta por aqueles Serviços de Saúde se não justificaria. Além disso, todas as partidas em navios-tanques são previamente analisadas nos Laboratórios da Junta Nacional do Vinho, cujos boletins de análise dão como próprios os vinhos expedidos, uma vez que a análise química e organoléptica prova a legalidade e genuidade dos produtos.

Este conjunto de circunstâncias motivou um protesto dos exportadores ontem reunidos junto dos mais altos poderes públicos e a necessidade de levar ao conhecimento do grande público os acontecimentos.



TEAM BLP

COMUNICADO DE VITÓRIAS
6º RALLYE TARGA

1º **MORRIS MARINA**
Conduzido por Sales Grade/António Marçal

2º **MORRIS 1275 GT**
Conduzido por Teresa Torres/Luisa Salazar

2º **MORRIS MARINA**
Conduzido por Sales Grade/António Marçal

4º **AUSTIN MAXI**
Conduzido por Joaquim Moutinho/Edgar Fortes

BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LIMITADA

ESCANÇÕES BEBERAM EM COSTA PINA

VINHOS DA MARCA SOGRAPE

Membros da Associação de Escanções de Portugal, em

número superior a uma vintena, efectuaram, ontem, nas instalações de J. A. da Costa Pina, à Rua do Alecrim, uma prova de quatro marcas de vinhos daquela firma: Quinta da Avelada, «Planalto» — colheita de 1965, «Reserva-Sogrape» de 1967 e «Dão Pipas», colheita de 1963.

Esta reunião está integrada num conjunto de degustações que a Associação de Escanções pensa levar a efeito nos tempos mais próximos, com o fim de fomentar junto dos profissionais a divulgação dos diversos vinhos, já que, como nos disseram «é a prática que faz o bom escanção».

No final desta reunião falaram Fernando Guedes um dos proprietários da «Sogrape» e Fernando Ferramenta, conhecido especialista e dirigente da Associação dos Escanções.

EXCURSÕES

Todos os fins-de-semana
ao Porto — 140\$00

Badajoz e Olivença
em 17 e 18 e 24 e 25/2 — 170\$00

Serra da Estrela
em 17 e 18/2 — 180\$00

Carnaval no Algarve
em 3 e 4/3 — 160\$00

Carnaval em Torres Vedras
50\$00

Tratamos de passaportes

CENTAuros

VIAGENS

& TURISMO, LDA.
Rua Francisco Sanches,
9-B — LISBOA
Tels. 823908 e 821883



CUF TÊXTEIS LAR

SALDOS

RETALHOS DE TECIDOS DECORATIVOS

Rua dos Douradores, 160 - LISBOA

CONFIE NA

Ouroesaria da
GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



MAKÁRIOS E AS ELEIÇÕES-2

POR ATTICUS

O IMBRÓGLIO CIPRIOTA

Perante a actual situação cipriota, tudo fica de facto a actual situação cipriota, tudo fica à actuação de Grivas. É evidente que se o general prosseguir na sua actividade subversiva, torna-se pouco provável que ele possa contar com o apoio de Atenas. De qualquer forma, a verdade é que ele se sente encorajado pelo facto de o Governo não ter tomado medidas contra a sua actividade. Mas uma coisa é certa: Grivas não ousará lançar-se numa aventura desta natureza sem haver assegurado um apoio vindo do exterior.

O correspondente em Nicósia do conservador «Daily Telegraph» (3 de Fevereiro de 1973) dizia que se M. Papadopoulos «movesse um dedo», isso seria suficiente para travar a acção do general.

O IMBRÓGLIO CIPRIOTA

Tentando pôr termo a este equívoco perigoso, Makários enviava a Atenas, nos últimos dias de Janeiro passado, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, M. Christofidis, a fim de obter da parte do governo grego uma declaração condenando a actividade terrorista de Grivas. Makários, é certo, desmentiu que houvesse tal tentativa — mas ao que parece, apenas porque a declaração obtida pelo seu ministro foi de natureza pouco satisfatória para as suas aspirações.

De facto, a declaração em questão feita pelo ministro substituto grego, M. Caxallieratos, limitou-se muito singularmente a «condenar a violência venha ela donde venha». Como se a violência pudesse provir da parte do arcebispo Makários.

Em seguida a uma nova tentativa do arcebispo, M. Caxallieratos fez uma segunda declaração governamental a 1 de Janeiro. O Governo grego não queria tomar mais parte nas responsabilidades entre Grivas e Makários e deplorava o facto de os gregos se guerrearem entre si e «deixava» à história o papel de se pronunciar sobre este assunto.

Por seu turno, o jornal de Atenas «Eleftheros Kosmos», em 4 de Fevereiro, lançava, sob a assinatura do seu editor, Savas Konstantopoulos, um «último apelo» aos cipriotas para «deixarem de trabalhar para os turcos». Esses «cipriotas» não passavam de Grivas e os seus seguidores.

O editorialista do jornal governamental referia-se a eles claramente quando falava de «grupos organizados», ou quando escrevia que «Enosis» é um sonho irre realizável em função das «circunstâncias internacionais actuais» ou que a guerra com a Turquia, constituiria uma catástrofe nacional para Chipre e para a Grécia. Também — e segundo o mesmo autor — só há uma solução para o problema de Chipre: «a coexistência de gregos e turcos com a independência de Chipre». O jornal governamental condenava, em seguida, a política «Enosis» quimérica e catástrofica de Grivas e justificava inteiramente a política realista de Makários.

E preciso, contudo, notar que em Atenas se insistia demasiado na necessidade de paz entre gregos e cipriotas. Mas perdia-se o fulcro da questão: a agitação terrorista de Grivas e dos seus companheiros. Se não havia paz entre os gregos e cipriotas, era porque ha-

via um homem e os seus seguidores que monopolizavam o patriotismo e se levantavam contra a autoridade legal e que não pensam senão em alcançar o seu objectivo por todos os meios e mesmo com o preço de uma guerra civil.

Também o mesmo editorial acentua a necessidade de restabelecer a paz entre gregos e cipriotas e não deixar de lado o fundo do problema: a agitação de Grivas e dos seus companheiros que devia ser combatida.



General Grivas

mente condenada por Atenas, senão o restabelecimento da paz poderia custar a eliminação de Makários, pois a rebelião de Grivas é dirigida contra ele. Isso seria com efeito o cúmulo, se sob o pretexto de restabelecer a paz entre gregos em Chipre, se estendia a mão a Grivas para este alcançar o seu objectivo: a derrota de Makários, nunca condutora à união de Chipre com a Grécia, mas a uma catástrofe geralmente reconhecida: o «duplo Enosis». Se bem que vista de longe, a nova faceta da crise de Chipre apresenta-se como um drama tão confuso como absurdo.

Sem dúvida, a declaração governamental dividia a questão política de Makários, condenava a de Grivas e a declaração precisava ainda que a questão cipriota não poderia ser resolvida senão entre as duas comunidades da ilha. Quer dizer, na base da independência e integridade de Chipre, o que exclui o «Enosis».

A situação em Nicósia não era menos confusa. Os

jornais que apoiavam Makários, manifestavam o seu descontentamento a cerca do acolhimento que o ministro cipriota havia recebido em Atenas e eles não dissimulavam a sua inquietude a propósito da atitude do governo grego, de respeito, para com Grivas. Acentuavam esses jornais o facto do ministro cipriota não haver conseguido um encontro com o primeiro-ministro, Mr. Papadopoulos. Entretanto a outra facção afirmava que as declarações oficiais feitas em Atenas, não eram mais do que uma franca condenação da agitação terrorista de Grivas, quando elas condenavam o emprego da violência, método utilizado pelos companheiros do general.

A tomada de posição do governo grego sobre este problema, deveria pôr fim a agitação de Grivas contra Makários, pois esta justificava-se como a luta pelo «Enosis». Mas o general e

dem, pois ele tenta tudo para fazer dominar a sua política.

As coisas processam-se deste modo e nada se poderá dizer do que se passará em 18 de Fevereiro. A crer nas informações de Londres (que mostra sempre particular interesse pelos problemas de Chipre) caminha-se para uma «solução de compromisso» a fim de impedir a guerra civil. Grivas — diz-se não está em condições de defrontar abertamente Makários e contenta-se em provocar agitação no dia das eleições, dando oportunidade à Guarda Nacional (composta de 10.000 homens comandada por oficiais da armada grega) de tomar conta da situação.

A partir deste momento, a «solução de compromisso» tida em vista, consistiria nisto: as eleições teriam outro candidato sem ser Makários, que seria também derrotado.

Escolher-se-ia, então, um novo candidato do agrado de Grivas e cair-se-ia assim na solução preconizada pela nota de 2 de Fevereiro do Governo a Makários. E Grivas teria ganho a partida em toda a linha, graças a um apoio, que não seria o dos seus companheiros. Se existiu realmente um tal «plano» e se esse «plano» foi aplicado restaria ver se as coisas evoluíram segundo ele. Poder-se-ia mesmo perguntar se a intervenção da Guarda Nacional sob o pretexto de «restabelecer a ordem» e apoiar uma solução «nacional» da crise de Chipre não teria dado uma nova dimensão a esta crise, precisamente até à verdadeira guerra civil.

Sem dúvida esta imagem da situação parece bastante coerente e verosímil. Mas



Presidente Makários

pode-se perguntar também se aqueles que fazem o jogo estão seguros do papel que se reserva à Guarda Nacional, da qual depende tudo em último lugar.

Se os soldados, que são gregos-cipriotas seguissem os seus oficiais numa aventura perigosa, teria então lugar a verdadeira guerra civil. Admitindo, claro, que os oficiais estariam na disposição de aceitar esse papel e admitindo também que as eleições de 18 de Fevereiro se venham a efectuar. Pois se até 8, último prazo para a apresentação de candidatos, apenas houver Makários, ele será automaticamente eleito em conformidade com a Constituição da República de Chipre.

De qualquer maneira mesmo para aqueles que pensam que não passarão de falsas profecias, no estado actual de tensão entre Gri-

vas e Makários e da complexidade de problemas que o rodeiam, a posição do arcebispo está sempre ameaçada. Ele próprio se considera como um morto adiado.

No dia 8 de Junho de 1970, falando aos correspondentes da imprensa estrangeira, para denunciar o atentado de que foi vítima em 8 de Março, organizado «por estrangeiros», ele afirmou: «Eu vivo sob a ameaça constante da morte».

Isso não o impediria de prosseguir a sua política até ao fim da vida, isto quer dizer, até ao fim das conversações com os turcos, as quais recomeçarão após a sua eleição. Somente, a luta de Grivas contra Makários continuará por outro lado, enquanto o general for apoiado por «forças obscuras» de que fala o arcebispo.

NOVAS AUTOMOTORAS PARA O METROPOLITANO

No passado dia 9 do corrente foi assinado um contrato para o fornecimento ao Metropolitano de Lisboa de novas automotoras no valor de cerca de 100.000 contos, as quais serão fabricadas conjuntamente pela Sorefame e pela Siemens, segundo projecto da Linke-Hofmann Busch.

As entregas estão escalonadas a partir de Junho de 1974,

devendo ser completadas até Outubro desse mesmo ano.

Este material encontra-se descrito em detalhadas especificações a cuja observância os construtores deverão obedecer inteiramente. A sua recepção por parte do Metropolitano, nas datas indicadas pelo contrato, será feita — como é de norma nestes casos — só após a realização de rigorosos testes.

Devemos, portanto, congratularmo-nos pelo papel preponderante que a Indústria Nacional — representada neste caso pela Sorefame — desempenha uma vez mais na resolução dos problemas dos transportes públicos, colaborando com grandes firmas especializadas estrangeiras e contribuindo com a sua actividade para o desenvolvimento da nossa economia.

Nova editora de discos

A Meridiano, uma nova editora de discos, reuniu, ontem, em «cocktail», algumas pessoas, com o objectivo de proceder à apresentação da sua primeira produção. Trata-se de uma «recolha» de música original de Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, interpretados pelo Coral Ultramarino de Lisboa, sob a direcção de César Batalha.

Actuou um grupo de mandingas, que tocou música de corá; começaram com uma interpretação do hino nacional e terminaram com uma outra de uma música popular portuguesa.

Prémios da U.N.E.S.C.O. para crianças

..No Salão Internacional de Arte Infantil, organizado pela U. N. E. S. C. O. em Tóquio e em que participaram vários países, foram concedidas medalhas de ouro e diplomas a nove estudantes incluídos na representação portuguesa. As crianças premiadas são: (da Escola Preparatória de Francisco Arruda), Carlos Manuel F. Almeida; Fernando Manuel F. Almeida; Armindo Vieira Silva Bento; António da Costa; Luís Paixão; José António da Costa; e Polisse Ana Francisco Santos; (da Escola Preparatória

Pedro de Santarém), Carlos Manuel Reis Marques Alberto; e (da Escola Preparatória Alexandre Sá Pinto), Jorge Chaves.

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURISSA-
RIA DA MODA é na RUA
DA PRATA, 257 com mais
de meio século de existên-
cia.

DL/ESTRANGEIRO

O IENE SUBIU 16 POR CENTO EM RELAÇÃO AO DÓLAR

TÓQUIO, 15 (R.) — O Japão deixou hoje o iene flutuar sem restrições, o que provocou uma subida da ordem dos 16 por cento.

Os meios bancários ficaram surpreendidos com a rápida subida registada durante a manhã, quando o iene passou de uma cotação de 270,8 por dólar, que correspondia a uma revalorização de 13,7 por cento, para outra de 265,3 ienes por dólar.

Nos mesmos círculos julga-se que o banco do Japão permitiu esta subida, limitando a sua intervenção à compra de 75 milhões de dólares, em face das suspeitas no estrangeiro de que a flutuação da moeda japonesa não era genuína porque estava a ser travada a fim de não exceder certos limites.

O ministro das finanças Kichi Aichi, disse no Parlamento que uma intervenção limitada do banco central é uma prática aceite e comum, embora uma intervenção em larga escala pudesse ser considerada ilegítima por falsear a lei da oferta e da procura no mercado livre.

Nos meios financeiros prevê-se que o iene suba ainda mais, atingindo em breve a cotação de 260 ou mesmo 257 por dólar, o que correspondência a uma revalorização de 18 a 20 por cento.

Entretanto, o primeiro-ministro Tanaka disse no Parlamento que a desvalorização do dólar em 10 por cento, juntamente com a flutuação do iene, ajudará a restabelecer o equilíbrio do

intercâmbio comercial entre os dois países.

Tanaka disse que não se limitou a esperar que as pressões externas aumentassem para tomar medidas na corrente crise monetária e salientou que o Japão ocupava uma posição demasiado importante para poder alterar unilateralmente a paridade da sua moeda. Esses problemas têm sempre de ser resolvidos através de negociações multilaterais, declarou, procurando justificar a flutuação do iene depois do Governo ter afirmado que a moeda japonesa não seria revalorizada.

Tanaka negou a acusação de que se limita a seguir os Estados Unidos de olhos fechados e afirmou que tem insistido com o Governo americano para que tome medidas susceptíveis de restabelecer a confiança no dólar como moeda dominante.

O Japão, por seu turno, deve modificar a sua orientação económica e, de país essencialmente preocupado com as exportações deve passar a uma sociedade preocupada com o bem estar e o nível de vida da sua população.

O primeiro-ministro acrescentou que o seu Governo continuará a procurar equilibrar a balança de comércio externo japonesa que actualmente apresenta um saldo positivo exagera-

do, aumentando as importações, o auxílio económico ao estrangeiro e a assistência técnica aos países do terceiro mundo.

Tanaka recordou a sua declaração feita em Novembro de que se o iene for revalorizado isso trará uma considerável responsabilidade política para o Japão.

QUEBRA NA BOLSA DE NOVA YORK

NOVA IORQUE, 15 (UPI-ANI) — A bolsa de Nova Iorque sofreu ontem a sua maior quebra de valores desde há mais de um ano, quando os investidores lançaram uma autêntica avalanche de ofertas de venda depois de «nova apreciação» às implicações da desvalorização do dólar.

O índice Dow-Jones per-

deu 16,85 pontos para 979,91 pontos, cedendo assim a quase totalidade dos ganhos das duas sessões anteriores, que haviam agregado 17,30 pontos.

Contudo, a actividade foi mais restrita do que no dia 13, pois foram transaccionadas 16 520 000 acções, contra 25 320 000.

AGRAVOU-SE A DISPUTA HEATH-SINDICATOS

LONDRES, 15 (R.) — A disputa entre o Governo e os sindicatos, por causa da sua política de inflação, piorou hoje quando os britânicos estavam sujeitos a greves do pessoal da companhia do gás e a cortes de energia eléctrica durante o tempo mais frio deste Inverno.

O primeiro-ministro Edward Heath, que a noite passada se avistou de surpresa com dirigentes sindicais para travar conversações sobre a sua política de preços e salários, declarou depois que não se submeteria às exigências dos sindicatos.

Heath disse uma conferência de imprensa que todo o seu plano de combate à inflação se malograria se quaisquer excepções fossem feitas a favor de sindicatos individuais.

Os dirigentes sindicais pediram a Heath, segundo se anunciou, tratamento especial em casos «difíceis» como o do pessoal

do gás, cujos salários não têm acompanhado o ritmo da inflação.

O início ontem pelo pessoal do gás de uma série de greves escolhidas, de manobras de trabalho lento e de proibições de se fazerem horas extraordinárias, com os cortes e interrupção do fornecimento de gás para fábricas e lares de todo o país que a acompanhou, coincidiu com o agravamento da invernada.

Escolas fizeram as crianças regressar a casa para que não permanecessem em salas de aula sem aquecimento, enquanto as colunas de culinária dos jornais publicaram receitas destinadas a usar o mínimo gás possível.

Contudo, a maior preocupação era pelas pessoas doentes e de idade. Funcionários da junta do gás chegaram a negar-se a participar numa conferência

de emergência sobre salvaguardas para pensionistas, realizada conjuntamente por uma organização social e pelo sindicato do pessoal do gás.

A atmosfera de crise adensou a especulação quanto a uma eleição geral muito em breve, mas quando um interpelante perguntou a Heath se tinha discutido essa possibilidade com os dirigentes sindicais, o primeiro-ministro retorquiu: «Não discutimos tal».

Recentes sondagens à opinião pública têm indicado que o Governo conservador poderia muito bem ganhar uma eleição pedida por causa da disputa entre o gabinete e os sindicatos, mas um inquérito efectuado pela Gallup mostrava hoje que o Partido Trabalhista, da oposição, tinha aumentado nomes passando a sua vantagem sobre os «Tories» de cinco e meio para nove por cento.

UM EM CADA DOIS É ASIÁTICO

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE) (DPA, ANI) — Com 10,6 milhões de habitantes, Xangai é a maior cidade do Mundo, seguindo-se Tóquio e Nova Iorque, respectivamente com 8,8 e 7,8 milhões — dizem estatísticas elaboradas em 1970 e em 1971.

O anuário das Nações Unidas sublinha que a definição de cidade e de aglomeração varia segundo cada país.

As outras grandes cidades do Mundo, depois daquelas três, são: Pequim, com 7,5 milhões, Londres, 7,3, e Moscovo, 7.

Quanto aos aglomerados formados à volta de Buenos Aires, de Paris e da cidade do México, contam respectivamente com 8,3, com 8,2 e com 7,3 milhões de habitantes.

Segundo o anuário, a população mundial ultrapassou no fim do primeiro semestre de 1971 os 3700 milhões de habitantes, tendo aumentado 74 milhões num ano.

Se o nível de crescimento demográfico de dois por cento em cada ano se mantiver, a população mundial duplicará em 33 anos, ou seja até ao ano 2006.

Um homem em cada dois é asiático, pois que 2100 milhões de seres terrestres vivem na Ásia, enquanto a Europa conta 466 milhões, a Rússia (tanto europeia como asiática) 245 milhões, a África 354 milhões, a América do Norte 327 milhões, a América do Sul 195 milhões e a Oceania 19,7 milhões.

Os dados referentes a 1970

indicam que a China continua a ser o país mais populoso, com 787 milhões de habitantes. Seguem-se a Índia (550 milhões), a Rússia (245), os Estados Unidos (207) a Indonésia (124), o Paquistão (116) — antes da independência do Bangladesh — o Japão (104), o Brasil (95), a Alemanha Federal sem Berlim Ocidental (59) e a Nigéria (56).

Pela primeira vez aparecem nos documentos da ONU dados oficiais sobre a China. Estes números do anuário demográfico substituem aqueles que existiam para o território chinês e que se referiam a 1957.

Em certas regiões do globo o nível dos nascimentos está a retroceder. É na República Federal Alemã que este nível se mostra mais prático, com 12,8 nascimentos por mil habitantes, seguindo-se o Luxemburgo (13) e a Finlândia (13,1). Por outro lado, muitos países da África e da Ásia têm taxas de nascimento superiores a cinquenta. À frente de todos está a Suazilândia, com 52,3 nascimentos anuais por cada mil habitantes.

A esperança de vida é mais elevada na Suécia e na Holanda, com 76,5 anos, e a mais fraca em certos países africanos. A taxa de mortalidade mais fraca também se regista na Suécia e na Holanda, com 11,1 óbitos por mil habitantes.

Os homens podem esperar viver mais que as mulheres apenas em sete países: Nigéria, Alto Volta, Ceilão, Índia, Paquistão, Jordânia e Camboja.

Febre do ouro

LONDRES, 15 (FP) — A febre do ouro continua. Na abertura, a cotação londrina subiu para 72,5 dólares. Na véspera, ao fim do dia, a cotação era de 72,125 dólares. O mercado está de novo muito activo.

Candidato do "Humanismo Mundialista"

PARIS, 15 (FP) — «Relvados e não betão, bicicletas não automóveis, carneiros não canhões» estes são os três principais pontos do programa de André Dupont, por alcunha Mouna Agui, candidato às eleições no bairro latino, onde é bem conhecido dos estudantes. Barba sal e pimenta, boina constelada de insígnias pacifistas, portador de vários acessórios como um despertador amarelo, que põe volta e meia a trabalhar, um badalo e uma máscara de gás, Mouna Agui apresenta-se ao eleito- rado e aos jornalistas a quem deu uma conferência de imprensa, com a etiqueta de «humanismo mundialista». Projectos: pôr bicicletas municipais à disposição dos parisienses, fazer das chamadas arenas de luécia o Hyde Park francês, cotar na bolsa os «valores morais». Mas no dia 4 de Março Mouna Agui terá pela frente nada menos do que 13 candidatos. «Prego no deserto há 25 anos, disse filosoficamente. Mais ou menos um, tanto faz».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eugénio Fernandes Monteiro — GUARDA — Gare

AVIÃO EGÍPCIO ABATIDO — Um Mig 21 egípcio foi abatido pela aviação israelita — anuncia o porta-voz do exército de Israel, em Tel-Aviv. O avião foi abatido esta manhã às 11 horas locais, num combate aéreo, quando os caças egípcios tentavam interceptar aparelhos israelitas que faziam um voo de reconhecimento. Todos os aparelhos israelitas regressaram às bases — acrescentou o porta-voz. (FP).

COMUNICADO SINO-COREANO — Num comunicado após a visita do ministro norte-coreano dos Negócios Estrangeiros a Pequim, o Governo chinês afirma que os Estados Unidos devem abandonar a Coreia do Sul e que a comissão para a unificação e a reconstrução da Coreia deve ser dissolvida para que seja o povo coreano a solucionar o problema da reunificação. (FP).

MORREU O CARDEAL LIENART — O cardeal Achille Liénart, que foi bispo de Lille de 1928 a 1968, faleceu esta noite, pouco depois das duas horas na sua residência aqui. Achille Liénart festejara os seus 89 anos no passado dia 7. Cardeal em 1930, fez parte do conselho da presidência do Concílio Vaticano II. Durante quarenta anos bispo na diocese industrial que é Lille, foi grande partidário dos sindicatos operários católicos e das obras da família. Era grande oficial da Legião de Honra, comendador do Santo Sepulcro e detentor de condecorações estrangeiras. (FP).

CALEIDOSCÓPIO

ANTROPÓLOGA «REPU- DIADA» — A antropóloga americana Wynn Sargent, que há três meses casou com o chefe de uma tribo da Indonésia, foi convidada a deixar o país antes do próximo sábado, anuncia-se oficialmente em Djakarta. A antropóloga estudava os costumes indonésios e contava escrever um livro intitulado «O meu casamento com um homem da idade da pedra». O seu marido, o chefe, repudiara-a pois ela recusara «consumar o casamento», o que na Indonésia como em muitos outros países é motivo de separação oficialmente reconhecido. (FP).

ESTACÃO ESPACIAL SOVIÉTICA — A URSS lançou hoje uma estação automática de exploração espacial, Prognoz 3 cujo apogeu orbital é de 200 qui-

lómetros, indica a agência Tass. O programa Prognoz 3, destinado a prosseguir com a exploração iniciada em 1972, inclui o estudo dos raios Gama e X do solo, dos fluxos de plasma solar e dos campos magnéticos no espaço circunferente. A estação pesa 845 quilos e o seu período de revolução em volta da Terra é de 96 horas e 23 minutos. (FP).

POLÍCIA CONDENADO — O polícia Bernard Caruzzo, acusado do assassinio do internacional de futebol jugoslavo Vladimir Durkovic, foi condenado a nove anos de prisão, pelo tribunal cantonal do Valais. O crime nasceu de uma disputa entre Caruzzo e Durkovic, na noite de 21 de Junho do ano passado, mas o processo não adianta muito sobre o caso. (FP).

Reunião internacional de editores de jornais

LONDRES, 15 (F. P.) — O executivo da Federação Internacional dos Editores de Jornais (FIEJ) reuniu-se em Londres, para a sua sessão de Inverno, anteontem e ontem.

O executivo decidiu atribuir a «Caneta de Ouro da Liberdade» de 1973 ao dr. Anton Betz, editor do «Rheinische Post», de Dusseldorf, em homenagem ao papel excepcional que desempenhou durante a sua carreira de cinquenta anos na defesa da liberdade de imprensa no seu país.

Ocupou-se ainda da confe-

rência Marketing, o primeiro encontro mundial organizado pela profissão com este tema, a reunir em Paris em 8 e 9 de Novembro, e assentou no programa do vigésimo sexto congresso da FIEJ em Viena de Austria, de 21 a 25 de Maio de 1973. Os temas desta conferência compreenderão a cooperação entre os jornais, a imprensa escrita perante os novos meios de difusão da informação, o papel dos jornais na formação política e intelectual dos cidadãos e a informática integrada na empresa de imprensa.

O TESTAMENTO DE ROBINSON

Los Angeles, 15 (R) — O actor cinematográfico Edward G. Robinson, que faleceu em 26 de Janeiro, deixou uma herança de mais de 2 250 000 dólares, segundo foi revelado, quando o seu testamento foi apresentado ao tribunal superior de Los Angeles.

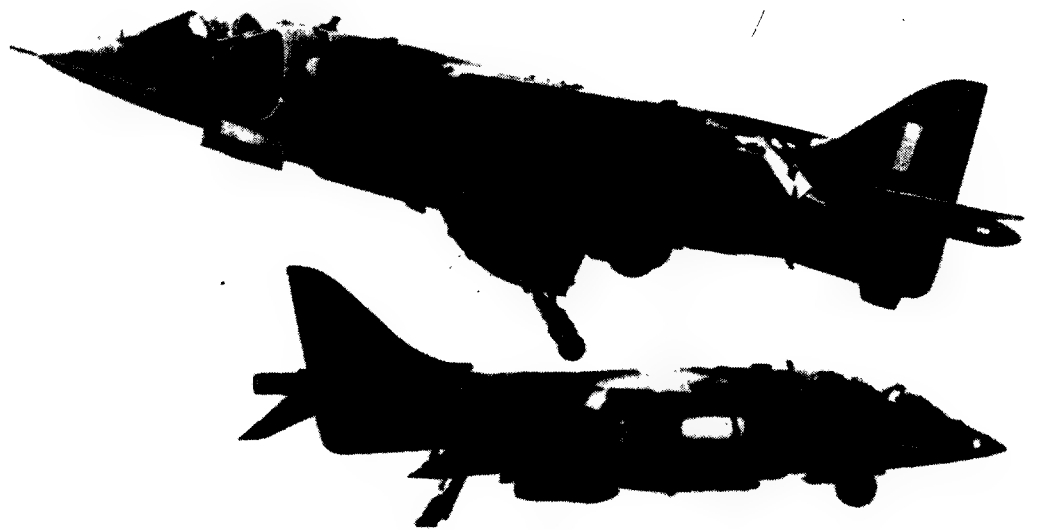
O testamento, escrito em 15 de Fevereiro de 1972, pedia que a famosa colecção de

obras de arte de Robinson, incluindo pinturas de Renoir, Picasso, Monet e Degas, sejam vendidas e recomendadas que os testamentários estudassem a realização de um leilão na Sotheby's, em Londres.

O grande artista deixou legados perpétuos a sua viúva, ao filho, o actor Edward Robinson Junior, e à neta Francesca Robinson.

DL/ESTRANGEIRO

A China pretende comprar 200 caças ingleses



Caças Harrier de decolagem vertical, em que o Governo chinês parece estar interessado para substituir aviões de fabrico soviético. (Telefoto UPI/Teleimprensa/DL)

LONDRES, 15 — UPI-ANI) — A China, para organizar a sua força aérea, tanto civil como militar, prefere os aviões ocidentais aos russos e por isso está a tentar saber quais as possibilidades de a Inglaterra lhe vender 200 dos seus caças Harrier de decolagem vertical, os mais aperfeiçoados deste tipo e usados pela força aérea inglesa e pelos fuzileiros navais norte-americanos.

Autoridades governamentais estão a estudar as delícias chinesas, medindo as suas implicações políticas e estratégicas, e estão francamente tentadas a dar-lhes uma resposta positiva, dado o desenvolvimento económico que isso poderia significar para a indústria britânica

da aviação, que tantas pressões tem sofrido.

A China já comprou à Inglaterra jactos civis «Trident» para o transporte de passageiros e tem mostrado grande interesse nos jactos ingleses VC/10, também de passageiros, e até no jacto supersónico anglo-francês Concorde.

Em círculos diplomáticos afirma-se que estas resoluções reflectem o crescente interesse da China por fontes ocidentais de abastecimento de aviões, civis e militares. Anteriormente era a URSS o único fornecedor de aviões de todos os tipos, alguns dos quais estão já a ser produzidos na China, sob licença soviética.

As autoridades e a indústria

aeronáutica britânica ficaram bastante surpreendidas com as recentes sondagens da China acerca da possibilidade de a Inglaterra vender 200 Harriers, e ficaram ainda mais admiradas com o actual rumo da tentativa de aproximação chinesa.

O Governo de Londres tem de tomar uma decisão importante devido às consequências estratégicas que tal venda implicaria. De acordo com o estabelecido no Tratado do Atlântico, fica proibido aos países membros a exportação de material estratégico para países comunistas — o que evidentemente inclui aviões militares.

Em relação ao Concorde a China tenciona comprar três à Inglaterra e dois à França.

Segundo círculos diplomáticos, estes acontecimentos significam ainda que a China quer libertar-se da dependência da URSS, mesmo sem contar com o facto de a China parecer preferir os aviões ocidentais devido a provarem melhor.

Os russos têm estado a forne-

cer Migs 21 à China e, segundo se julga, foi executada recentemente uma nova encomenda, embora muito reduzida.

Pelo facto de a China considerar a URSS está cada vez mais agressiva, parece que Pequim se preocupa com a possibilidade de um corte no fornecimento de aviões. Daí o seu interesse em encontrar um novo mercado de abastecimento.

Seiscentas mulheres da FNL libertadas por Saigão

SAIGÃO, 15 (R.) — O Exército sul-vietnamita libertou hoje 600 mulheres pertencentes à FNL, e deverá libertar mais 304 hoje ou amanhã, transportando-as de avião para a cidade de Loc Ninh em poder dos comunistas, junto à fronteira do Camboja.

Estas mulheres, que se encontravam num campo de concen-

tração em Can Tho, no delta do Mekong, eram combatentes ou auxiliares dos guerrilheiros quando foram capturadas.

Outros 700 prisioneiros comunistas serão hoje levados de avião para uma base perto de Hué e dali transportados em helicópteros para Quang Tri, onde atravessarão o rio Thach Han para a margem em poder dos

comunistas.

HANOI ACUSA OS ESTADOS UNIDOS DE MÁ FÉ

Entretanto, Rádio Hanói acusou hoje os Estados Unidos de má fé por não respeitarem o acordo de paz assinado em Paris e demorarem o levantamento das minas colocadas em águas territoriais norte-vietnamitas.

Aquela emissora transmitiu o texto de um longo editorial do jornal «Nhan Dan», órgão oficial do Partido, o qual alega que os comunistas estão a respeitar escrupulosamente o acordo de paz mas os Estados Unidos e o Vietname do Sul não.

«A retirada das minas colocadas nas águas territoriais da República Democrática do Vietname está a ser abordada com a mesma má fé e os Estados Unidos têm procurado, desta ou daquela maneira, arranjar pretexto para irem protelando a retirada», diz o editorial.

Noutra ocasião Rádio Hanói disse que os Estados Unidos estão a constituir no Vietname do Sul uma nova força expedicionária de dez mil homens «pelo que os Estados Unidos tencionam continuar a fazer sentir a sua presença no Vietname ainda por muito tempo».

REGRESSO AOS EUA

BASE DA FORÇA AEREA TRAVIS (Califórnia), 15 (R.)

Vinte prisioneiros de guerra norte-americanos, libertados pelos norte-vietnamitas, chegaram aqui a noite passada vindos da base aérea de Clark, nas Filipinas.

Este é o primeiro grande contingente de ex-prisioneiros a regressar a casa.

MAIS DE 30 PRISÕES NOS TERRITÓRIOS ÁRABES OCUPADOS

TELAVIVE, 15 (R.) — Forças de segurança israelitas prenderam recentemente mais de 30 homens, suspeitos de serem guerrilheiros palestinos, ao longo da margem ocidental do Jordão e da faixa de Gaza, ocupadas pelos israelitas, segundo revelações feitas nas últimas horas nesta cidade.

Vários árabes do Norte de Israel foram, também, detidos ao prosseguir uma investigação sobre um incidente ocorrido ontem, devido ao qual ficaram ligeiramente feridas duas pessoas quando o camião, em que viajavam, chocou com uma mina.

Mahmud El Mavchuch, alegado comandante das forças clandestinas da Frente Popular de Libertação (FPL) na faixa de Gaza, achava-se entre 19 pessoas presas na última semana pelas forças de segurança israelitas nessa área, segundo anunciou um informador militar judaico.

Mavchuch é suspeito de estar envolvido numa longa lista de assassinios e actos de sabotagem. Afirmou-se que os restantes 18 pertencem à mesma organização.

Foi preso antes do assassinio de domingo passado, que se crê tenha sido cometido por guerrilheiros, do presidente da comissão do acampamento de refugiados palestinos de Shati, que foi seguido por atentado contra a vida do antigo presidente do município de Gaza, Rashad El Shawwa, que se gorou.

Ontem, à noite, fontes militares comunicaram a prisão de mais 10 pessoas no sector Norte

da margem ocidental do Jordão. Crê-se que sejam membros do grupo de guerrilheiros palestinos da Al Fatah operando perto da cidade de Jenin.

Essas fontes disseram ainda que o grupo fora descoberto quando um jovem foi detido há 10 dias por tentar passar de contrabando material de sabotagem da margem oriental do Jordão.

Há três dias, o Exército israelita revelou que um guerrilheiro árabe fora morto e quatro outros feitos prisioneiros quando tentaram atravessar na sexta-feira, à noite, para a margem oriental do Jordão, vindos do seu esconderijo na margem ocidental, perto de Hebron.

PRÉDIO PARA ALUGAR

PRECISA-SE C/ O MÍNIMO 20 APARTAMENTOS.
INDICAR RENDA TOTAL
SÓ INTERESSA EM LISBOA
ZONA DAS AVENIDAS NOVAS

RESPOSTA A ESTE JORNAL
AO N.º 723

AOS DESIGNERS

CONCURSO DE DESIGN DE MOBILIÁRIO

No intuito de fomentar o desenvolvimento do design português, com vista a contribuir para um maior prestígio dos sectores da nossa indústria que mais se têm afirmado no comércio externo, vai o Fundo de Fomento de Exportação promover a organização de uma série de Concursos de Design. O primeiro destes Concursos tem por objecto o Design de Mobiliário. As normas do mesmo (Dada a urgência com que foram estabelecidas, não serão de certo exaustivas) estão sendo enviadas, sem qualquer preocupação selectiva, aos designers portugueses. De acordo com as referidas normas, os interessados em tomar parte neste primeiro Concurso de Design deverão remeter ao Fundo até 28 do corrente o respectivo boletim de inscrição. Os que não tiverem recebido este boletim poderão solicitá-lo de qualquer uma das direcções abaixo indicadas. Recorda-se que, além de ter instituído vários prémios de apreciável montante pecuniário, este Organismo não deixou de estudar a possibilidade de utilização pela indústria dos trabalhos premiados. O que constituirá certamente mais um aliciente para os nossos designers.



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º
Telef. 47928 / 59156 — LISBOA-1

Informações e inscrições
Av. 5 de Outubro, 101-2.º e 3.º
Telef. 767410 / 767520 / 767573 — LISBOA-1

DL/GERAL

Comércio com o Japão

Foram inauguradas em Tóquio, no passado dia 12, as instalações da delegação do Fundo de Fomento de Exportação naquela cidade.

Esta delegação tem como funções minorar o desequilíbrio da balança comercial entre os dois países, acentuadamente desfavorável para Portugal nos últimos dez anos, propondo-se

ainda a prospecção do mercado para a venda de produtos ainda desconhecidos no Japão — alguns aparelhos e instrumentos eléctricos parecem ter possibilidades de colocação conforme se conclui dos resultados da missão comercial que ali se deslocou em Novembro de 1972 —, organização de conferências, exposições, pro-

vas de vinho, etc., como modo de promover a qualidade e variedade dos produtos portugueses.

Em virtude do interesse que os japoneses manifestaram pelo comércio com Portugal, esta delegação pode fornecer nomes e moradas de produtores e exportadores portugueses, encaminhando para o respecti-

vo departamento em Portugal, sempre que um pedido não esteja dentro do âmbito da competência da delegação.

Portanto, como acentuou o dr. Amaro de Matos, no discurso inaugural, esta iniciativa procura «dar a conhecer aos japoneses as excelentes oportunidades que Portugal oferece, porque goza de uma ótima situação geográfica e porque está numa fase de montagem de novas indústrias. Estes dois factos oferecem, sem dúvida, ótimas condições às firmas que pretendem alargar o seu comércio até à Europa, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento da economia portuguesa». Acrescentando que os produtos ultramarinos também são abrangidos, acrescentou: «E já que referi o ultramar português, gostaria de frisar que há nele numerosas e excelentes oportunidades para o investidor japonês».



o defensor da sua saúde e do seu lar!...

proteje o seu mobiliário, as suas paredes, os seus pertences, e... a sua saúde!

Air King mercê da sua linha elegante, é também uma peça decorativa.

Representantes:

FRIAL Rua José Lins do Rego, 7-1º — Lisboa 5

FALTAM MÉDICOS MUNICIPAIS

O Diário do Governo continua a publicar anúncios de concursos para provimento de lugares de médicos municipais, a quem se oferece gratificação mensal de 2.200 escudos e 2.600\$00. Os concursos são várias vezes reabertos porque não aparecem candidatos. Desta vez são as Câmaras de Alcochete e de Alfândega da Fé a pedirem médicos que queiram passar a residir nas freguesias de Samouco e Samade. Tem interesse conhecer as condições exigidas aos candidatos nos termos do artigo 634.º do Código Administrativo que são as seguintes: «Ter a nacionalidade portuguesa originária ou adquirida por naturalização ou casamento, sobre os quais tenham já passado dez anos, pelo menos; Ter 18 anos de idade, pelo menos, mas não mais de 35, exceptuados, quanto a este limite, os que já forem funcionários públicos ou administrativos;

não estar interdito judicialmente nem suspenso do exercício dos direitos políticos; possuir a robustez física necessária para o exercício do cargo, não sofrer de doença contagiosa, particularmente tuberculose contagiosa ou evolutiva, ter sido vacinado ou haver sofrido ataque de varíola nos últimos sete anos e encontrar-se vacinado contra o tétano, nos termos da legislação especial; haver cumprido os deveres militares que, nos termos das leis sobre recrutamento, tenham cabido ao concorrente até à data do concurso; estar livre de culpa no respectivo registo criminal e não ter sofrido anteriormente pena que importe demissão de funções públicas, salvo tendo sido reabilitado em revisão do sentença; possuir o curso de médico; estar inscrito na Ordem dos Médicos; possuir o curso de Medicina Sanitária; possuir bilhete de identidade actualizado».

CONFERÊNCIAS

NO LICEU FRANCÊS

No âmbito das manifestações culturais do Instituto Francês de Lisboa, o prof. Charles Chany, da Faculdade de Medicina de Paris e chefe do Serviço de Virologia do Hospi-

tal S. Vicente de Paula, daquela cidade, proferirá hoje, pelas 21 e 30 horas, na sala de festas do Liceu Charles Lepierre, uma conferência sobre o tema «As doenças nervosas crónicas de origem virosa».



ADELAIDE EMÍLIA DOS SANTOS XAVIER
MISSA DO 7.º DIA

Assunção Maria dos Santos Xavier Teixeira, Margarida Maria dos Santos Xavier de Almeida e seu marido Manuel Vicente Cipriano de Almeida e demais família participam que amanhã, dia 16, pelas 12 e 30 horas, no Altar-Mor da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será rezada missa pelo eterno descanso da Alma de sua muito querida mãe, sogra e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L

S. A. R. L.

CAPITAL 70 000 000\$00

SEDE: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5.º — LISBOA

Obrigações de 4%, 1956 — 25.º sorteio

Obrigações de 4%, 1958 — 22.º sorteio

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Março próximo, se realizará na sede desta sociedade, no dia 23 do corrente pelas 11 horas e 30 minutos.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1973

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Aliança Eléctrica do Sul — S.A.R.L.
Francisco Alberto Corrêa Figueira

Standard Eléctrica

S. GABRIEL

CASCAIS

ALTERAÇÃO DE TELEFONES

INFORMA-SE QUE OS

SERVIÇOS TÉCNICOS, COMERCIAIS E FABRICA

PASSARAM A TER OS SEGUINTE NÚMEROS:

28 51 61

28 58 71

28 66 161

E A

DIVISÃO DE SEMICONDUTORES:

28 41 51

TOTOBOLA

Concurso n.º 24 — 18. FEVEREIRO, 1973

Jogo n.º 13

Aljustrelense-Lusitano de Évora

Como é do conhecimento público, foi adiado o jogo Aljustrelense-Lusitano de Évora, da III Divisão, que estava incluído, com o n.º 13, nos bilhetes de aposta do concurso do Totobola do próximo domingo.

Assim, nos termos do Regulamento Geral dos Concursos (art.ºs. 9.º e 10.º) ter-se-á de proceder a sorteio para apuramento do símbolo a considerar no citado jogo.

Este sorteio, que é público e se efectua às 11 horas do próximo domingo na sala do Escrutínio do Totobola, terá como base os vaticínios dos Órgãos de Informação, e assim, as doze bolas a introduzir na esfera terão a seguinte distribuição:

Símbolo «1»	3
Símbolo «X»	4
Símbolo «2»	5

DL/GERAL

Em 3 linhas

Deixou de exercer o cargo de acessor do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional o brigadeiro Frederico Alcide de Oliveira.

///

A dr.^a D. Adelina dos Anjos de Castro foi nomeada, internamente, chefe de secção do Fundo de Turismo.

///

Foi nomeado vice-presidente do Município de Mangualde o sr. José Frutuoso Roque.

///

Foi concedida autorização para ser demandado criminalmente em tribunal comum o subchefe-ajudante Manuel Correia dos Santos, do comando distrital da P.S.P. de Santarém e negada quanto ao guarda Fernando Maria, do comando distrital de Lisboa, contra o qual pendem no Comando-Geral autos de corpo delito pelo crime de ofensas corporais voluntárias nas pessoas dos srs. José António Filipe Capristano e Ute Susane Konolde Capristano.

///

Foram nomeados, respectivamente, inspector superior e técnico de 1.^a classe da Direcção-Geral dos Registos e do Notariado o juiz de direito dr. António Máximo da Silva Guimarães e a notária dr.^a D. Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva.

///

Foi nomeado em comissão o capitão Custódio António Mé-Mé, para exercer o cargo adjunto do Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública de Moçambique.

///

Nomeado, também, o capitão João da Silva Rocha Pinto para desempenhar as funções de adjunto do Comando-Geral da P.S.P. de Moçambique.

///

Vem no Diário do Governo (2.^a série, n.º 38) a relação dos monitores nomeados para postos de recepção oficiais da Televisão.

///

Foi nomeado o eng. civil-chefe do quadro permanente da Direcção-Geral das Construções Escolares para desempenhar o cargo de representante suplente daquele organismo na Comissão Consultiva de Estatística do Ministério das Obras Públicas.

///

Foram designados os srs. Jacinto Marques Correia e Tomás Joaquim da Cunha Alves, componentes do Conselho Superior Técnico-Aduaneiro do Ultramar, como representantes, respectivamente, por Angola e Guiné.

///

Foi aumentado o quadro do pessoal da secretaria do tribunal da comarca de Oeiras.

///

Foram introduzidas alterações ao Regulamento do Estado-Maior da Armada, aprovado pela Portaria n.º 20 139, de 28 de Outubro de 1963.

///

Está aprovado oficialmente o Regulamento dos Concursos de Provedimento de Lugares de Chefe de Secção do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

A firma Viação Mecânica de Carnaxide, Lda., requereu a concessão de uma carreira de passageiros entre Algés-Estação e Carnaxide (Bairro Novo), servindo Junça, Linda-A-Velha e Alto de Barronhos, em substituição da que explora entre Algés e Linda-A-Velha (por Junça).

///

Está aberto concurso públi-

co para arrematação da empreitada de fornecimento e montagem do equipamento electro-mecânico destinado ao abastecimento de água à zona turística do concelho de Silves, sector marginal, 1.^a fase.

///

Foi constituída uma sociedade comercial, denominada O.G.E. — Organização e Gestão de Empresas, S.A.R.L., com o capital de 1 000 contos e sede em Lisboa.

///

Foi também constituída a sociedade denominada Intervoz, Publicidade, Lda., igualmente com sede na capital.

Mobiliário e decoração

Terminaram hoje em Aveiro, Braga, Porto e Viseu, as reuniões de trabalho de industriais do sector de mobiliário, representantes da Feira Internacional de Lisboa e técnicos do Fundo de Fomento de Ex-

portação, com vista à organização do Salão de Mobiliário e Decoração.

Este Salão terá lugar no decorrer da 14.^a FERIA Internacional de Lisboa, que se realiza de 9 a 23 de Junho.

Análise de tensões

Até 22, estão abertas as inscrições para o curso de especialização sobre «Análise Experimental de Tensões», que se realiza de 1 a 29 de Março, no Laboratório Nacional de En-

genharia Civil, regido pelo prof. eng.º Lobo Fialho, do Instituto Superior Técnico. As aulas serão dadas às terças, quintas e sextas-feiras, das 9 e 30 às 12 horas.

Fomento industrial

Tendo por objectivo salientar os principais problemas e aspectos jurídicos decorrentes da publicação da lei do Fomento Nacional, o Instituto de Investigação Industrial vai realizar, em 8 e 9 de Março, um seminário especializado sobre «Regime Jurídico do Fomento Industrial», o qual será orientado pelo dr. Medina Carreira, destinando-se a chefes e quadros superiores das empresas. As informações podem ser solicitadas àquele Instituto.

Quando um homem de negócios quer alugar um carro

'Sim'

é tudo o que precisa ouvir.

A Hertz permite-me escolher um carro de acordo com o meu gosto e necessidades?
Inclusivé o último modelo Ford?
A Hertz pode-me oferecer condições especiais na substituição de carros de serviço?
Para os colaboradores da minha empresa a Hertz tem também condições especiais?

Sim. Não.

☒ ☐
☒ ☐
☒ ☐
☒ ☐

Os carros podem-me ser entregues à porta do meu escritório?

Posso entregar um carro Hertz nos principais aeroportos?

Pode a facturação ser enviada à minha empresa?

Tendo a Hertz mais de 1200 escritórios na Europa, posso obter estes serviços em qualquer um deles?

Sim. Não.

☒ ☐
☒ ☐
☒ ☐
☒ ☐



Somos quem aluga mais carros no mundo. Nós dizemos Sim.

DL/DESPORTOS

PATINAGEM ARTÍSTICA : FANTASIA SOBRE GELO

O estilo e a técnica usados nos "europeus"

O olho mágico da televisão trouxe-nos as imagens verdadeiramente fascinantes dos campeonatos da Europa de patinagem artística sobre o gelo: um espectáculo deslumbrante, a que só faltou a cor natural do ambiente em festa, para que os milhões de espectadores pudessem «viver», na sua total dimensão (mesmo através do pequeno écran) um acontecimento que tem tanto de belo como de fascinante.

Verdadeiras vocações da patinagem artística lutaram em Colónia pelas medalhas mais significativas da competição desportiva: aqui, mais do que em qualquer outra modalidade não conta apenas o esforço e a dedicação do atleta, mas também o pormenor da escolha da música que serve de cenário à exibição, a elegância do vestido preferido para se apresentar perante um júri bastante exigente.

Nunca, em anteriores campeonatos, o nível das exibições atingiu tão alto grau: a perfeição técnica dos atletas começa a roçar a craveira máxima, adivinhando-se para breve um equilíbrio que poderá dar ao Mundo nomes nunca antes revelados como autênticos fenómenos da patinagem artística.

Por enquanto, e nestes campeonatos que tiveram a cidade

de Colónia como cenário, ainda predominaram a fama e a categoria de alguns consagrados. Todavia, se o ritmo de perfeição técnica se mantiver, outros nomes serão anunciados como vencedores, tornando a competição ainda mais bem disputada. É isso exactamente que se adivinha pois não foram

nunca tinham sido vistos em torneios anteriores.

A PATINAGEM NO GELO

O público português está pouco (ou nada) habituado a presenciar a patinagem sobre o gelo: modalidade que entre nós não se pratica, por falta

imperfeições que transformam cada exibição numa autêntica caixa de surpresas. Além de que, na patinagem sobre o gelo, há uma lâmina que «segura» o atleta enterrando-se na superfície gelada, e na modalidade mais divulgada entre nós nada «segura» o exibicionista. Porque ele tem de deslizar, sem nenhum apoio fixo entre o patim e o solo.

No entanto, e apesar de todas as vantagens dadas aos praticantes da patinagem sobre o gelo, a verdade é que o nível técnico destes campeonatos de Colónia, fez como que despertar para a realidade os seus «rivals» da patinagem sobre rodas: estes não poderão adormecer e terão (antes) que trabalhar e «inventar» muito para que, em próximos confrontos, possam igualmente apresentar novidades técnicas que entusiasmem o júri e o público.

Para que a patinagem sobre o gelo não ganhe um avanço irreversível no campo da exibição, é (pois) necessário que os praticantes que preferem as rodas trabalhem e sonhem com novas técnicas e as transportem para o campo das realidades. Mas, onde estão os mestres?

O GUARDA-ROUPA PARA CENÁRIO BRANCO

Um promenor que fugiu ao

telespectador português foi o colorido do guarda-roupa particularidade que conta muito no juízo de quem tem de atribuir pontos a cada exibição.

O facto de a superfície de exibição ser do mais branco que o branco (ou super-branco, se preferirem), empresta ao concorrente um sem número de hipóteses para se apresentar condignamente: em fundo branco, qualquer cor sobressai, restando a partir daí as características da música, a interpretar para a escolha pormenorizada da cor que veste o atleta.

A par deste estudo, o concorrente (ou o seu treinador) tem de ter em linha de conta o ritmo da melodia escolhida e ensaiada: se tiver treinado uma composição moderna, o fato ou o vestido terá de estar de acordo. Se a música escolhida for clássica, já a indumentária terá de ser diferente. Foi por isso que vimos o par campeão da Europa dançar Strauss, envergando a patinadora um largo e comprido vestido claro, bem à imagem do que se adivinha terem sido os belos e fascinantes bailes vienenses.

FUTURO VOLTADO PARA A ALEMANHA

Para além dos nomes distinguidos com medalhas de ouro,

prata e bronze (e que foram já suficientemente divulgados) há a distinguir a extraordinária vocação revelada por uma jovem alemã de 12 anos de idade: Anete Poetzsch. Quanto a nós, foi ela quem mostrou o melhor conjunto de saltos, executados com uma leveza e segurança verdadeiramente impressionantes. Por tudo quanto mostrou, que poderá Anete fazer dentro de 3 ou 4 anos? Esta é a pergunta que fica no ar: e à qual só o tempo (muito naturalmente) poderá responder.

Por MARIA JUDITE GOMES

apenas os atletas que tiveram a honra de subir ao «podium» que se revelaram exímios patinadores, excelentes estudiosos da modalidade: também os outros, quase todos os que se classificaram até ao décimo lugar, se revelaram autênticos prodígios com as lâminas nas botas, desenhando esquemas de muita fantasia sobre o gelo.

Para o espectador menos avisado terá causado uma certa estranheza o facto de muitos concorrentes terem caído em plena exibição: isso não se fica devendo ao facto de eles se terem apresentado deficientemente preparados, mas (sim) porque preferiram mostrar ao júri e ao público uma evolução dos esquemas tradicionais. Isto é: saltos de rotação, verdadeiramente fantásticos e que

de condições. No entanto, sempre será vantajoso referir que a exibição sobre uma superfície uniforme gelada facilita (incomparavelmente) a missão do patinador, estabelecendo como termo de comparação a patinagem sobre rodas. Enquanto na patinagem sobre rodas o patinador tem de contar com as reduzidas dimensões dos recintos (quase todos, senão todos, têm as dimensões exigidas para a prática do hóquei em patins), na variante de solo gelado, a superfície posta à disposição do atleta é muito superior. Por outro lado, não pode haver comparação alguma na qualidade da superfície de exibição: enquanto no gelo o piso se apresenta perfeitamente uniforme, num rinque há

ROSEIRAS

(Belgas e Nacionais)

HASTE BAIXA
TREPADERAS
HASTE ALTA

Antigo Jardim de S. Filipe Néri

Execução de jardins, parques e pomares

Rua de Campolide, 270-A -
-295-A - Tel. 68 06 25 -
-68 86 58 - LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sofia Duarte - PAMPILHOSA DO BOTÃO

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 24 DA 12.ª ÉPOCA—18 DE FEV./73

O Alcoa 11x 2x1 1xx 2x22; O Algarve 11x 1x1 111 212x; Badaladas 1x2 221 1x12 22x1; Beira Baixa 11x 1x1 111 11x1; Boa Nova 11x 221 1x1 1222; Cardeal Saraiva 11x 1x1 121 11x2; Comércio de Portimão 111 1x1 11x 1112; Correio dos Açores 11x 1x1 111 1x12; Correio de Coimbra 11x 2x1 11x 1211; A Defesa 11x 1x1 22x 2122; Desportivas das Beiras 11x 2x2 1xx

122x; Diário do Minho 111 221 12x 121x; Ecos de Estremoz 11x 2x1 1x1 1212; Ecos do Desporto 11x 2x1 1x2 2x2x; Eu Sei Tudo 112 221 122 1x11; Folha do Domingo 11x 121 1xx 1111; Gazeta das Caldas 111 2x1 1x12 12xx; Jornal de Felgueiras 11x 121 1xx 2x2x; Jornal do Fundão 11x 2x2 11x 11x1; Jornal de Santo Tirso 111 221 1x1 2x11; Jornal do Sul 11x 1x1 111 1x11;

Jornal de Viseu 11x 1x1 111 1x1x; Linhas de Elvas 112 1x1 112 2x22; O Norte Desportivo 11x 221 1x1 1x21; Notícias de Chaves 11x 221 1x1 212x; Notícias de Felgueiras 11x 1x1 1x1 1x1x; Notícias de Gouveia 11x 221 121 1x22; A Ordem 112 1x1 211 2xx1; Povo Algarvio 111 2x1 111 1112; A Rabeca 111 1x1 122 1xxx; Açores 111 1x1 1x1 1xx2; Cavalgada do Rit-

mo 11x 12x 11x 1x11; A Comarca de Arganil 11x 221 12x 1x2x; O Comércio de Leixões 11x 221 1xx 12x2; O Comércio do Porto 11x 1xx 2x2 2122; Correio do Minho 11x 2x1 12x 1112; Correio do Vouga 112 2x1 112 1212; As 10 espere por nós 11x 2x2 2xx 2x2 22x; Diário do Alentejo 11x 1x1 11x 2x11; Diário de Coimbra 11x 121 11x 1x12; Diário do Sul 11x 2xx 111 12x2; O Distrito de Setúbal 111 211 1xx 1111; Ecos de Cacia 112 2x1 11x 12x2; Epoca 11x 2x1 1xx 1x22; Dos Fracos Não Reza a História 121 221 221 22x1; A Ilha 211 2x2 1x1 12x2; Imagens Piedenses 112 2x1 1x1 11x1; Jornal da Graça 111 121 111 1111; O Jornal da Lixa 111 221 1x1 2x11; Jornal de Notícias 11x 2x1 1x2 12xx; Jornal de Sintra 11x 1x1 1x2 2222; O Mensageiro 111 2x1 112 12x1; Litoral 21x 221 11x 121x; Manchete Desportiva 111 2x1 122 2x22; Mensageiro de Bragança 11x 2x1 121 1x1x; Maria da Fonte 11x 2x1 1xx 1221; Notícias de Guimarães 111 2x1 12x 121x; Peça que não Maça 11x 121 11x 1xxx; Penalti 111 221

112 2x22; Póvoa de Lanhoso 11x 2x1 222 1x1x; A Nossa Chave 11x 2x1 11x 1x12; Notícias do Totobola 11x 12x 1x1 2x2x; Último Palpite 12x 11x 122 1x12; A Minha Matriz 1x2 1x1 122 2x21; Rádio Desporto 112 221 121 2111; Mundo Desportivo 11x 1x1 11x 12xx; Rádio Alentejo 11x 1x1 1x1 1212; Reconquista 11x 2x1 1xx 12x2; Renovação 111 2x1 111 2111; Repórter do Dia Angola 11x 221 1x2 1x12; República 1x2 2x1 11x 11x2; Revista de Som 111 1x1 111 121x; O Sorriso da hora do Almoço 11x 2x2 11x 1x11; O Telégrafo 11x 1x1 122 2x21; Terra Alta 112 221 1x1 1x12; A Voz Desportiva 11x 121 11x 2221; A Voz do Domingo 11x 1x1 1x1 122x; Voz de Lanhoso 111 221 121 2x12; A Voz dos Ridículos 11x 2x1 11x 1xx1; Voz do Casa Pia 11x 1x1 1xx 111x; Diário de Lisboa 11x 1xx 1x2 122; Notícias de Évora 11x 2x1 1x1 1x12; Auto Rádio 111 111 111 1111; Boletim Desportivo TA 11x 2x1 1x1 1211; Estúdio64 111 1x1 1x1 2x21; Miscelânea Musical 11x 121 21x 12x2; Montra do Êxito 112 22x 1xx

1x1x1; Música e Desporto 11x 2x1 2x2 2x22; Placard Desportivo 111 1x1 1x12 2x1x; O Primeiro de Janeiro 11x 2x1 11x 1222; Programa da manhã 112 12x 211 2x2x; Programa sem Nome 111 22x 21x 1x2x; Quadrante Desportivo 1x2 221 1x1 12x2; Quadrante Norte 11x 1x1 111 12x2; Rádio Placard 111 111 111 1111; Rádio Sports 111 111 1x2 1x21; Resenha Desportiva 11x 1x1 2x1 2x22; S6 Rádio 11x 2x1 1x1 12x2; Clube do Ar 11x 221 1x2 1x11; Diário do Porto 11x 2x1 1xx 1x1x; Ritmo e Amizade 112 221 112 2x1x; Placard Desportivo Açores 111 2x1 11x 1x12; Bondiazinho 21x 211 1x2 121x; Brado Africano Desporto 112 112 2x2 22xx; Brado Africano Ronga 112 112 1x2 1xxx; Cidade 73 112 2x2 122 2x12; Domingo Alegre 112 11x 222 1x1x; Jornal Desportivo 112 221 12x 12xx; Passatempo 112 22x 2x1 2x12; Revista Desportiva 11x 2x2 1x1 2222; Roteiro Sonoro 212 1x1 2x2 2x12; Terceiro Programa 112 22x 2x2 2x1x; 20 Ponto D 112 111 1x1 2x12; Renovação 111 1x1 211 21xx.

	R E S U M O			B O L A S (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. LEIXOES - BEIRA MAR	104	6	4	10	1	1
2. MONTIJO - UNIAO DE COIMBRA	98	14	2	10	1	1
3. GUIMARAES - BELENENSES	28	59	27	3	6	3
4. FARENSE - SETUBAL	20	53	41	2	6	4
5. UNIAO DE TOMAR - PORTO	19	35	60	2	4	6
6. CHAVES - RÉGUA	91	18	5	9	2	1
7. OVARENSE - VALECAMBRENSE	78	27	9	8	3	1
8. NAVAL - GOUVEIA	52	37	25	5	4	3
9. ALVERCA - CASA PIA	39	42	33	4	5	3
10. CARTAXO - ALCOBACA	63	31	20	7	3	2
11. ALMEIRIM - TORRIENSE	29	34	51	3	4	5
12. BOMBARRAL - PORTALEGRENSE	47	37	30	5	4	3
13. ALJUSTRELENSE - LUSITANO DE ÉVORA	33	35	46	3	4	5

a) Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos são realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
11x 2x1 11x 1212

DL/DESPORTOS

FUTEBOL PORTUGUÊS

Corre com insistência que Fernando Peres, ex-profissional do Sporting, actualmente inactivo e sem contrato para exercer a sua profissão, irá processar o Sporting por «perdas e danos». Fundamento: a possibilidade de recusa da Sporting de Peres jogar no Boavista ou no Canadá. Única saída para o problema: o «internacional» acordar com a nova direcção o regresso a Alvalade.

Manuel Oliveira, foi castigado em 60 dias de suspensão e mil escudos de multa, por afirmações proferidas no final do jogo Farense-Porto.

Com uma equipa algo diferente em relação à que jogou em Faro, os juniores treinaram com o Benfica (linha para o torneio de Viareggio) e venceram por 5-1. Os golos foram apontados por José Domingues (3) Ramalho e Paulo Rocha (pela selecção) e Norton de Matos (pelo Benfica). As modificações da selecção deveriam-se a lesão de Palhares (jogando no seu lugar Ferro) à recuperação de Duarte (que entrou para a defesa, deslocando-se Tó Zé para a linha média). Há algumas dúvidas quanto ao guarda-redes suplente José Pereira (lesionou-se ontem), que pode vir a ser substituído por Jesus Pereira, do F.C. do Porto. Amado talvez jogue no centro da defesa formando dupla com Duarte. A selecção parte amanhã de manhã para Badajoz.

Nos jogos de reservas da Associação de Lisboa, verificaram-se os seguintes resultados: Sporting, 4-Belenenses, 0; Torriense, 3-Estrela, 1; Alverca, 3-Odivelas, 2; Sacavenense, 1-Vilafraquense, 2; Pero Pinheiro, 1-Vitória C.L., 1.

Marinhense e Lusitano de Évora jogam às 15 horas do próximo domingo, na Marinha Grande, o seu encontro da «Taça de Portugal».

No treino do Benfica, agravou-se a lesão de Jaime Graça, que talvez deva ser operado ao joelho.

Chipre derrota a Irlanda e ajuda a selecção lusa

O Chipre venceu, em Nicósia, a Irlanda do Norte, por 1-0, no jogo da primeira «mão» da fase de qualificação para o Campeonato Mundial de Futebol. O golo dos cipriotas foi marcado a três minutos do final do encontro.

Como se sabe, este jogo faz parte da nossa série eliminatória e, a partir dele, a classificação apresenta a Bulgária na frente: com dois golos, quatro pontos e 7-0 como goal-average. Portugal tem os mesmos pontos e jogos, mas soma apenas 5-0. A Irlanda está a zero e Chipre apenas tem os dois pontos ganhos ontem. Em Nicósia, Portugal ganhou por um a zero (golo de Chipre).

Em jogo comemorativo do centenário da Associação Escocesa de Futebol, a Inglaterra derrotou a Escócia, por 5-0, no próprio estádio de Hampden Park, em Glasgow. O primeiro golo foi marcado por Peter Lorimer, na própria baliza, logo aos 5 minutos. Autores dos restantes tentos: Clark (2) Channon e Chivers.

A Argentina acabou com a invencibilidade da Alemanha, que durante 26 jogos não perdeu «em casa»: ontem à noite, os sul-americanos venceram

por 3-2 a selecção alemã num encontro de futebol realizado no Estádio Olímpico de Munique. Os sul-americanos chegaram a estar a ganhar por 3-0, por intermédio de Jorge Ghiso, Norberto Alonso e Miguel Brindisi. Heynckes e Bernd Cullmann, a escassos segundos do termo do encontro, foram os marcadores da Alemanha.

Com 60 mil espectadores e dirigidos pelo árbitro italiano Lo Bello, as equipas formaram: ALEMANHA: Joseph Maier; Berti Vogts, Beckenbauer, Schwarzenbeck (Cullmann) e Hoettges; Breitner, Overath e Wimmer; Gey, Jupp Neynckes e Kremers (Neld).

ARGENTINA: Carnevali; Wolff, Bargas, Heredia e Rost; Brindisi, Telch e Alonso (Babington); Chazarreta, Avalley e Ghiso.

A Austrália e a Bulgária empataram a dois golos num encontro particular realizado em Sidney. Ao intervalo, os búlgaros venciam por 2-0 (golos de Vassilev e Kikhalov).

A Turquia venceu a selecção da Argélia, em jogo efectuado em Istambul. Ao intervalo, os turcos já ganhavam por duas bolas, constando este encontro de uma série de preparação para o campeonato do Mundo,

em que a Turquia defronta a difícil selecção italiana, mas tendo já conquistado um empate na primeira «mão», em Itália.

Em encontro a contar para o campeonato europeu de juniores, o País de Gales venceu a França. Resultado: 2-1.

No único encontro nocturno de ontem, na Liga Inglesa, o Derby County perdeu em casa com o Stoke City, por 0-3.

Morreu um ciclista da Ambar

Vítima do seu entusiasmo pela modalidade, faleceu no Hospital de S. João, no Porto, o jovem ciclista Martinho Moreira Pinto, de 20 anos de idade, solteiro, morador em Rio Mau (Cebolido, Penafiel) e representante da Ambar.

O infeliz Martinho Moreira Pinto, treinava nas ruas do Porto quando, ao descrever uma curva, foi embater violentamente num automóvel.

ALGÊS: NADAR EM SECO

A equipa francesa do Corele Nageurs de Marseille de excelente nível ao que se viu e sempre (de qualquer modo) de cotação superior para o nosso meio, esteve na piscina do Sport Algés e Dafundo para nadar e (se possível) para competir. Pois valeu aos «tricolores» a presença (na bancada) de nadadores do Benfica e da União Piedense para demonstrarem os seus créditos. Os atletas do Algés não compareceram à chamada, segundo consta por decisão do seu treinador (o inglês Wally Lord) que tem tudo muito bem planificado para ganhar os Campeonatos Metropolitanos de Inverno e não vai nisso de contactos internacionais desde que seja a feijões. Claro que o Sport Algés e Dafundo tem uma secção e uma direcção que mandam no clube e pagam ao técnico. Foi, portanto, ao serviço da colectividade (prestimosa, acrescenta-se ainda que desnecessariamente, por via das confusões) que o cidadão britânico combinou o programa de provas com o presidente da Associação de Lisboa e escolheu (até),

os nadadores que ontem não estariam no molhado: Não estariam, é como quem diz, já que Luís Brito Rosa tomou a decisão de competir (ai agora...) e ofereceu excelente réplica ao francês Combet nos 200 metros bruços. Classificação dos três primeiros nessa prova: 1.º Bernard Combet (Marseille), 2 m. 43,9; 2.º Luís Brito Rosa (Algés), 2 m. 45; 3.º Henrique Vicência (Benfica), 2 m. 49,8. E, por se falar de Vicência, registre-se mais um máximo nacional (de juvenis) obtido pelo promotor pupilo de Yocochi: 2 m. 28,6 nos 200 metros estilos (foto). Mais um décimo de segundo realizou Michel Amardeilh.

Como nota insólita assinala-se que, após se conhecer a ausência dos nadadores do Algés, estes foram insistentemente chamados pela amplificação sonora do recinto...

Uma referência (positiva) para o esforço da Associação lisboeta, presidida por Antunes Palla. Preso pelo imobilismo, preso pelo movimento...

A terminar esta crónica (triste) uma pergunta: a que se deve o facto de as crianças que frequentam o Externato do Sport Algés e Dafundo só terem aulas de natação no último período? Há algo que não está bem, na Avenida dos Combatentes...



Henrique Vicência a caminho de mais um «record» nacional: todo o vigor, do que pode vir a ser o melhor nadador português de todos os tempos, está aqui, bem expresso nesta foto.



Acabou o combate: Bugner e Clay dizem de sua justiça, perante o ar circunspecto de Sammy Davis.

Cassius Clay venceu Bugner por «pontos»

LAS VEGAS, NEVADA, 15 — (UPI, ANI e «DL») — Mohammad Ali (Cassius Clay) venceu o inglês Joe Bugner (campeão europeu) aos pontos, num combate de doze «assaltos», disputado nesta cidade.

Fortemente favorito Cassius Clay não conseguiu concretizar a sua previsão de levar a cabo a segunda «chacina de São Valentim». Na verdade, nem mesmo conseguiu derrubar Bugner, muito embora a sua vitória tivesse sido unânime: os três juízes marcaram 57-54, 56-53 e 57-52 a favor do antigo campeão mundial dos «pesados».

Favorito na proporção de sete para um, Clay esperava que o prêmio fosse para si quase como um treino. Mas, logo no primeiro «assalto» o teimoso inglês o surpreendeu, abalando-o com violentos «jabs» da esquerda e uma ou outra direita.

ADIADO O EMBATE COM FOREMAN?

Clay (que previa uma vitória por KO, ao sétimo «assalto»), não mostrou a sua categoria até ao sexto assalto. Foi então que atingiu o seu adversário com duas combinações direita-esquerda, logo ao soar do «gong», empurrando Bugner de canto para canto.

No sétimo, Clay atingiu o campeão europeu com uma poderosa «esquerda», e depois continuou com repetidas «esquerdas» e «direitas» que levaram o inglês às cordas.

No oitavo e no nono «assaltos», Clay aliviou a pressão sobre o seu adversário. O seu melhor «assalto» foi o décimo surpreendentemente lento de pernas, Bugner foi atingido, logo de início, com uma combinação esquerda-direita.

Com um fio de sangue a escorrer pela cara, Bugner colocou-se na defensiva: e Clay atingiu-o com fortes direitas e esquerdas à cara, Clay (que não deve desafiar o actual campeão mundial, George Foreman, antes de 1974), teve nítida ascendência sobre o inglês nos dois últimos «assaltos».

O melhor «round» de Bugner foi o primeiro, em que ele surpreendeu os 5 200 espectadores, fazendo Clay perder o equilíbrio com uma violenta esquerda, seguida de uma direita e de outra esquerda à cara do antigo campeão mundial.

A RENDA DA LUTA

Porém, daí a pouco, Clay abriu o sobrolho esquerdo de Bugner, e um fio de sangue escorreu-lhe pela cara durante todo o combate. Fora isto, o campeão europeu não apresentava outra marca no final do combate.

Nove anos mais jovem do que Clay (que tem 31 anos), Bugner teve também vantagem em peso (99,3 quilos contra 98,5). No entanto, considerando a sua corpulência, o campeão europeu mostrou-se surpreendentemente ágil, conseguindo conservar-se a distância do seu adversário.

sem dúvida mais agressivo.

Foi a 10.ª vitória consecutiva de Clay desde que foi derrotado por Joe Frazier, em 8 de Março de 1971. Clay regista agora 41 vitórias e uma derrota. Quanto ao campeão europeu, tem 44 vitórias, cinco derrotas e um nulo.

A receita do combate foi de 298 999 dólares. Clay recebeu 275 000 e Bugner 50 000, embora a receita proveniente da transmissão do combate em circuito fechado de televisão (nos Estados Unidos e na Europa) possa elevar a sua «bolsa» para 125 000 dólares.

ELOGIO DE BUGNER

No final da luta, Cassius Clay não poupou elogios a Joe Bugner:

«Com mais dois anos de experiência, Bugner poderá medir-se com qualquer «pesado» do mundo — comentou o antigo campeão mundial. «Pensei tê-lo em dificuldade, a meio do combate, mas ele tem uma constituição robusta e soca forte. Bugner vai ser um dos maiores pugilistas do mundo — quando eu me retirar...»

Por seu turno, o campeão europeu declarou:

«Consegui surpreender Caly por volta do oitavo «assalto», mas ele escapou-se-me. Tem demasiada experiência».

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

CONCURSO PARA A EXPLORAÇÃO DO PAVILHÃO DE VENDAS NA ESTAÇÃO DE ESTORIL E LOJA B DE CASCAIS

1 — Até às 16 horas de 20 de Fevereiro de 1973, acci-tam-se propostas para a exploração durante o período de 1 de Abril de 1973 a 30 de Dezembro de 1976 do Pavilhão de Vendas na estação do Estoril e da charcutaria na estação de Cascais.

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente nos escritórios centrais, estação do Cais do Sodré-1.º andar, todos os dias úteis das 9-30 às 12 h e das 14-30 às 18 h, excepto aos sábados.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1973.

O DIRECTOR-GERAL
A. Bual

A SACOR E OS NOVOS VALORES DO AUTOMOBILISMO DESPORTIVO

Conforme oportunamente foi noticiado — e na sequência de uma política iniciada há duas décadas de anos — a Sacor decidiu, na temporada em curso, alargar o seu apoio aos «volantes» da categoria de «iniciados».

Deste modo, pretendeu a conhecida empresa petrolífera fomentar a prática da modalidade entre as camadas mais jovens e facilitar o aparecimento de novos valores, aliás sempre necessários para, em devido tempo, sucederem aos consagrados.

A resolução da Sacor teve o melhor acolhimento por parte de numerosos automobilistas, os quais — usando óleos lubrificantes daquela marca — estiveram presentes nas primeiras

provas dos Campeonatos Regionais.

Os referidos concorrentes têm obtido óptimas classificações, salientando-se um primeiro lugar nas três provas da Zona Norte (José Pinto Marinho) e outra nas duas da Zona Sul (César Flores). Além disso, entre os outros automobilistas classificados até à oitava posição, figuram: Alberto Portugal Cardoso, Fausto Pais de Sousa Magalhães, Fernando Marques Batista, Fernando da Silva Bernardes, Luis Sena de Vasconcelos e Alexandre Neves da Costa (no Norte); Eduardo Lyon de Castro, José Martins Romão, António Tomás Correia, Benjamin Oliveira, Fernando dos Santos Martins e José Miranda da Mota (no Sul).

LISBOA

TURNO L-1 (TODA A NOITE)

- AJUDA**
Teles, R. João de Barros (T 63849)
- ALVALADE**
Aviz, Av. de Roma, 56-B (T 715370), Brasília, Av. Rio de Janeiro, 68 (T 722368)
- ARCO DO CEGO**
Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (T 47088)
- ARROIOS**
Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (T 821671)
- AVENIDA DA LIBERDADE**
Nacional, R. do Salitre, 7 (T 4858)
- AVENIDAS NOVAS**
Avenidas, Av. da Republica, 27-A (T 533688), Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T 774920)
- BAIRRO DA ENCARNACAO**
Ascenso, P. do Norte, 11-A (T 311216)
- BAIXA**
Nacional, R. do Salitre, 7 (T 4858), Americana, C. de Santana, 3 (T 863984)
- BENFICA**
Sousa, E. de Benfca, 429 (T 780027)
- CAMPOLIDE**
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T 682333)
- CAMPO DE OURIQUE**
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T 671667)
- CONDE REDONDO**
Capuchos, R. Luciano Cor-

TURNO L-2 (ATE AS 22 HORAS)

- ALCANTARA**
Lealdade, R. do Olival, 226 (T 663441)
- ALFAMA**
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (T 863632)
- ALVALADE**
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T 776358), Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T 727271)
- AREIRO**
João XXI, Av. João XXI, 16-A (T 726462)
- BAIRRO ACTORES**
Esperança, R. Carlos Mar- del, 101-B (T 722868)
- BAIRRO ALTO**
Azedos, R. da Misericórdia, 24 (T 323540)
- BELEM**
Remisio, R. dos Jeronimos, 14-C (T 631699)
- BENFICA**
LIBOA: R. Claudio Nunes, 73-A (T 703993)
- BOA HORA**
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T 631958)

CAMPOLIDE

- Patria, C. dos Metres, 30-A (a R. das Amoreiras) (T 680627)
- AMPO DE OURIQUE**
Castro, R. Quinto de Infan- taria, 28-A (T 688857)
- CARNIDE**
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T 780181)
- ESTEFANIA**
Estefania, R. Pascoal de Me- lo, 90 (T 44438)
- GRAÇA**
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T 862333)
- LUMIAR**
S. Tome, E. do Desvio, lote 12-C (T 790704)
- MOURARIA**
Bastos, C. de Santo André, 107 (T 860450)
- OLIVAIS**
Nova, lote 469 (Olivaes Sul) (T 316402)
- PENHA DE FRANÇA**
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (T 842518)
- PICHELEIRA**
Luzmar, R. João Nascimen- to Costa, 16-A (T 728395/720703)
- RATO**
D. João V, R. D. João V, 16 (T 682772)
- S. MAMEDE**
Marçal, R. de S. Marçal, 100 (T 325318)
- S. SEBASTIAO DA PEDREIRA**
Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T 51451); No- vais, Av. Luis Bivar, 11 (T 44324)

LINHA DE CASCAIS

- ALGÉS**
Miraflores R. Antonio Gran- jo, 2 (Telef 213 6)
- CAXIAS**
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
- PAÇO DE ARCOS**
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Telef 243039)
- OEIRAS**
Central R. João Teixeira, 8 (Telef 2430058)
- PARADE**
Brandão Av. da Republica, 77-C (Telef 247 054)
- S. JOÃO DO ESTORIL**
S. João (Telef 26 86)
- MONTE ESTORIL**
Costa Av. Saboia, 29-B (Telef 260085)
- CASCAIS**
Misericórdia R. Regimento 3, 4 (Telef 280 4)
- Cascais gr. Conde Monte Real-B. Caixas (Telef 282407)**

LINHA DE SINTRA

- AMADORA**
Cavaca R. Elias Garcia, 209 (Telef 930019)
- FLAMA**
Flama R. Elias Garcia, 78-B (Telef 932485)
- CONFIANÇA**
Av. D. Nuno Alva- res Pereira, 5-A (Telef 938 49)
- DAMAIA**
Damaia P. Alexandre Gus- mão, 9-A (Telef 970523)
- QUELUZ**
Andre Av. Elias Garcia, 5 (Telef 930043)
- QUELUZ**
Av. Miguel Bombar- da, 23-A (Telef 95184)
- CACÉM**
Central R. Elias Garcia, 55 (Telef 2940034)
- MEM MARTINS**
Quimia Est. de Mem Mar- tins, 285 (Telef 2900 2)
- S. PEDRO DE SINTRA**
Valentim (Telef 980456)
- SINTRA**
Simões R. Heliodoro Saiga- do, 26 (Telef 980832)
- COLARES**
Abreja (Telef 299088)

OUTRA BANDA

- ALCOCHETE**
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Telef 234 37)
- ALHOS VEDROS**
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef 224020)
- ALMADA**
Central R. de Oliveira, (Telef 270504)
- BAIXA DA BANHEIRA**
Aliança Est. Nacional, 74 (Telef 224302)
- BARREIRO**
Pimenta R. Cons. Joaquim Antonio de Aguiar, 259 (Telef 22730 2)
- COVA DA PIEDADE**
Rainha Santa Est. das Barro- cas, 50-A (Telef 276 82)
- MOITA**
Silva Rocha P. da Republi- ca, 16 (Telef 239029)
- MONTIJO**
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Telef 230008)
- SESIMBRA**
Leão Av. Salazar (Telef 22947)
- SETUBAL**
Normal do Sul P. do Bodge (Telef 222 6)
- SEIXAL**
Soromenho R. Pava Coelho (Telef 2218560)

PORTO

- 2.º TURNO**
- SUB-TURNO**
- Batalha (da), Praça da Bata- lha, 26, Campo (do), Praça da Republica, 118, Costa Ca- bral, Rua Costa Cabral, 1832, Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1483, Invicta, Rua do Bonfim, 331

SUB-TURNO B

- Barros, Rua do Bonjardim, 1292, Fátima, Rua Oliv. Mon- teiro, 475, Garancia, Rua Fer- nandes Tomás, 696, Gomes, Rua Matias de Albuquerque, 243, Sá, Rua Vale Formoso, 161, Sarabando, Largo dos Loios, 36

COIMBRA

- TURNO B**
- Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); Miranda, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel. 23261); Batista, Pr.ª da Re- publica, 910 (Tel 23747)

LEIA motor



BARS BOITES

- FANTASMA-Dancing Caveau** com va- riedades, Maria Helena, Odete Ma- ria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu con- junto R. Gomes Freire, 145-B Aber- to das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.
- TAMILA** — Marão e s/conjunto «Mat- néas» todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Lou- lé 69, Telef. 534117.
- LUSO** — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermi- da e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Amor da Silva. Em fa- do castiço Cr. stria Maria. Trafa- ria da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.
- HIPOPOTAMO** — Com Helder Reis Encerra aos domingos Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384
- PRINCEPE NEGRO** — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Te- lef. 368987.

- EL CIDE** — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao conde Redondo) Telef. 560538 Com variedades
- SAN-PAYO** — Bar-boite c/musica constante Aberto até às 5h da ma- drugada Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 581422. (Ar. condicio- na)
- CASEBRE** — Rua da Barroca, 133 Telef. 369760. Encerrado aos do- mingos Cantam Carlos Barra, Drolinda Rodrigues e Nazare- A 100h. convidado special em tempo-show. Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira. To- cam Carvalhinho e Julio Gomes
- FRAGATA REAL** — Maria Vaino Ma- ria João Neto e Joaquim Campos em Fado Lisboa João Queiroz em Fado de Coimbra, acompanhamen- to de António Parreira-Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natalia Desjeys e João Cabral Trav. S. Miguel, 22- Alfama-Telef. 868552

- JACO** — Dancing c/musica ambiente com singular quarteto Rua Camilo Castelo Branco, 23-A
- FORCADO** — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Mar- tinho, Maria de Portugal, João Albe- rto, Manuel Martins Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar. condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.
- SOLAR DA HERMINIA** — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trinda- de Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Telef. 320164
- CASINO ESTORIL** — Jogo autoriza- do Variedades internacionais Te- lefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946
- NINA** — Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167

cinemas

- CINEMA CASTIL** (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
3.ª semana
Technicolor Barbra Streisand e Ryan O Neale em QUESE PASSA DOU TOR. Rua Castilho Metro Rolunda Es- tacionamento Parque Castil
- MONUMENTAL** (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi Eastmancolor
- SATÉLITE** (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner
- IMPÉRIO** (Tel. 555134/5)
21.30
Grupo B (10 anos)
ESTREIA
A vida e o génio do grande com- positor «TCHAIKOVSKY» realizaça- o de Igor Talankine. Moscolor
- ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª semana
Uma adoescente... os sonhos, a imaginação... o amor «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani - Mauriel Catala
- MUNDIAL** (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos)
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prcell na comédia colorida sob- bre o desejado movimento de li- beração feminina «QUANDO AS MU- LHERES QUEREM...» Um frente a frente com todas as possíveis vanta- gens para elas! Só à noite no «foyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra
- CASINO** (Tel. 26462/264949)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
CHAMAVAM-LHE REI»

- ALVALADE** (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo D - 18 anos)
Um filme de Joseph Losey «EVA» com Jeanne Moreau e Stanley Baker
- ROMA** (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos)
António Aguiar «ZAPATA» Techni- color
- EUROPA** (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo B-10 anos)
3.ª Semana
«CHEGA-LHE, amigo» com Bud Spencer e Jack Palance. Technico- lor-Scope
- S. JORGE** (Tel. 54153/4)
21.30
Grupo D (18 anos)
ESTREIA
Na tradição dos policiais ingleses «O GOSTO DA VINGANÇA» com Joan Collin e James Booth
- LONDRES** (Tel. 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos) 13.ª semana
Colorido - A Estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snack-bar-pub «Theflag» o melhor encontro gastronómico
- AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B-10 anos)
55.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.
- BERNA** (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Technicolor Jerry Lewis em «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»
- ODEON** (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo D-18 anos)
11.ª Semana
Alfredo Landa, Sylvia Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARAM A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira
- CONDES** (Tel. 322523/326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
Grupo D-18 anos)
4 sessões diárias
2.ª Semana
James Coburn enfrenta «UM CA- SO DE URGÊNCIA» Inquerito so- bre um crime sem assassino!

- VOX** (Tel. 720808)
21.45
Grupo D (18 anos)
ESTREIA
Estimancolor Um convite ao terror «O TUMULO DO TERROR» com Peter Cushing e Joan Collins
- LYS** (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
4.ª semana
Continuação de Estreia «PERSE- GUIÇÃO» (Metropolitano: Intendente)
- APOLLO 70** (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D - 18 anos - 8.ª Semana Technicolor - Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen
- TIVOLI** (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D-18 anos)
3.ª Semana
Colorido. Nem tudo na estátua esta- va certo... «A ESTATUA» com Virna Lisi e David Niven.
- EDEN** (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D - 18 anos)
«NAS MALHAS DA REDE» com Gene Hackman e Karen Black
- ROYAL** (Tel. 864037)
15.00 e 21.00
«O LOBO VERMELHO» e em com- plemento «DEUS PERDOA... EU NÃO»
- IMPERIAL** (Tel. 821933)
14.45 e 21.00
Grupo C (14 anos)
O DIAMANTE COR-DE-ROSA» em complemento «AGENTE DO F.B.I.»
- POLI TEAMA** (Tel. 326305)
21.45
Grupo C (14 anos)
Estreia de gargalhada e acção explo- siva «DOIS IRMÃOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITA»

LISBOA/Teatros

- COLISEU**
21.30 (6 anos)
«Grande circo de Madrid»
- MARIA VITÓRIA**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»
- TRINDADE**
22.00 (18 anos)
«Adriano VII»
- GIL VICENTE**
22.00 (18 anos)
«As Criadas»
- VARIADADES**
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»
- A. B. C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»
- CAPITÓLIO**
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britâ- nicos»

LISBOA/Cinemas

- CINEARTE**
21.00 (18 anos)
«Os incorruptíveis contra a droga»
- PARIS**
21.30 (18 anos)
«A Organização»
- OLÍMPIA**
19.00 (10 anos)
«Ringo o cavaleiro solitário»
- PROMOTORA**
21.00 (14 anos)
«Sartana está de volta»
- MOSCAVIDE**
21.00 (10 anos)
«Um assassino para sua ma- jestade»
- JARDIM CINEMA**
21.30 (14 anos)
Frankenstein conquistador do Mundo» e «Matar para viver»
- MAYER**
21.00 (10 anos)
«David Copperfield»

LINHA DE CASCAIS

- ALGÉS Stadium**
21.30 (18 anos)
«Os touros de Mary Foster»
- OEIRAS Oeiras-cine**
21. (14 anos)
«Resistência passiva»
- PARADE Royal-cine**
21.15 (18 anos)
«Doce veneno»
- ESTORIL Casino**
17 e 21.30 (18 anos)
«Chamavam-lhe rei»
- Palácio**
21.30 (14 anos)
«O maior espião da história»
- CASCAIS S. José**
21.30 (18 anos)
«O Regresso de Casta Susa- na»

LINHA DE SINTRA

- QUELUZ Queluz Cinema**
21.15 (18 anos)
«A Testemunha»
- MEM MARTINS Cine Chaby**
21.30 (18 anos)
«Tempo de amar»
- SINTRA Carlos Manuel**
21.45 (18 anos)
Teatro - «Empresta-me o teu apartamento»

OUTRA BANDA

- TRAFARIA Pavilhão Jardim**
21.15 (18 anos)
«Sigo o meu caminho»
- LARANJEIRO Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«O jovem Torless»
- SÁ DA BANDEIRA**
21.45 (18 anos)
«A Cama dos Comuns»
- ANTÓNIO PEDRO**
6 anos
«A Princesa e o Papagaio»

PORTO/Cinemas

- JÚLIO DINIZ**
21.30 (18 anos)
«O gato das sete vidas»
- OLÍMPIA**
21.30 (14 anos)
«Sem preço para morrer»
- CARLOS ALBERTO**
21.30 (14 anos)
«Sartana desafia Sabate» e «Assassinos»
- BATALHA**
21.30 (18 anos)
«Qual será afinal a causa do divórcio?»
- ESTÚDIO**
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
- S. JOÃO**
21.30 (18 anos)
«Frenzy — Perigo na noite»
- VALE FORMOSO**
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»
- RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
- PASSOS MANUEL**
21.30 (14 anos)
«O grande negócio»
- TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»
- ÁGUIA D'OURO**
21.30 (6 anos)
«O Ladrão de Bagdad»
- COLISEU**
21.30 (18 anos)
O Mecânico»

COIMBRA

- TIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Não desejarei a mulher do delicadinho»
- AVENIDA**
21.45 (18 anos)
Ponto de encontro»
- SOUSA BASTOS**
21.30 (21 anos)
«Helga — O segredo da Mater- nidade»
- GIL VICENTE**
21.30 (14 anos)
«Os piratas do ar»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-192, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Senhora condenada por injúrias à D.G.S.

PORTO, 15 No 1.º Juízo Correccional do Porto a que preside o sr. dr. juiz António Estelita Barbosa Mendonça, foi julgada a sr.ª D. Laura Barros Moreira Valente, de 28 anos, casada, residente na Rua de João de Deus, 12, em Vila Nova de Gaia. Era acusada de injúrias à D.G.S.

INAUGURADO O CURSO DE TEATRO AMADOR

Com a presença do dr. Parreira do Amaral, de Jacinto Ramos, Tomás Ribas, dr. Lucena e Vale, elementos ligados às aulas que se vão processar, e do dr. Serra Formigal, director do Teatro da Trindade, inaugurou-se esta manhã o Curso de Preparação para Orientadores Distritais de Teatro Amador. No discurso inaugural, o dr. Parreira do Amaral referiu as vantagens que um curso desta natureza pode trazer ao Teatro Amador e falou da necessidade de programação e disciplina que o mesmo implica.

UM ACIDENTE AFASTA AZNAVOUR

SION, 16 O cantor Charles Aznavour partiu ontem uma perna ao praticar esqui nas pistas da estância de Crans, onde deu uma queda. O artista, que possui uma vivenda na região, foi transportado de helicóptero para Sion e depois embarcado num avião para França. (FP)

Aznavour está, portanto, afastado do espectáculo que completa o desfile das dez canções finalistas do Festival da Canção. Um problema a resolver pela RTP, ao mesmo tempo, a perda da possibilidade de ver, mais uma vez, o cantor francês entre nós. Quem substituirá Charles Aznavour?

O caso dos trabalhadores do "Jornal da Tarde"

As direcções do Sindicato Nacional dos Jornalistas e do Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas do Porto foram ontem recebidos pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, a quem apresentaram uma exposição relativa ao encerramento da Empresa de Publicidade do Norte, proprietária do antigo vespertino "Diário do Norte" e que se propunha publicar um outro vespertino, o "Jornal da Tarde", do qual ainda foram feitos alguns números experimentais e não destinados a venda.

Reivindicando uma eficaz protecção para os 134 trabalhadores atingidos pelo despedimento colectivo decidido por aquela empresa, os dirigentes sindicais pediram ao secretário de Estado não só a concessão dos subsídios de desemprego através do Fundo de Desenvol-

vimento da «Mão-de-Obra» como as indemnizações que forem posteriormente atribuídas a cada um dos trabalhadores.

Os Sindicatos referidos esperam ainda hoje receber a informação das decisões tomadas pelo Ministério das Corporações, julgando-se todavia que os subsídios de desemprego a conceder imediatamente serão posteriormente descontados no montante das indemnizações atribuídas, funcionando assim como que uma espécie de «adiantamento», sistema posto em prática pela primeira vez aquando do recente encerramento da fábrica de papel da Abelheira. Até aqui, os trabalhadores atingidos por despedimentos colectivos podiam optar pelo subsídio de desemprego ou pelas indemnizações, sujeitando-se contudo, neste último caso, a longos períodos de espera.

Férias antecipadas nas linhas da Fiat

A Fiat Portuguesa depois de obter a aprovação do Instituto Nacional do Trabalho, decidiu antecipar as férias do seu pessoal da linha de montagem. Deste modo, a partir da próxima segunda-feira, dia 19, a maior parte do pessoal que efectua a

montagem dos veículos daquela marca passa a estar em gozo de férias, permanecendo no trabalho uma equipa diminuta, cuja função será a de ir acabando os carros incompletos à medida que se verificarem envios de material da Itália. A Direcção da Fiat justifica esta atitude em virtude do pouco material que tem chegado de Itália, onde, segundo aquela Direcção, as greves sucedidas ocasionaram uma quebra de produção pelo que o material enviado não satisfaz a procura, estando a decorrer, contudo, naquele país, negociações para um novo contrato de trabalho relativamente ao pessoal da indústria automóvel.

Assim, como reflexo do aumento de salários dos trabalhadores italianos, os operários portugueses têm férias em Fevereiro.

CONGRESSO DA OPOSIÇÃO

Continuam no Sábado as reuniões preparatórias

AVEIRO, 15 Continuam, no próximo sábado, com uma reunião num restaurante de Aveiro, os trabalhos preparatórios do II Congresso da Oposição Democrática. Para tanto estarão presentes todos os membros da Comissão Executiva e todos os democratas componentes das Comissões coordenadoras dos oito temas. Estão, igualmente, previstas a resolução de questões relacionadas com as funções das Comissões de coordenação e a elaboração do calendário das sessões do Congresso.

Confirma-se, entretanto, que as sessões decorrerão de 4 a 8 de Abril, nas salas do Cinema Avenida, onde se efectuarão todas as sessões plenárias ou de secção. Prevê-se que nos dias 5 e 6 possam funcionar simultaneamente três assembleias de debate, estando o dia 7, desde já reservado para leitura e debate dos dois temas que maior interesse tenham suscitado aos apresentadores das teses. O domingo será o dia da ratificação das conclusões parciais.

A Comissão Executiva do III Congresso da Oposição Democrática distribuiu o seguinte comunicado:

1. Considerando sobretudo que estão em elaboração diversas teses colectivas e que os trabalhos de grupo tendem a ser mais morosos do que os estudos individuais, a Comissão Executiva do Congresso deliberou aceder à pretensão de vários democratas interessados, prorrogando para o próximo dia 28 o termo do prazo legal de entrega das teses, tendo aliás em conta que a fase de preparação burocrática do Congresso já atingida permite semelhante concessão.

Permanecem no entanto as exigências formais estabelecidas para a apresentação de teses: designadamente, não poderão as mesmas exceder 20 páginas de texto dactilografado a dois espaços, serão entregues em quintuplicado e deverão tal como as respectivas conclusões sumárias (destacadas em folha separada) mencionar não só o nome e o endereço postal do respectivo autor mas também qual o tema em que se integram.

2. Muitos dos democratas que tencionam apresentar teses ao Congresso participaram já à Comissão Executiva quais os temas a que as destinam e que assuntos versarão.

O maior número de participações anunciadas respeita às secções de «desenvolvimento económico e social» e «situação e perspectivas políticas»; e os seus autores enquadram-se nas diversas tendências ideológicas que integram a oposição democrática nacional.

3. Todavia, os pedidos de inscrição como congressista só poderão ser considerados quando refiram o nome, a profissão e o endereço postal dos interessados e satisfaçam a Regra 25.ª do Regulamento aplicável: «todos os congressistas pagarão no acto da inscrição a quantia de 5500, sem prejuízo de outras importâncias com que queiram contribuir para o pagamento das despesas do Congresso».

4. A Comissão Executiva do II Congresso da Oposição Democrática mantém o seguinte endereço postal: Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Aveiro.

PASSA À CONCILIAÇÃO O PROJECTO DE CONTRATO ENTRE ENFERMEIROS E CASAS DE SAÚDE

Tendo iniciado em Setembro as negociações relativas ao contrato colectivo de trabalho a celebrar com o recém-formado Grémio Nacional das Casas de Saúde, os Sindicatos dos Profissionais de Enfermagem de Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal abandonaram a fase de negociação em 31 de Janeiro último por falta de acordo das partes em questões consideradas fundamentais. Um dos pontos especialmente controvertidos refere-se à discordância do Grémio quanto à concessão do Subsídio de Natal.

Considerado ainda imperfeito dada a urgência que rodeou a sua apresentação, o futuro contrato colectivo irá abranger cerca de 1200 profissionais e perto de trinta casas de saúde, no que se refere ao Sindicato de Lisboa, que conta com um total de cinco mil associados (com predom-

inância de mulheres) nas categorias de enfermeiros, auxiliares de enfermagem e parteiras.

Os corpos directivos do Sindicato reúnem-se esta noite não só para tratar de assuntos relativos ao referido contrato colectivo como também para abordar aspectos relacionados com a reorganização do organismo. Está já formada uma Comissão Técnica de Relações com os delegados, uma Comissão para Subsídios (destinados nomeadamente aos profissionais que estudam), pensando-se na criação de outra relativa à contratação e tendo em vista a criação de um gabinete de contratação colectiva. Efectivamente, para além do Sindicato estar ligado por convenções colectivas a cerca de vinte organismos gremiais, existem ainda numerosos profissionais de enfermagem a trabalhar junto de actividades

com as quais não existe ainda qualquer convenção de trabalho celebrada.

Por outro lado, e dada a actual falta de profissionais que se verifica, será também abordado este ponto na reunião desta noite, nomeadamente quanto aos lugares de enfermeiros em navios, neste momento já abertos a auxiliares de enfermagem.

MERCÊS HONORÍFICAS

Foram louvados por serviços prestados, recebendo a medalha de prata de serviços distintos, com palma os seguintes oficiais: majores João Gomes do Amaral (Moçambique), José Luís Jordão de Ornelas Monteiro e José Manuel Vaz Barroco (Guiné), José Maria Barroso Branco Ló (Angola) e Orlando José Sequeira da Silva (Moçambique).

REFLEXOS NO ESCUDO

Continuação da pag. 1

poderia contribuir para atenuar a difícil situação da balança comercial mas é preciso também ter em conta que, entre os países com que passaremos a ter condições menos favoráveis (por mais terem desvalorizado), estão os países com quem as relações comerciais são mais relevantes (sobretudo, Reino Unido).

No que respeita a outras rubricas da balança de pagamento, as remessas dos emigrantes e o turismo, as novas relações apresentarão aspectos positivos relativamente aos países com cujas moedas a paridade do escudo sofreu desvalorização, e apresentará aspectos negativos relativamente àqueles cujas moedas apresentem menor valor face ao escudo. A situação torna-se mais complexa pela necessidade de entrar em consideração com condições concorrenciais, como no caso do turismo. Quanto às remessas dos emigrantes, tendo em conta particularmente a França, a situação nova apresentará sinais positivos uma vez que os emigrantes passarão a dispor de mais escudos por troca de igual quantidade de francos franceses. Em contrapartida, para outros movimentos de capitais, os empréstimos no exterior que estejam em curso terão condições de agravamento relativamente a quem se piorou a paridade, e condições de benefício relativamente a quem se teria melhorado a paridade.

Ao fim de contas, tudo medido, bem difícil será encontrar o resultado. Decisão, ou imposição de decisões, estas alterações monetárias visam a política económica e comercial dos Estados Unidos, no conjunto do sistema, sendo Portugal (e o escudo) pequena peça nesse conjunto. Os reflexos na situação portuguesa serão uma soma algébrica de resultados de difícil previsão.

NOVO DIRECTOR HOSPITALAR

PORTO, 15 Numa cerimónia efectuada ao fim da manhã de hoje, sob a presidência do dr. Braga da Cruz, provedor da Santa Casa da Misericórdia do Porto, o dr. Inácio Salsedo, tomou posse do cargo de director clínico do Hospital Geral de Santo António, substituindo o dr. Pereira Guedes que a seu pedido foi exonerado.

"Exposição arménia"

Comunica-nos a Fundação Gulbenkian que, no convite para as conferências integradas no âmbito da «Exposição Arménia do Séc. IV ao Séc. XVIII», não foi mencionado por lapso, a hora a que as mesmas se realizam, e que é às 18 e 30, nos dias acima mencionados.

Ferreira de Castro

Não permitindo o estado de saúde de Ferreira de Castro estar presente no jantar de hoje, em que seria convidado de honra, na Casa das Beiras, fica o mesmo adiado para data a anunciar.

DÓLAR DESVALORIZADO "SÓ" VALE 25\$50

Desde ontem, (como noticiámos em 3.ª edição) o dólar passou a valer 25\$50. Esta resolução de corrigir a relação entre o escudo e o dólar, surgiu sobre a recente desvalorização de 10 por cento da moeda norte-americana, a qual teve a aprovação do Fundo Monetário Internacional. Assim, ontem de manhã, o Presidente do Conselho reuniu-se em S. Bento com o ministro das Finanças e da Economia, os secretários de Estado do Tesouro, do Comércio e do Fomento Ultramarino e o governador e vice-governador do Banco de Portugal, para se tratar dos assuntos relacionados com a desvalorização do dólar. Foi na sequência dessa reunião,

que o Banco de Portugal viria a distribuir um comunicado nestes termos precisos:

«Considerando que o Governo dos Estados Unidos da América do Norte resolveu, com a aprovação do Fundo Monetário Internacional, desvalorizar em 10 por cento o dólar relativamente ao ouro, tendo em atenção a evolução que estão a ter os mercados dos principais países europeus; tomando em devida conta a situação da economia portuguesa nos seus aspectos comerciais, financeiros e cambiais; o Banco de Portugal, de acordo com a orientação do Governo, dentro da cooperação que sempre tem dado à solução dos problemas monetários inter-

nacionais, comunica o seguinte a partir de 14 de Fevereiro corrente, a relação entre o escudo e o dólar dos Estados Unidos da América do Norte será de E.U.A. \$1 igual a 25\$50».

Claro que o facto não podia deixar de trazer preocupações e sobressaltos aos principais mercados de câmbios mundiais.

A confusão estabeleceu-se e cresce a expectativa perante as medidas que irão ser tomadas pelos vários países na estabilização das paridades monetárias. A ideia geral, porém, é de que se tornou impossível manter o actual sistema monetário internacional, cuja fragilidade tem sido a causa de constantes crises e de situações cada vez mais agravadas.

VIAGENS
EXCURSÕES
CRUZEIROS

paneuropa

Braamcamp, 11/Telef. 563401/Lisboa

obtenção urgente de passaportes

**DA OBRA DE SANTARENO, DOS LIVROS PUBLICADOS, DOS CONTOS
DE ASSUSTAR, DOS POEMAS, DAS MARIONETAS DE ESTEVES,
DO CINEMA, DO "TRISTÃO E ISOLDA", DOS QUE COMPRAM E VENDEM
QUADROS, DO "EU" E DO "NÓS", DA PINTURA DE FRANCIS SMITH...**

SUPLEMENTO LITERÁRIO



LIVROS RECEBIDOS

CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM

OBRAS DE ROCHA PEIXOTO — VOL. 2
Organização, prefácio e notas de Flávio Gonçalves

EDITORIAL ESTÚDIOS COR

O ESPELHO POLIEDRICO
José Rodrigues Miguéis
Coleção Obras de José Rodrigues Miguéis — n.º 5

SOBRE A LIBERDADE

Vários
Prefácio e selecção de Romeu de Melo

ENTRE A CORTINA E A VIDRAÇA

Alexandre O'Neill
Coleção Auditorium

A VIDA DE HARUN AL-RACHID

Gabriel Audisio
Tradução de José Saramago
Coleção Destinos — n.º 12

LIVRARIA BERTRAND

O LIVRO DOS SENHORES DO MUNDO

Robert Charroux
Tradução de Ana da Costa
Coleção Enigmas de Todos os Tempos

O PALHEIRO NO MEIO DO CAMPO

Erskine Caldwell
Tradução de Aida Lawrence
Coleção Autores Universais

LIVROS DO BRASIL

OS JUSTOS
Albert Camus
Tradução e prefácio de António Quadros
Coleção Autores de Sempre

A ESPIONAGEM CIENTÍFICA

Jacques Bergier
Tradução de Alfredo Barroso
Coleção Vida e Aventura — n.º 22

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

TEATRO I — CATÃO — 7.ª edição
Almeida Garrett
Introdução de André Crabbé Rocha
Coleção Obras Completas de Almeida Garrett

PORTUGÁLIA EDITORA

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA vols. 1 e 2
Abraham Sperling e H. S. Gill
Tradução de José da Silva Melo
Coleção Psicologia e Pedagogia — n.º 10

HIGIENE MENTAL
Herbert A. Carroll
Tradução de A. Ramos Rosa
Coleção Psicologia e Pedagogia — n.º 11

CÂNTICO FINAL nova edição
Vergílio Ferreira
Coleção Livro de Bolso — n.º 1
CERTAS MULHERES — nova edição
Erskine Caldwell
Tradução de Fernando de Moraes
Coleção Livro de Bolso — n.º 2

FOGO GRANDE — nova edição
Cesare Pavese
Tradução de Jaime Brasil
Coleção Livro de Bolso — n.º 3

MINISTÉRIO DO MEDO — nova edição
Graham Greene
Tradução de Marília de Vasconcelos
Coleção Livro de Bolso — n.º 4

O ELEITO — 2.ª edição
Thomas Mann
Tradução de Maria Osswald
Coleção Contemporânea — n.º 2

325.000 FRANCOS — 2.ª edição
Roger Vailland
Tradução de Modesto Iglésias
Coleção Contemporânea — n.º 12

A 27.ª MULHER
Irving Wallace
Tradução de Isabel Braga
Coleção Contemporânea — n.º 120

AMOR E DINHEIRO nova edição
Erskine Caldwell
Tradução de Vasco Cabral
Coleção Contemporânea — n.º 121

PALMEIRAS BRAVAS — nova edição
William Faulkner
Tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena
Coleção Contemporânea — n.º 122

DJAMÍLIA — nova edição
Tchingiz Aitmatov
Tradução de Alfredo Brás
Coleção Contemporânea — n.º 123

O ROMANCE DE LEONARDO DA VINCI — 3.ª edição
Dimitri Merejkovski
Tradução de José Fernandes Costa
Coleção Os Romances Universais — n.º 11

ORGULHO E PRECONCEITO — nova edição
Jane Austen
Tradução de J. Almeida Pinto
Coleção Os Romances Universais — n.º 44

Noticiário editorial

LIVROS DO BRASIL

O livro «A Espionagem Científica» de Jacques Bergier apresenta-se como um relato minucioso e exacto, apoiado na experiência pessoal e em factos verdadeiros, que descreve todas as injunções e interesses que conduzem à espionagem científica, aquela que, segundo o autor, se interessa, sobretudo, pelas ideias.

Acaba de ser apresentado ao público o livro «Os Justos» de Albert Camus, em que, sob a forma dramática, o autor de «A Peste», prémio Nobel de literatura, retoma o essencial da sua reflexão filosófica.

PORTUGÁLIA EDITORA

«O Eleito» de Thomas Mann, agora reeditado, foi um dos últimos romances escritos pelo autor. Trata-se da história da vida extraordinária do papa Gregório, a qual se desenrola nos lances mais imprevistos, desde o nascimento, e inspirada, em suas linhas essenciais, numa epopeia medieval.

Em nova tradução, acaba de ser publicado o célebre romance de Jane Austen «Orgulho e Preconceito», verdadeira criação clássica da literatura europeia na transição do século XVIII para a época romântica e que ainda hoje conserva toda a frescura e alicante interesse que lhe asseguram nomeada universal.

Na colecção «Psicologia e Pedagogia» foi publicado o livro «Higiene Mental» de Herbert A. Carroll. O título define um ramo da psicologia clínica que tem um carácter fundamentalmente preventivo, pois procura criar as condições pessoais e sociais que promovem uma melhor saúde mental.

Reeditado agora na colecção «Contemporânea», o livro de Roger Vailland «325.000 francos» mereceu, do crítico Pierre Gamarra, no plano do romance, um paralelo com o filme de Chaplin «Tempos Modernos», adaptando-o ao nosso presente mais actual.

Também na mesma colecção foi reeditado o livro «Amor e Dinheiro» de Erskine Caldwell, documento que de certa maneira assinala uma época, uma crise, um tipo de civilização, ao mesmo tempo

que se nos depara o talento satírico de Caldwell, da sua originalidade e do seu estilo objectivo e preciso.

Em «A 27.ª Mulher», Irving Wallace narra a história de Ann Eliza Young, a última esposa de Brigham Young, o poderoso chefe dos Mormons, que sucedeu ao fundador dessa seita religiosa, num período particularmente grave da existência do cisma. A existência dos Mormons foi durante anos um permanente êxodo: fundaram cidades, irrigaram desertos, sempre perseguidos até renunciarem a um dos pontos fundamentais da sua religião: a poligamia.

«O Romance de Leonardo da Vinci», de Dimitri Merejkovski, é obra mais de erudito do que de romancista. Mas apresenta uma notável evocação do Renascimento italiano, dada numa série de sugestivos quadros em que aparecem algumas das figuras mais representativas da época com particular relevo para Leonardo da Vinci, considerado por muitos a viva personificação do carácter e das tendências daquele período.

Na nova colecção de Li-

Agora integrada na colecção «Contemporânea», foi reeditada a novela «Djamília» do escritor tártaro Aitmatov, que mereceu de Aragon os melhores elogios e que mantém na tradução portuguesa o espírito e a atmosfera da obra original.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Integrado na Colecção «Obras Completas de Alves Redol», acaba de ser publicado, em 4.ª edição, o romance «Barranco de Cegos», que, no dizer de Mário Dionísio, representa «um momento em que toda a obra de Redol Culmina, os seus temas fundamentais se reelaboram, o escritor atinge a plena posse de si mesmo». Este romance é, unanimemente, um dos livros fundamentais do neo-realismo português.

vros de Bolso da Portugália Editora acaba de aparecer o romance de Graham Greene «O Ministério do Medo», que se sucede a «Cântico Final» de Vergílio Ferreira, «Certas Mulheres» de Erskine Caldwell e «Fogo Grande» de Cesare Pavese.

URBANO
TAVARES
RODRIGUES

DIAS
LAMACENTOS

A BUSCA LÚCIDA E DESESPERADA
DE UM SENTIDO PARA A EXISTÊNCIA

colecção
AUTORES
PORTUGUESES
45500

uma edição
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

**LICENCIADO
EM FARMÁCIA**

Pretende-se com ou sem prática, sabendo Francês ou Inglês, para lugar de futuro, isento de Serviço Militar, idade até 32 anos. Guarda-se sigilo.

Agradece-se informações — Resposta a este jornal ao N.º 720.

DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR **KONI** DARÁ

MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE

CARREGAVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.
Av. Am. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 540156/7/8 — LISBOA

barranco de cegos

Prefácio de
Mário Dionísio

140\$

Nono volume da
Colecção
«Obras Completas
de Alves Redol»

4.ª Edição

Um imenso painel sobre
o homem português

Já publicados:

- FANGA 100\$
- TEATRO III (FRONTEIRA FECHADA) 77\$50
- A BARCA DOS SETE LEMES 137\$50
- O CAVALO ESPANTADO 100\$
- AVIEIROS 105\$
- MARÉS 105\$
- OS REINEGROS 110\$
- HISTÓRIAS AFLUENTES 105\$

Colecção encadernada
Excelente apresentação
Edição definitiva,
de valor eterno

Publicações Europa-América
Apartado 8 — Mem Martins

SEGREDO
de
MARIA CAMPOS

A crítica de Odette de Saint Maurice diz: Numa época em que os versos pouco dizem ou nada valem, Segredos comunicam inteiramente comigo, tocam a minha alma porque neles hesiste tudo aquilo que requiere a poesia, sensibilidade, cadência, ternura e acima de tudo, tem alguma coisa que nos faz pensar.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS. EDITORA PAX

Como trabalham os nossos escritores?

BERNARDO SANTARENO: "COMPREENDO CADA VEZ MENOS O TEATRO DE POUCA GENTE"

ENTREVISTA
CONDUZIDA
por JOSUÉ
DA SILVA

"Português, escritor, 45 anos de idade", é o título da nova peça que Bernardo Santareno nos vai apresentar dentro de pouco tempo. Um título atrás do qual bem se pode discernir toda uma vivência de autor meio condenado, num tempo e espaço que não nos permite ser outra coisa. Mas o tema de "Português, escritor, 45 anos de idade" será discutido na devida altura. O encontro que marcámos com Santareno tem outras intenções: a de saber como trabalha e um pouco como pensa na intimidade do autor de "O Judeu", de "A traição do padre Martinho", de "O Inferno", peças que aguardam ainda o momento de serem representadas, embora as possamos apreciar em texto, pois todas elas estão publicadas. A conversa que tivemos com Santareno iniciou-se por caminhos pouco comuns à vulgar entrevista. Mas não poderíamos dispensar umas quantas perguntas-chaves:

Usa qualquer método de trabalho?

Bernardo Santareno elabora facilmente uma resposta. E conciso quando diz:

Não, não uso qualquer método, pelo menos o que se possa chamar um método. Acho que isso é até uma das coisas que me caracteriza. Por exemplo: não sou um autor de elaboração contínua. Só escrevo durante certos períodos, embora nesses períodos me entregue então totalmente ao que estou a escrever, aproveitando todos os bocadinhos disponíveis dos intervalos do tempo do meu trabalho-ganha-pão. Mas através de longos períodos de inércia e que suponho necessários, pois são os períodos em que armazenamos, em que nos enchemos, o criador sabe que se trata de um momento importante, do momento em que se armazena o precioso material sensível, emotivo, onde se armazenam as ideias que nos servirão mais tarde para compormos o trabalho seguinte. Exemplificando ainda melhor, direi que há uns dois anos que não escrevia. Tinha uma peça começada, que ficou lá para um canto, como se eu não fosse mais capaz de a terminar. De repente, por um acaso, acabou-se, quase febrilmente e agora, bem seguro do que quero dela, já não pararei. Quer dizer que penetrei uma das minhas fases criativas.

Mas dentro dessas fases criativas procura condições especiais para o seu trabalho, agarra-se a algum "ritual" preciso?

Há algo de patético na maneira como Santareno desenvolve as suas ideias



Bernardo Santareno

quando lhe disparamos uma pergunta. Como que se ausenta de nós e, no entanto, nunca se perde, nunca nos vê-nos. Escuta-se a si próprio, sem que isto o obrigue a procurar, a rebuscar uma eloquência premeditada:

Em geral não estabeleço horários, nem metrifico o tempo em que devo debruçar-me sobre o que estou a escrever. Quanto a algum ritual... Pois não sei se você acha que ouvir música enquanto escrevo obedece a um ritual. Mas a música estimula-me. A certa altura perco-me da leitura musical que faço quando oio um concerto, vamos supor, e o que está latente em mim vem a um plano consciente, surgindo a partir daí o material com que se reorganiza (ou organiza) toda a ansia criativa e logo sinto a necessidade de ir para casa escrever. Também nestes períodos procuro assistir a muitos espectáculos, sobretudo teatro e cinema e todo isso representa para mim uns quantos estímulos que desencadeiam e ordenam os elementos dispersos no meu interior facilitando a feitura do meu trabalho.

Fuma?

Muito. Estou sempre a fumar. Mas faço-o quando escrevo e quando não escrevo.

Há autores que enquanto elaboram ou criam as suas obras, se fazem acompanhar de um copo de qualquer bebida. Temos presente, por exemplo, o caso nada português, mas que recordamos como evidência, de Tennessee Williams que, segundo se afirma, escreve acompanhado de uma boa garrafa de uísque. Outros não vão tão longe e ficam-se pelo café. O Santareno tem o costume de to-

mar o que quer que seja?

Durante muito tempo também tomei café. Pouco, aliás. Bebidas alcoólicas, não. E agora mesmo o café me está vedado, por razões que a medicina conhece.

Iamos passar a outro plano da nossa conversa. Porventura mais profundo, mais inerente ao factor criação. Indagámos:

Considera-se um escritor impulsivo ou um elaborador? Emenda, reescreve ou fixa-se na forma inicial?

O sorriso na face de Santareno quase nada diz de como ele encara as nossas perguntas. Pode haver nele ironia ou plena concordância, que não nos apercebemos.

Bom... diz-nos penso que sou as duas coisas. Na primeira fase sou um impulsivo, muito impulsivo, agarro-me antropofagicamente ao papel e tudo me sai quase de jacto. Depois, nas fases seguintes, que eu considero como primeira redacção, segunda redacção, terceira, quarta, quinta e às vezes sexta redacção, sou severamente autocontrolado, entrego-me a todo um trabalho de medir, de estudar a palavra, de substituir este vocábulo por aquele, de corrigir fontes, quando é o caso, sobretudo em peças de tipo mais didáctico, como acontece com esta que estou a escrever e já acontecerá com "O Judeu", "O Inferno", "A traição do padre Martinho". Para atingir a correcção que me preocupa leio os meus trabalhos em voz alta, procurando a certeza do estilo, a exacta concepção de comunicação oral que o teatro envolve. Aqui, já vê, sou um elaborador.

Dentro dessa ideia de correcção até ao exagero, costuma ler os seus trabalhos a alguém?

Contudo, considero que o autor não será a pessoa mais indicada para responder a uma pergunta como essa. Não será, digo eu, a pessoa mais indicada para avaliar a própria obra. Falta-lhe nitidez, clareza para uma avaliação deste quilate, por maior que seja o seu poder de autocritica. No entanto, há aqui um outro aspecto que precisamos focar. Sabe que no campo da criação existe como que um gráfico que marca o caminho ascendente do autor, o qual atingirá por regra uma certa plenitude e, mais tarde ou mais cedo, a chamada curva descendente ou, senão, um certo estadió em que a tendência é para repetir e aperfeiçoar, repetir e aperfeiçoar. Eu estou sempre atento a tal condição. Há um período em que o autor inventa, descobre, progride por lampejos. Depois... Por enquanto, porém, não sou nada escritor que se debruce sobre as suas coisas passadas. Essas coisas, esses livros, foram publicados, representados ou não, mas deixaram de ter interesse para mim. Já me tem acontecido aparecerem-me pessoas que me falam de personagens das minhas peças, que viram representadas, e das quais eu não me recordo, nem reconheço as situações. Desprendo-me bastante do que já criei...

Como Junqueiro entrevistamos que dizia que cada livro seu publicado era como que um filho atirado à roda?

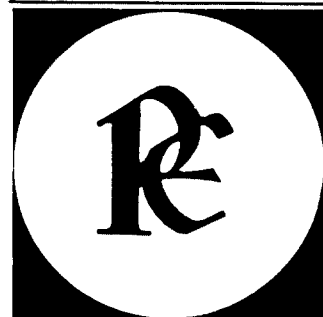
Mais ou menos. Bernardo Santareno: o que é para si o público?

Para mim diz ele o público é tudo. TUDO, no sentido mais lato. A opinião de meia dúzia de intelectuais, de pessoas que vêem as coisas de uma determinada maneira, tem importância, sem dúvida. Eu sou um criador que atende com humildade, natural ou não (também não importa), tudo aquilo que à minha obra se refere. Porém, e apesar disso, apesar desse estado em que vivo em relação à opinião de um núcleo ou de vários núcleos, interessa-me sobretudo a audiência que encontro (ou não encontro) para as minhas peças. O público está para mim muito acima de tudo o mais. Eu nunca compreendi, e compreendo cada vez menos, o teatro de pouca gente. Compreendo, sim, que exista um teatro de pesquisa, os chamados teatros laboratórios dirigidos a muito poucos, que vivem do seu pequeno público, um público especial, decerto um público categorizado do ponto de vista cultural. Compreendo essa situação, talvez necessária, mas não a sinto. Eu anseio cada vez mais pelas grandes massas de público e por um teatro de envolvimento popular. O sentir-se o criador acompanhado é importante. O teatro é das expressões artísticas porventura a mais comunicável e decerto que isto não acontece por mero acaso. Mas para chegar a

essa comunicação, o criador tem de sentir o público, de o saber ali, à sua espera. Porque se escolhe ser dramaturgo e não romancista ou poeta? Esta opção traz implícitas muitas consequências e uma delas é que o homem de teatro necessita do público de uma maneira carnal, pois o teatro é, em si mesmo, a expressão artística mais carnal de todas, uma expressão em que o verbo ou a sugestão ou a situação emocional elaborada pelo autor, tem de ser encarnada por um actor, que cada vez que a peça está no palco a diz ao vivo para um público vivo, que está ali, que adere ou não adere, que ajuiza, que toma parte de uma forma integral. O texto de uma peça pode ser belo através da leitura, mas nunca, uma coisa que nasce para ser gritada, é tão bela como quando a podemos sussurrar. E se há pessoa mais ansiosa desse sentimento de aproximação, de comunicabilidade com o público, de amor, na ideia mais lata do termo, é o dramaturgo, que não prescindisse dessa fusão carnal que constituem os elementos do teatro.

Quer falar-nos um pouco da peça que está a escrever?

Gostaria imenso de ver este meu trabalho a que pus o título "Português, escritor, 45 anos de idade", representado e mal o desse por terminado. No seu conteúdo, trata-se da história de um homem com aquela idade e que atravessou o seu tempo.



OBRAS DE
JOSÉ GOMES
FERREIRA

POESIA I Preço 50\$00

POESIA II Preço 45\$00

POESIA III Preço 55\$00

POESIA IV Preço 55\$00

IMITAÇÃO

DOS DIAS Preço 45\$00

TEMPO

ESCANDINAVO Preço 45\$00

O IREAL

QUOTIDIANO Preço 55\$00

A MEMÓRIA

DAS PALAVRAS Preço 65\$00

O MUNDO

DOS OUTROS Preço 50\$00

Leia livros da
PORTUGALIA

OPINIÕES CRÍTICAS

"Ninguém escreve ao Coronel"

GABRIEL GARCIA MARQUEZ

Um crítico argentino definiu Kafka como uma síntese que julgo definitiva: **Kafka é estranho à força de ser rigorosamente real.** De Garcia Marquez poderemos dizer o inverso: o autor de *Cem Anos de Solidão* é real graças à sua extraordinária capacidade de ser fantástico.

Parece-me ser, mais pro-

priamente, na transição do real para o fantástico, nessa capacidade pessoalíssima de criar um corte entre um e outro sem que essa zona operatória surja como um projecto de inverosímil, pelo contrário, tornando plausível o irreal, que Garcia Marquez exprime a sua força de criador.

O escritor colombiano ma-

neja o irreal da mesma maneira que os poetas (alguns poetas) manejam as palavras: como zonas iluminadas que criam a sua própria lógica, o seu próprio real, com uma diferença importante a invenção e, para o escritor, uma forma de penetração no real (com evidentes conotações sociais e, mesmo, políticas).

Segundo livro de Garcia Marquez, *Ninguém Escreve ao Coronel*, constitui, de certo modo, um desvio na trajectória da sua obra que se iniciou com o volume anterior, *O Enterro do Diabo* (*La Hora-jasca*), e prossegue nos livros anteriormente publicados em Portugal. Esse desvio é, sobretudo, gnoseológico, passe o palavrão, porque nesta prospeção do real o autor utiliza apenas material realista, ao contrário do que aconte-

ce na maioria dos seus livros. Há, pois, em relação a esses livros (e, concretamente em relação ao primeiro) um estreitamento da óptica utilizada por Garcia Marquez.

O coronel abriu a lata de café e viu que restava apenas uma colherzinha de pó. Tirou a panela do lume, deitou ao chão de terra metido da água e raspou à faca o fundo da lata até deitar na panela os grãos finais entremeados com rasas de ferrugem (pág. 7).

Tudo o livro mais novela do que romance é este raspar das coisas visíveis, esta visita de um quotidiano concreto: a lata do café; os grãos do pó; as rasas das ferrugens. A «estória» decorre entre personagens que são também definidas através de sinais concretos: a asma da mulher do coronel (mulher feita de cartilagens brancas cobrindo-lhe a espinha arqueada e inflexível pág. 9); os diabetes do compadre; o coronel, sentindo «o mês aziago nas tripas»; a fome que ele e a mulher sofrem: veja-se na última página a resposta que o coronel dá à mulher quando esta lhe pergunta o que vão comer.

E Inverno. Os sinos tocam para um enterro. Há um galo preparado para disputar campeonatos amarrado à cama do casal. Também as situações com que deparamos ao longo da obra se apoiam em processos realistas: a fome do coronel e da mulher; o enterro; a perspectiva da luta de galos; a venda do galo; o correio que chega. No meio de tudo isto, um pequeno ponto ao mesmo tempo concreto e irreal, que se tornou irreal à força de se irrealizar: a carta que há-de trazer a notícia da reforma do coronel. Todas estas situações se prolongam umas nas outras e prolongam-se noutros conflitos apenas esquisitados ou, até, ocultos, constituindo, por isso mesmo, a estrutura ficcional da obra e, ao mesmo tempo, a sua incidência política. Veja-se este exemplo: o galo, única possibilidade de sobrevivência económica para o coronel, é uma herança do filho, crivado de balas nove meses atrás na rinha, por distribuir panfletos clandestinos (pág. 24); por isso, o animal

tem verdadeiro significado político por simbolizar a luta em que o filho participava: **Disseram que o galo não era nosso, mas de todo o povo** (pág. 133). Ora, a outra (im)possibilidade de sobrevivência seria a reforma que não chega nunca por razões igualmente políticas. Uma reforma que se espera durante 19 anos acaba por se transformar numa espécie de sonho. Aliás, neste episódio de reforma que se perde entre mil repartições, entre advogados venais, entre funcionários que mudam e papéis que se perdem, há uma referência kafkaiana.

A principal tarefa da vida do coronel consiste, pois, em ir esperar o correio. Essa tarefa é para ele um ritual cuja realização implica toda uma teoria de comportamento. Se as notícias da reforma não chegam nunca, em contrapartida, o médico da família espera também notícias: aquelas que os jornais trazem, sobretudo do estrangeiro, embora seja difícil ler nas entrelinhas o que a censura permite publicar (pág. 30). O sino soa um toque especial e que noutro sítio seria insólito. Com ele o pároco local qualifica os filmes de acordo com a lista classificada que recebia todos os meses pelo correio (pág. 30). Doze badaladas: impróprio para todos, diz a mulher do coronel. Há quase um ano que os filmes são todos desse género. **O mundo está corrompido**, acrescenta. Estas pequenas anotações sinalizam um itinerário que constitui o retrato do microcosmo em que o coronel espera (dizendo que nada espera) a carta que ninguém lhe escreve ou a vitória hipotética do galo lutador, e é, ao mesmo tempo, o retrato do macrocosmo em que, por assim dizer, a consciência do coronel, entre uma guerra perdida, o filho morto, a fome, a asma da mulher, a chegada inútil do correio, o fim da esperança (**Não há esperança de eleições disse o coronel. Não seja ingénuo, coronel. Já estamos muito crescidos para esperar pelo Messias.** (pág. 30), a certeza da fome e da morte, a consciência do coronel, por assim dizer, sonâmbulamente flutua.

CARLOS PORTO

Voz de prisão

MANUEL FERREIRA

O verdadeiro herói do último romance de Manuel Ferreira é aquilo a que poderíamos chamar «uma linguística», ou melhor, uma certa investigação no domínio de uma nova linguagem, enriquecida, neste caso preciso, por um expressionismo nascido da interpenetração da língua portuguesa e do crioulo cabo-verdiano. Num contexto ao mesmo tempo sintáctico e psicológico, o discurso directo e indirecto afrontam-se e completam-se num rit-

mo vertiginoso em que a sinceridade verbal do cabo-verdiano se conjuga com a voz do narrador, estreitamente ligada às breves intervenções do autor. O todo numa perfeita simbiose da primeira e da terceira pessoas do singular: um «eu» e um «ele (a)» tornados complementos indissociáveis um do outro. Atento e prudente, o romancista contenta-se com o papel de simples observador, voluntariamente «encoberto» pelo seu personagem princi-

pal, nha Joia, o «eu»-«ela» deste fenómeno narrativo feito de uma sucessão de diálogos nunca interrompidos. A não ser que se trate de um «monólogo para duas vozes», tanto mais que Manuel Ferreira nos surge perfeitamente à vontade na pele do autor-narrador deste romance-caudal para dois recitantes em que o monólogo possui a força e a vivacidade de um diálogo arrastado pela corrente verbal de nha Joia — tão hábil na composição das notas titilantes da língua portuguesa com a desenvoltura de uma língua crioula de cores polícoras e cambiantes, cintilante como uma vergasta... O resultado desta união é surpreendente. Não só pela sua «verduria» genética, mas também e sobretudo, pela harmonia e frescura do seu ritmo, tímido de originalidade.

Voz de Prisão é o romance de um povo, o livro-itinerário do cabo-verdiano em busca da sua identidade num mundo em permanente transformação:

Na linhagem de um Aimé Césaire, Manuel Ferreira revela-se neste seu último romance (um passo enorme, gigantesco na carreira literária do autor de *A Aventura Crioula*) como um homem preocupado com o devir de um povo, este povo ao qual se identifica com tanta paixão através de uma escrita enriquecida pelo seu talento de narrador na plena posse dos seus meios estruturais: cadência e morfologia conjugadas na mesma linha de perfeição estilística, o verbo e a temática associados no mesmo objectivo, ou seja, a harmonia, a cor e o ritmo de um tecido estrutural vivo e realista, num sussurrar de «morna» que nos comove e acalenta, arrebatando e convence. Sem jamais perder o fôlego das primeiras páginas. Num todo uniforme idêntico ao conceito de totalidade do estruturalismo genético.

Romance de um punhado de insulares «insularizados» onde quer que estejam, **Voz de Prisão** aborda (sem cortes nem desvios hipócritas) o fenómeno da emigração cabo-verdiana e as suas consequências a partir da eterna fuga diante das sempiternas fomes cíclicas, assim como a sua presença em Lisboa, onde, oh ironia do destino, preenche os vazios abertos pela desertão da mão-de-obra local.

Pela sua identificação com os problemas estritamente humanos da **negritude** e pela sua inteligente preocupação face aos constringimentos levantados pela aculturação de que o seu livro e toda a sua obra testemunham, Manuel Ferreira afirma-se definitivamente como um grande estilista, criador de imponentes e simpáticos arquétipos do herói africano do nosso tempo.

De uma factura estética original, desprovido de capítulos e escrito de um único **soufflé**, **Voz de Prisão** constitui uma novidade prometedora no campo das letras portuguesas contemporâneas, com o «significado» e o «significante» atentos às mesmas preocupações de forma e de conteúdo, a anedota e o facto social oferecidos à mesma explosão de imagens prodigiosamente eivadas de um lirismo todo interior, aliçado sobre o amor das palavras e dos homens.

ALCIDES DE CAMPOS

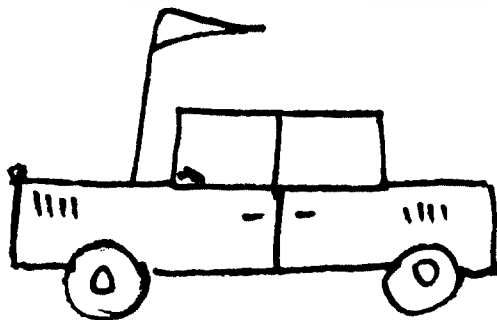
PÉ DA VINHA

O MAGNÍFICO

ROSÉ, ROSADO OU BRANCO
um vinho para todas as refeições.



PUBLINTER



COMECE JÁ AS SUAS FÉRIAS!

Vá à **MARCAMPO/73**, de 8 a 17 de Fevereiro (todos os dias até à meia-noite) e veja as caravanas da linha C. I. para 1973: **ECCLES**, **SPRITE** e **EUROPA** ATRÁS DO SEU AUTOMÓVEL, À FRENTE DE TODAS AS CARAVANAS C. I. **MARCAMPO** AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 35-D

ONDE ESTÁS ?

eis-mulher
ardente e retornado às pedras secretas da
infância.

eis-me mulher
embriagado e nu pelos campos manchados de
guitarras.

eis o milho os pomares
por onde nos incendiávamos sobre a água e
as maçãs.

eis as rosas as camas
onde soltavas os pássaros e a festa dos teus
olhos.

eis os lagares a folhagem
as papoilas que ardiam nos meus dedos para o
teu colo

eis as casas as fogueiras.
o vinho que colhi para o teu nome.

onde estás?

José António Freire Antunes

POEMA

A noite verga os ombros
as próprias lâmpadas
ao rés da terra
falamos baixo
para que outros não acordem.

Na cidade nocturna
metálica sonora religião aquece
em catacumbas de cimento armado:
é o furor da noite ou da manhã
que corpo a corpo de pé se consome
acendendo os lábios empurrando o sexo?

Os olhos habituaram-se à escuridão
mas choram luz.

O vulto sonoro de um homem
desloca as sombras com os seus braços
os prédios silenciosos como pedras
à espera que a luz os amanheça e lave.

António Borges Coelho

POEMA

Acabo
Como quem vence uma jornada
Dura
Eu próprio me desprendo
Do pedúnculo ainda verde.
Respeitar a cor o aroma e o sumo.
Morrer com a boca ainda
Cheia de saliva fresca.
Aqui é o instante patético
Do crime
Aqui é o cenário falso
E virtuoso
Onde o eco se antecipa ao grito.
As montanhas devolvem-me.
A distância
A atmosfera os dois infinitos.
Entro na morte apressadamente
Como num ventre ansioso e
Húmido.

Manuel Afonso Costa

— É para melhor te comer,
minha neta!

No manuscrito de 1695, em que Perrault fixa para sempre a história do Capuchinho Vermelho, directamente colhida na tradição oral, lê-se, escrita na margem, uma nota relacionada com essa última exclamação da estranha «avó» à imprevidente menina. Diz a nota: «Pronuncia-se esta frase com voz forte e cava, para atemorizar a criança, como se o lobo fosse realmente comê-la.»

Isto recorda-nos que Charles Perrault optou por uma adaptação muito fiel à narrativa oral, mantendo-lhe o tom de «aviso e proveito» dos contos que pertenciam ao ciclo destinado à infância. Por isso deixou que a história «acabe mal», como efectivamente acaba a que recolheu do folclore, e como convinha, ao que parece, para melhor indicar à criança os perigos a que está sujeita, e as consequências possíveis de uma demora pelos caminhos dos parques, ou de se falar a desconhecidos, etc. etc.

E todas as crianças pelos vistos, se têm deliciado, arrepiadas com as ameaças, perigos e armadilhas contidas nessas histórias do Tempo Passado, acabem elas bem, ou mal.

Nos contos de Grimm faz-se um verdadeiro estendal de «escabrosos» pormenores dos perigos que correm os pequenos heróis.

Um pavor. Oh, mas esse pavor deve com certeza ter sido, para o pequeno ouvinte, um atraente pavor.

A respeito do conto do Pequeno Polegar interroga-se — e responde — Soriano: «Deveremos então entregar a nossos filhos este texto de Perrault, com as suas entrelinhas antipopulares, antifeministas, e delirantes? Sou de opinião que devemos. As crianças são leitores apressados que vão direitos ao essencial. Sensíveis ao «suspense», ao mito fundamental, passarão rapidamente — pelo menos a uma primeira leitura — por sobre os traços odiosos ou obsessivos. Esses pormenores, de resto, não serão inúteis. Como tanto o desejam, e com razão, os melhores artesãos actuais do livro para jovens, o texto ou a imagem podem ser uma ocasião para o adulto iniciar ou prosseguir o diálogo necessário com a criança, e para lhe explicar, sem moralizações inúteis, em que é que, e como é que, o presente emana do passado e o pode melhorar.»

PARALELOS

Faço mais uma pergunta aos que recusam levar a criança ao encontro de fadas e prodígios: afinal, se não se lhes fizer entrever, ou pressentir, o fantástico, se não se lhes proporcionar o Maravilhoso, nem o doloroso, que corre paredes-meias com ele, que reatará? — A moral? — E qual?

Recorro ainda a Soriano, satisfeito por poder reforçar as minhas razões: «A literatura infantil que os adultos dos nossos dias oferecem às crianças é muitas vezes ensonsa e delirio-doce. Os pais, aí, são sempre exemplares e dotados de todas as virtudes. O Pequeno Polegar fala uma outra linguagem, propõe aos jovens leitores um mundo diferente, mundo em que os adultos são maus, ou inseguros, pelo menos não merecem confiança, e em que cada criança tem de lutar e afirmar-se sózinha. A constelação geminar, sempre presente em Perrault, leva-o a valorizar as situações em que avulta a preferência, por parte dos pais, e o ciúme por parte dos filhos. Mas essa obsessão é também a da criança que, no meio da família, vive com

CALAFRIO



os irmãos e irmãs a dilacerante experiência de ter de compartilhar o pai e a mãe, a limentação e o amor.»

A INDIGNIDADE DOS PAIS

Nestas histórias, direi que as situações de preferência ainda são o menos. Porque o descuido, o desinteresse, o abandono, o crime... É a insegurança? «O universo destes contos» — diz Soriano — «está impregnado de uma profunda angústia: as crianças que aí se debatem nunca sabem onde irá parar a crueldade e a insânia dos adultos, venham elas de parentes ou de estranhos.»

Uma interrogação maldosa: e o mundo verdadeiro onde as crianças verdadeiras, as nossas, se debatem, será assim tão diferente?

Já sei, agora pareço contradizer-me e alguém estará a interpellar-me: «não percebo, então tanto queria entregar aos meninos as fadas, as fontes, os castelos, os bosques, o tal maravilhoso das tais histórias maravilhosas, e de repente, nem nada parece ser já «maravilhoso», e também, afinal, não faz mal, porque essa interrogação sobre o mundo verdadeiro contém juramentos, a opinião de que não vale a pena oferecer-lhes a clareza e a magia, já que a não vão, nele, encontrar...»

Nada disso. Assim não vale. As histórias de fadas, quase todas carregadas, como andámos a recordar nestes artigos, de elementos onde avulta a perversidade, os perfis de trevas, lêem-se (ou ouvem-se) com a distinção suficiente para poderem, não obstante, «encantar», falando à imaginação da criança, ao mesmo tempo que lhe vão impressionando o espírito (a alma, se quiserem) com furtivos clarões, subliminais imagens de uma verdade que ela está destinada a decifrar, fora das páginas dos livros, a pouco e pouco, à sua roda.

PEQUENOS POLEGARES E GRANDES OGRES

A mãe do Polegarzinho preferia o filho mais velho, talvez, como insinua a história, por ser o mais parecido consigo. E fazia grande diferença de tratamento entre esse filho e os outros.

Nunca se viu isto «nas famílias»? Nunca nenhum menino sofreu com a demonstração das preferências dos pais? Que esse sofrimento possa, mais tarde, transformar-se em realização e vitória, como forma de compensação, é já outra história — que nem sempre acontece...)

E o sofrimento das crianças que obscuramente pensam que não são filhas, que foram adoptadas?

E o das crianças que adoram os seus pais adoptivos e que passam por toda a espécie de torturas provocadas por juizes iguizinhos a bruxos e monstros, com a estupidez a mais? (este ano, em França, a um menino abandonado, que vivia já muito feliz, com a sua família adoptiva

que o fora buscar à Assistência Pública, foi recusada a legalização da adopção por essa família ter um nome aparentemente ridículo («Trognon» — que equivale, mais ou menos a grotesco, a carantonha). Dezenas de membros dessa família, que usam o apelido com todo o orgulho, acorreram, de vários pontos, e recorreram. De nada serviu.) Quero dizer: recusa-se à mulher o exercício da magistratura segundo parece por ela ser uma criatura emocional, reagindo emocionalmente, e nenhuma sentença poder estar sujeita a pessoais humores. Mas os juizes, com os seus humores pessoais podem sentenciar...

Por falar em tribunais: e o calvário dos filhos de pais separados que os pais (pai) «maltratam» com o beneplácito dos tribunais de menores e do «juiz da Tutoria»? «Maltratam», aqui escrito, significa «de que os pais se servem contra a mãe». Que fazem sofrer só para fazer sofrer a mãe, só para atingir a mãe. O contrário é raro. Uma mãe não faz sofrer o filho só para atingir o marido... Arranja outras maneiras, se tiver essa intenção.

Conheço crianças de todas as classes sociais que passam calamidades muito maiores do que as que passou Cinderela com a madrasta.

O carpinteiro o torneiro, o serralheiro, que se separa e ganha o processo, vai arrancar a menina de seis anos à mãe... para a pôr em casa de uma irmã dele, porque ele, é claro, é homem, não pode nem sabe tratar dela. O Nélinho, por exemplo, o Nélinho, recente notícia de jornal, que se encontra, depois de raptado pelo pai, vivendo com a tia...

(O pai, aliás, diz «com serenidade e consciência limpa», que quando foi a Cruz da Argola — num automóvel com mais três homens — nem ia para o raptar, foi por acaso... mas viu por ali o Nélinho mal arranjado, «e deu-lhe uma raiva e trouxe-o»). Os pobres Nélinhos, os vingativos pais)

E os Três Irmãozinhos? — Separaram-se os progenitores. Ele, engenheiro, ela, doméstica. Os dois rapazes e a menina, que de princípio viviam com a mãe em casa dos avós maternos, são-lhe depois arrancados pelo pai sob o pretexto de ela «sair muito». Amigos e amigas testemunham contra ela. Perde os filhos. O marido começa por tirá-los do colégio que frequentavam, por ter sido escolhido pela mãe. Põe-nos, depois de uma má experiência noutra escola, num colégio interno. Regressão nítida nos estudos do rapaz de dez anos, que começa a multiplicar os erros de ortografia, e deixa depois, quase, de saber escrever... O outro, com oito anos, rapa o cabelo à escovinha, a trunfa linda que a mãe gostava de ver grande e o pai mandou logo aparar, e deixa de falar, em sinal de protesto. O pai, casado na igreja católica ao «abrigo» da Concordata, essa bela medida de protecção à família, arranja uma companheira,

sul-africana, e põe os meninos num externato. (Se acaso vivessem com a mãe e esta arranjassem um companheiro, eles poderiam ser-lhe tirados com a justificação — legal — de que ela vivia «em concubinato...») A madrasta nada deve à de Cinderela, e trata-os como nunca pensou que fosse possível numa família abastada da alta burguesia, nesta terra, em mil novecentos e setenta e três. (As empregadas odeiam-na e despedem-se em cadeia. Os três pequenitos têm de fazer todos os serviços pesados da casa e a senhora não faz NADA. No outro dia uma pessoa que lá entrou inopinadamente encontrou a menina de sete anos às voltas com o aspirador numa sala enorme, e os meninos na cozinha, a limparem o fogão, com os deveres escolares por fazer.)

E as manhas das pobres crianças para telefonarem à mãe, para verem a mãe?! Essas manhas e recursos também nada devem à imaginação do Pequeno Polegar com suas pedrinhas a demarcar caminhos de salvação.

Estas são histórias aos milhares, histórias de pavor e calafrios. Não de atraentes piores, nem de gostosos calafrios.

A propósito, hei-de mandar perguntar a essas crianças se gostam de histórias de fadas, mesmo das que são tristes, difíceis, angustiantes, cruéis, das que vão mais longe do que a de um pequeno elefante azul separado pacífica e temporariamente dos pais, que chora primeiro oito lágrimas e depois se entrega saudavelmente a descobrir o mundo à sua volta.

Hei-de perguntar-lhes se conhecem e gostam dos contos de Perrault.

Iria apostar que sim

ISABEL DA NÓBREGA

R

PRÉMIOS NOBEL EDITADOS PELA PORTUGÁLIA

Sigrid Undset, André Gide, William Faulkner, Thomas Mann, Romain Rolland, Nelly Sachs, Roger Martin du Gard, Anatole France, Cholo-kov

Mais de mil títulos publicados

40 colecções de ficção, poesia, ensaio, teatro, cinema, psicologia e pedagogia, economia e finanças, para raparigos e rapazes, de obras de autores nacionais e estrangeiros

Leia livros da PORTUGÁLIA

SUPLEMENTO LITERÁRIO



TERÃO AS MARIONETAS FUTURO EM PORTUGAL ?

«Antigamente, quando éramos pequeninos, havia pelas ruas grupos de homens e mulheres que, de biombo às costas, percorriam os cantos dos bairros populares, encantando a petizada com os manejos e as histórias pitorescas com que estes robertos falavam ao espírito fantasista das crianças e dos adultos que, encantados por esse mundo mágico, ali ficavam de olhos postos nas arlequinadas figuras.

Há muito tempo já que não vemos robertos, nem nos consta que andem por aí, ou que as escolas ou outros grupos se preocupem com a matéria.»

«Diário de Lisboa», 11 de Janeiro de 1968

ENTREVISTA CONDUZIDA por ROGÉRIO VIDIGAL

A Grécia da Antiguidade tinha teatro e marionetas. Portugal, como o temos, não é forte nem numa coisa nem noutra. De teatro pode saber-se pelo que dizem os críticos da especialidade. De marionetas falamos hoje com Francisco Esteves, um homem que depois de ser actor, depois de ter escrito peças infantis, depois de se ter reformado, se dedicou, praticamente em tempo inteiro, aos bonifrates. Trabalha no Imave, ensina a construir fantoches, diz como manipulá-los, quando lhe é possível vai ao estrangeiro (Oriente médio e mais além) aprender qualquer coisa, e depois volta, para, sempre que lhe é possível, ensinar.

Quem está disposto a aprender? Quem já sabe?

Segundo parece, a via normal de aprendizagem para a manipulação, construção e amor pelas marionetas, era a popular. Mas, como as vias populares se perdem nos labirintos da vida moderna, é precisa uma aprendizagem que pode vir a caber até dentro dos limites de um Conservatório (ainda hoje alheio a muitos dos problemas que se levantam). Os Bonecos de Santo Aleixo ainda existem. Mas «Jaleca está lá para um canto de um asilo». E Talhadinhas ainda é vivo. «Quando ele morrer que será do Grupo»? pergunta Francisco Esteves.

Está destinado a desaparecer, respondemos nós. Quem poderá hoje dedicar-se, com carácter de continuidade, a esta actividade? Nem o Talhadinhas nem o Jaleca, que são homens de uma certa idade. Os novos?

APRENDER

Os novos têm muito que aprender. É claro que se pode dizer: mas aprender onde? Ora, eu estou sempre disposto a ensinar o pouco que consigo aprender nestes anos de actividade. E há aí mais dois ou três locais onde alguma coisa pode ser aprendida. Antes de se mandar gente ao estrangeiro, temos de lhes ensinar um mínimo



Francisco Esteves

aqui. Sei isto por experiência própria...

A solução, parece, a longo prazo, será não deixar que as marionetas tradicionais morram. E incentivar junto dos mais novos o gosto pela arte, o que de resto não é difícil, segundo Francisco Esteves. Quando ele fala, com o seu entusiasmo, há muito quem fique desde logo com o «bicho metido no corpo». No entanto, isso não basta. Não podemos esperar que as pessoas venham até nós. Temos de as procurar, e estimular o gosto.

Aqui há tempos, estava eu a trabalhar,

quando me bateram à porta. Era um grupo de miúdos que estava interessado em construir marionetas, em vez de dar chutos na bola. Eu disse-lhes: «Está bem, vamos fazer uns bonecos... Mas, antes de começarmos a fazê-los temos de pensar na peça que vamos representar». Eles concordaram depois de eu lhes explicar que temos de saber os personagens que são precisos. E então começámos a fazer a história. Escreveram aquilo tudo, levaram à professora de português e acabaram por me entregar um texto em que se falava de bichos de que eu nunca tinha ouvido falar. Mas eles garantiram que existiam, já tinham consultado enciclopédias e tudo. (Daqui pode ver o interesse que tem o Teatro de marionetas para o ensino...). E fizemos a peça.

Evidentemente que isto foi um acaso. Onde o professor Francisco Neves tem desenvolvido actividade mais intensa em favor dos seus fantoches, e da indispensável revivificação, é à sombra do Imave, cujo director acede, sempre e prontamente, a qualquer pedi-

do em que se solicite a presença destes homens que se dedicam a ensinar o pouco (muito) que puderam aprender. Com Francisco Esteves colaboram António Dias e Clotilde Lapa Carneiro. O primeiro destes percorre terras e terras, com a barraca e os robertos prontos para o espectáculo. Os professores da escola local são previamente avisados de que António Dias estará «no dia tantos às tantas horas». Crianças e tudo o mais preparado, espectáculo decorrido, muitas vezes são os professores que ficam entusiasmados a ponto de pedirem que o fantocheiro fique. Vai proceder-se, imediatamente, a mais uma reunião de crianças para que seja um maior número a beneficiar da possibilidade de rir, intervir, assistir. Cultivar-se, em suma num país onde tão poucas coisas lhe são especialmente dirigidas. Clotilde Lapa Carneiro funciona como colaboradora, e o seu trabalho é precioso.

Como se há-de ensinar?

Pode ser que num futuro próximo o Conservatório venha a incluir o fantoche na disciplina de teatro. responde Francisco Esteves. De resto é isso que acontece noutros locais, nomeadamente em Praga. É claro que eles lá são profissionais e podem sê-lo. Sabem fazer de tudo com um conjunto de títeres. Eu vi fazer «ballet» (Bella Bartok e Strawinsky) só com marionetas. Vi o «Petruska» e o «Príncipe de Pau» pela Companhia de Budapeste, com gravações da orquestra de Budapeste. Antes, pela mesma cidade, tinha passado, com a mesma música, nas mesmas gravações, a Companhia de Ballet Oficial.

QUÊ, PARA QUÊ?

...Será de supor, no nosso país, uma actividade de fantocheiro, com carácter permanente, devidamente remunerada, e homens chamados profissionais do roberto?

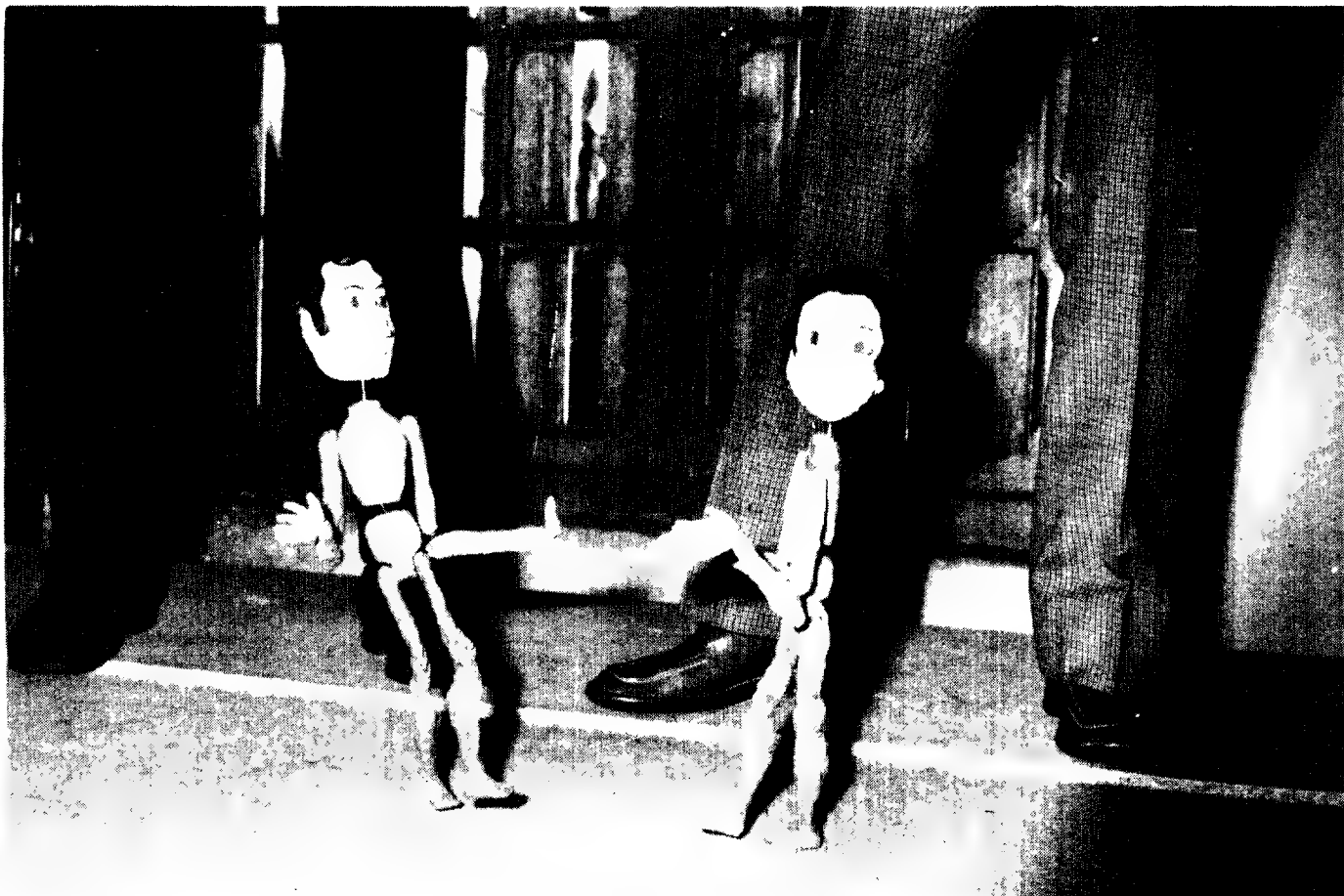


Fantoches em m...



Pois é, mas as pessoas não acreditam na profissão. Se acreditassem, podiam fazer, por exemplo aqui, no Imave, um grupo de fantocheiros. Vi, em Moscovo, o teatro mais notável que tive oportunidade de visitar. É um teatro que emprega 320 pessoas, com vários grupos, e as peças são representadas com bonecos de tamanho natural. Trata-se de uma sala de 500 lugares, onde Obrasow tem feito uma obra extraordinária...

Excluída uma actividade puramente lúdica, como acontece com o teatro e outros sectores da Arte, para quê fazer teatro de marionetas? Francisco Esteves tem resposta para a pergunta. Afirma mesmo que esta actividade foi, em Portugal, o primeiro meio de



RESPOSTA 2

D — Duas semanas depois, avançamos pouco. Apenas um ponto: a interpretação que Vítor Ramos nos dava do pensamento de Althusser revelou um completo desconhecimento dos textos daquele autor, o que é particularmente grave, sobretudo porque todo o sentido do empreendimento **Cinéthique** (e, por conseguinte, de Vítor Ramos) visa ser uma superação fundamentalmente política da problemática althusseriana através do aproveitamento de algumas noções mais recentes como a de «aparelho ideológico de Estado».

Era minha intenção prosseguir com um esboço de tipologia de discursos, procurando distinguir o discurso científico, o discurso ideológico, o discurso estético e o discurso crítico, nas suas relações com a noção de Verdade. Tentar-se-ia demonstrar que o discurso científico não visa ser verdadeiro, mas produzir um efeito de conhecimento. E que o discurso estético não procura de igual modo uma verdade, mas a produção de um efeito estético. E que o discurso estético (a obra de arte em geral) não é redutível às instâncias culturais que visam totalizá-lo num saber comunicável. E que são essas instâncias culturais que aparecem, na terminologia althusseriana, como aparelhos ideológicos de Estado. E que o discurso estético enquanto tal não é integrável numa problemática de «aparelhos ideológicos de Estado». E que o discurso crítico, na medida em que é um meta-discurso que visa o uso produtivo de um discurso estético considerado como discurso-objeto, não tem qualquer relação com a noção de verdade. E que só o discurso ideológico utiliza a noção de verdade, assumindo-a ou miticamente como a representação da Verdade, ou politicamente como a manifestação de uma verdade de classe.

O desenvolvimento de todos estes problemas seria laborioso. Acontece que, perante uma tal tarefa, me aborreci e desinteressei. Profundamente. Fútilmente.

E — Lia, entretanto, o que Balibar escrevia: «Staline expõe a propósito da língua uma tese notável, que se deve estender rigorosamente à arte e à ciência: se, diz ele, a língua é «indiferente» à divisão das classes e à sua luta, não se deduz daí que as classes sejam «indiferentes» à língua. Elas utilizam-na, pelo contrário, de maneira determinada no campo do seu antagonismo, sobretudo da luta política. Assim como as classes e os seus representantes ideológicos e políticos utilizam de maneira determinada as produções de arte e da ciência. Pelo contrário, o juízo político imediato é um grave erro, não pelo facto de, desconhecendo o inestimável valor autónomo da arte e da ciência, os reduzir à política, mas sobretudo porque fundamenta as suas apreciações no esquecimento da distinção efeito estético — efeito ideológico, ou efeito de conhecimento — efeito ideológico, e expõe-se assim com magro lucro imediato aos piores erros de diagnóstico (Etienne Balibar, **Cahiers Marxistes-Léninistes**, n.º 12-13, pp. 21-22).

F — A única coisa a explicar a Vítor Ramos e seus companheiros é que a «análise política produtiva», que constitui o «único aspecto que lhes interessa», cai no erro terrível de ser uma análise política imediata, isto é, improdutiva.

E é aqui que a argumentação de Vítor Ramos não faz medo. Ela baseia-se num mecanismo muito simples: tudo aquilo que não é o que Vítor Ramos diz revela a origem de classe de quem o escreveu. Onde: trata-se de muito pacientemente fazer ver a Vítor Ramos que ele não detém o lugar teórico da classe que diz representar, e que pode estar equivocado, e que pode estar a representá-la mal. Com a melhor das intenções, aliás. Não irei ao ponto de dizer que faz más críticas de cinema para desprestigiar a classe a que liga o seu nome. Acredito, apenas, a boa-fé. Vítor Ramos está convencido que qualquer espírito progressista deverá rejeitar os erros e o idealismo do cinema de Rossellini. Eu estou convencido de que qualquer espírito progressista que goste de cinema deverá ser suficientemente inteligente e esclarecido para entender o cinema de Rossellini. E que uma análise materialista não analisa denunciar o idealismo a torto e a direito (quixotismo de masiado fácil, e que a nada conduz), mas procura ler com inteligência e sensibilidade as obras de um Rossellini ou de um Dreyer.

É por isso que um texto de António-Pedro Vasconcelos é mil vezes mais política (mais política porque mais inteligente, e não mais inteligente porque mais política) do que uma análise de Vítor Ramos: e isto é particularmente visível em relação a **A tomada do poder por Luís XIV**.

As ortodoxias nunca me preocuparam muito. Tenho visto gente ilustre ficar mastigando ortodoxias a propósito de tudo e de nada, muito convencida de que ainda está a pensar, quando já há muito se esqueceu de que sómente aplica esque-mas no interior dos quais já abdicou de pensar por completo. O que me interessa perante um filme não é aplicar a «estratégia normativa» que diz como os filmes «deveriam ser se não fossem o que são», o que é uma tarefa perfeitamente inútil e desatinada, a que só a ociosidade poderia conduzir.

O que me interessa perante um filme é encontrar modos de o interpretar, de o pensar e de o sentir, que me levem a pensar e a sentir coisas até aí não pensadas nem sentidas. Só isso é um uso produtivo do filme, porque só isso o transforma em meio de conhecimento, em produção de efeitos estéticos. Não se trata de afeirir o filme em relação ao que eu penso, e de julgar à luz do marxismo já pensado os métodos históricos de Rossellini. Trata-se de utilizar Rossellini para pensar coisas novas no plano da história, da sua teoria e dos seus métodos. Trabalho para o qual Vítor Ramos se revela incapaz.

Sobre um filme podemos escrever mil coisas perfeitamente correctas. Uma análise

se política imediata pode ser profundamente exacta: quem seria tão obtuso que não visse que os fantasmas de **A Estratégia da Aranha** bloqueavam a análise política? Era por ser demasiado óbvio que dizê-lo se tornava demasiado desinteressante. Entre as inúmeras coisas certas que sobre um filme se pode dizer, trata-se de encontrar aquela meia-dúzia que, não sendo certas, mas justas, produzem no filme o trabalho que sua revelação.

Dai a inviabilidade de certos diálogos. Incapaz de entrever a especificidade de um texto estético, na medida em que o inclui sempre entre «os aparelhos ideológicos de Estado»; incapaz de entender o que é um discurso científico; incapaz de entender que o discurso crítico não é nenhuma manobra traiçoeira, mas um tipo de discurso cujo funcionamento se caracteriza por um certo número de mecanismos; incapaz de ver cinema — Vítor Ramos não diz coisas erradas, mas condena-se a dizer coisas mediocres. Dai a impossibilidade do diálogo: porque o que define aquele que diz coisas mediocres é não ser capaz de perceber que havia coisas mais importantes a dizer — são os limites da mediocridade, figura zelosa e cabisbaixa que tende com frequência para o bolorento exercício da crítica.

Embora politicamente indefinido, Christian Metz tem feito pela teoria cinematográfica muito mais do que os redactores da **Cinéthique** todos juntos. Enquanto Vítor Ramos não entender isto, a gente não conversa mais. Porque é inútil.

EDUARDO PRADO COELHO

ves. Fazer fantochadas será, com certeza, despertar a criança para a imaginação, obrigá-la a investigar, despertá-la para aquilo que pode fazer. Como coadjuvante das disciplinas de trabalhos manuais, é ótima. Um fantocheiro precisa de saber, até, construir os seus bonecos, acontecendo que muitas vezes cria as suas personagens.

Mas isto não é tudo continua Francisco Esteves. Tenho tido experiências formidáveis quanto à utilidade do teatro de marionetas. Já nem falo do facto que observei na Alemanha, onde há muitos jardins infantis que utilizam fantoches para entreterem as crianças, em vez de lhes darem os tradicionais bonecos (Francisco Esteves mostra-nos alguns dos bonecos que trouxe: são bonecos de luva, onde os orifícios para meter os dedos são de facto destinados a dedos de meninos. Na Checoslováquia, bonecos destes são fabricados em série, já que os mais pequeninos não se podem entregar à sua construção. Foi assim que vimos uma hidra de três cabeças, com as quais uma criança pode passar manhãs ou tardes, dando largas à imaginação). Já nem quero falar disso. Posso, também, contar-lhe o que me aconteceu, agora, durante umas festas de Natal que eu fiz no Hospital Miguel Bombarda. Quando eu entrei na sala estavam os doentes agitados, falando, fazendo barulho. Comecei a mostrar os bonecos, e ao fim de pouco tempo muitos deles estavam tão interessados...

Então, alguns dos adultos que tiveram oportunidade de, talvez, pela primeira vez na vida, assistirem a um espectáculo de fantoches, vieram até junto do Francisco Esteves. Ali estiveram, mexeram, fizeram o que quiseram com os bonecos e nenhum deles estragou fosse o que fosse. De resto o convite foi feito pelos Serviços de Terapêutica Ocupacional.

Francisco Esteves crê que as marionetas funcionam como tranquilizante em estados de neurose. Quem não precisa?

UMA LUTA

A luta de Francisco Esteves desenvolve-se onde é possível. Onde lho permitem. De qualquer modo, diz, a sua idade já atingiu os 50 anos. A

doença, os anos, podem impedi-lo de continuar. É verdade que as marionetas, entre nós, têm algumas outras pessoas interessadas. Vejamos o caso de Lília da Fonseca, e como ela se aproximou dos fantoches, segundo relatava a 16/9/72 ao nosso jornal:

«Aproximei-me das marionetas por verificar que era um método com por cento pedagógico e que retinha a atenção dos miúdos. No início não sabia fazer bonecos; consultei um ou outro artista plástico e fiquei gelada com o orçamento que me apresentaram: mil escudos por cada fantoche. Então, experimentei fazer uns bonecos de ensaio e as pessoas acharam-nos muito expressivos. Dai em diante, avancei na feitura dos bonecos. Já tenho perto de cem. Ainda não arranjei tempo para estudar os bonecos de fio mas penso em tentar essa experiência.»

Depois desta transcrição, quem mais? Jaleca? Talhadinhas? Os jovens que estiveram na Casa da Comédia?

Francisco Esteves tem travado a sua luta no campo prático. Tal como os outros, evidentemente, nem isto pretende ser uma crítica. Agora estamos a dar notícia do que o homem fez.

Dei cursos de iniciação a 120 professores de todo o País. Além disso, tenho estado presente, em numerosos estágios de valorização, em que pretendo interessar os jovens professores pela modalidade.

E mais adiante: Acontece muito com estagiários do Ciclo Preparatório interessarem-se pelos fantoches...

A verdade é que esta luta de Francisco Esteves se trava desde há cinco anos, quando existiram os Cursos Livres da Casa da Comédia, onde teve entrada toda a gente que quis.

O que aconteceu, quanto a fantoches, desde então até agora?

Houve progressos? Ultrapassámos uma situação de impasse, que diz respeito a quase todos os campos da arte?

Não é a Francisco Esteves, ou a nós que cabe responder. A resposta virá dentro de anos (muitos? poucos?) quando for possível uma verdadeira retrospectiva do que se tem feito em toda a dimensão, durante estas últimas décadas...



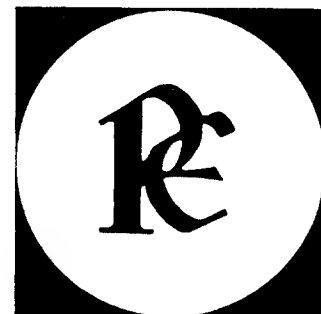
movimento.



comunicação a u d i o v i s u a l.

Parte da minha actividade tem sido desenvolvida junto de professores de línguas, de naturais e de matemática. Na Idade Média, porque o povo era analfabeto, aprendeu a «Sagrada» através de representações com robotos. À margem havia fantoches que andavam a apontar os defeitos e vícios dos grandes senhores). Mas continuemos: uma criança que normalmente se recusa a recitar um texto em francês, quando é posta atrás de uma cortina não tem a mínima hesitação e acaba por fazê-lo, na maioria das vezes, com grande perfeição. Tenho verificado isto.

E já falámos do caso dos miúdos que foram procurar Francisco Este-



OBRAS DE BRANQUINHO DA FONSECA

BANDEIRA PRETA

Preço 40\$00

CAMINHOS MAGNÉTICOS

Preço 40\$00

PORTA DE MINERVA

Preço 55\$00

O BARÃO

Preço 50\$00

RIO TURVO

Preço 50\$00

MAR SANTO

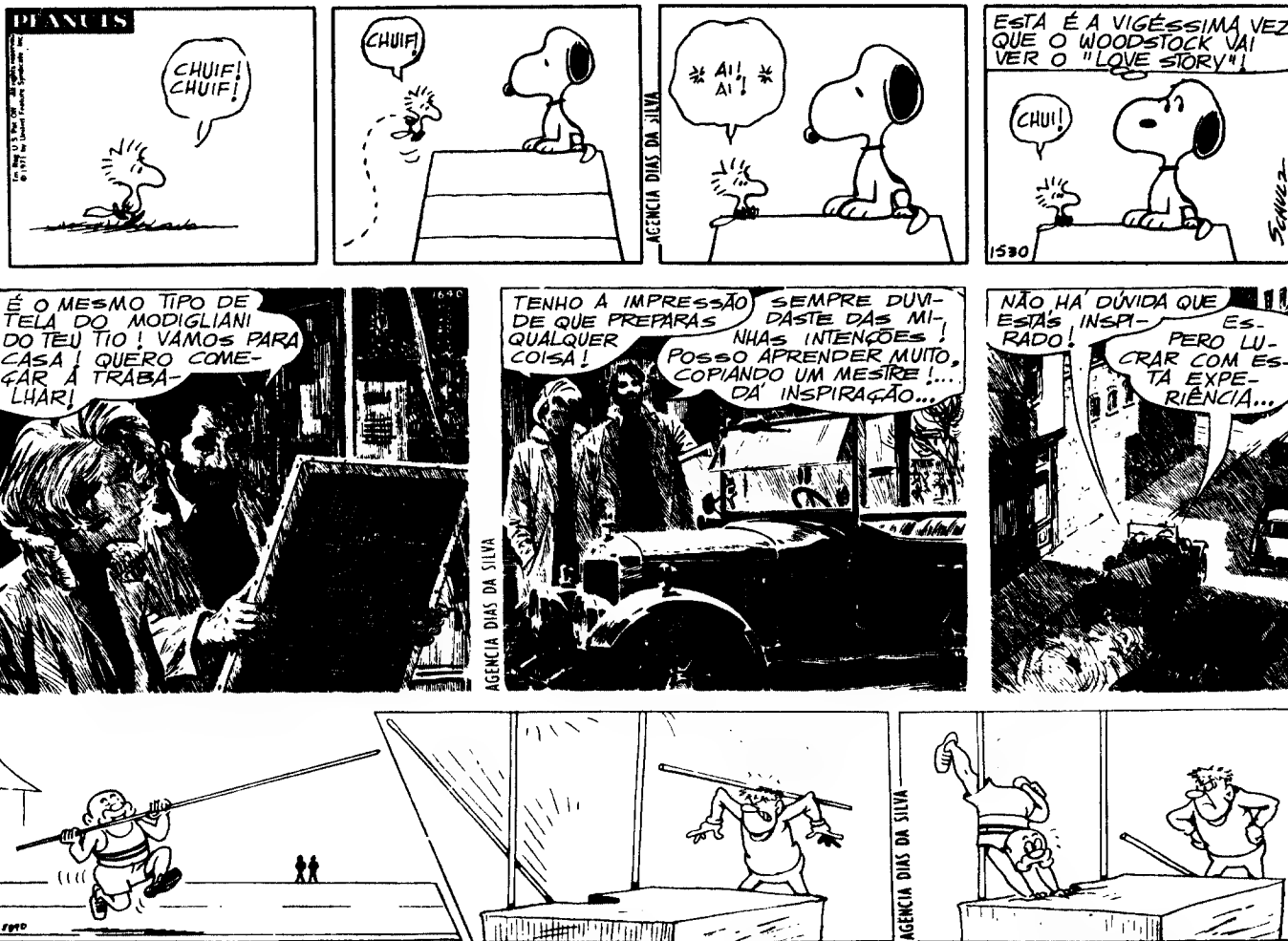
Preço 60\$00

Leia livros da PORTUGÁLIA



Na viagem de Hanoi para a base de Clark, nas Filipinas, Edward Davis, libertado pelas autoridades de Hanoi, lê um jornal americano enquanto afaga Ma-Co, a cadela que guarda do Vietname do Norte lhe ofereceu.

PEANUTS



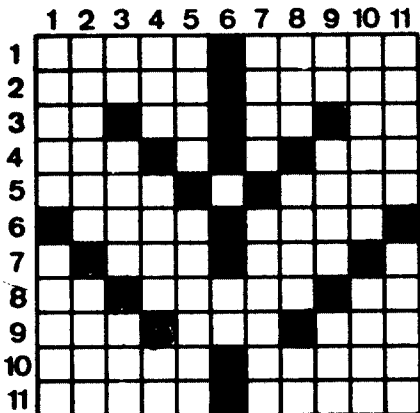
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10342

HORIZONTAIS

- 1 Empregada. Tecido de lã ou algodão muito transparente.
- 2 Natalício. Arrostar.
- 3 Prefixo de negação. Ruim. Lê Niquel (s. q.).
- 4 Nome de letra. Procede.
- 5 Supremo. Artigo definido. Cruéis.
- 6 Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Queima.
- 7 Oásis. Monarca.
- 8 Abreviatura que se usa em música. Arpoas. Prefixo de privação.
- 9 Um cento. Medida de líquidos da Holanda. Patrão.
- 10 Estive unido por aderência. Cidade de Portugal.
- 11 Tornava a ler. Ecoara.



VERTICAIS

- 1 Ligavas. Tomar moça.
- 2 Hemolinfa. Roga.
- 3 Átomo. Peixes dos rios dos E. U. Doçura.
- 4 Médico dinamiquês que recebeu o prêmio Nobel da Medicina em 1949. Língua vernácula indiana. Troça.
- 5 Grande cão de fila. Fronteira de um país.
- 6 Utensílio doméstico.
- 7 Contribui para (fig.). Fios de latão.
- 8 Medida de superfície. Acredita. O lado do vento.
- 9 Escândio (s. q.). Estive muito quente. Antiga capital da Birmânia.
- 10 A vida (fig.). Gostar muito de.
- 11 Um dos doze signos de Zodíaco. Velha.

Resolva completamente este problema?

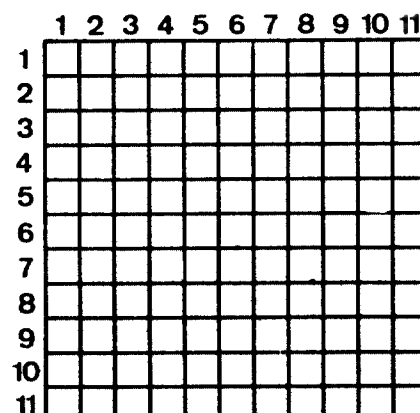
P. ocure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6498

HORIZONTAIS

- 1 Cidade da U. R. S. S. Em a.
- 2 Andara. Possuir.
- 3 Braço de mar. Nota musical.
- 4 Pronome pessoal. Sacrificia.
- 5 Guarnecer de asas. Centímetro. Catedrais.
- 6 Golpeias. Item.
- 7 Tempo do verbo ir. Mamífero carnívoro, feroz semelhante ao leopardo.
- 8 Em as. Iridio (s. q.). Nota musical.
- 9 Associação ou confraria cristã na Índia. Carregaria.
- 10 Trame (fig.). Estava.
- 11 Vinte mãos de papel. Planta têxtil do Ceará.



VERTICAIS

- 1 Minare. Mimo.
- 2 Armaria. Trabalho à noite.
- 3 Grama (Abrev.). Cremes. Ferro (s. q.).
- 4 Alvoradas. Suspiros.
- 5 Oferece. Artigo (fig.).
- 6 Pedra de altar. Choradeira.
- 7 Sódio (s. q.). Magnete. Cavalovapor (Abrev.).
- 8 Milímetro. Escândio (s. q.).
- 9 Irmãos do pai. O mesmo que rer.
- 10 Neon (s. q.). Moral. Erra de piso (s. q.).
- 11 Desgraça (fig.). Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ahi! oi!

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10341

HORIZONTAIS:

- 1 Va. Som. Ac.
- 2 Ema. Top. Pré.
- 3 Nota. Fies.
- 4 Tremoço.
- 5 Una. Cor. Asa.
- 6 Raiva. Altar.
- 7 Se. Ua.
- 8 A. Rala.
- 9 Ada. Cal. Tur.
- 10 Ar. Comes. Ro.
- 11 Socar. Metas.

VERTICAIS:

- 1 Ventura. Aas.
- 2 Amorna. Adro.
- 3 Aleais.
- 4 Am. Ver. Ca.
- 5 As. Oca. Açor.
- 6 POUÇO. Elam.
- 7 Am. Era. Além.
- 8 Fi. Lui. Se.
- 9 Pirata.
- 10 Areosa. DURA.
- 11 Cessara. Ios.

Provérbo: A VENTURA POUÇO DURA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6497

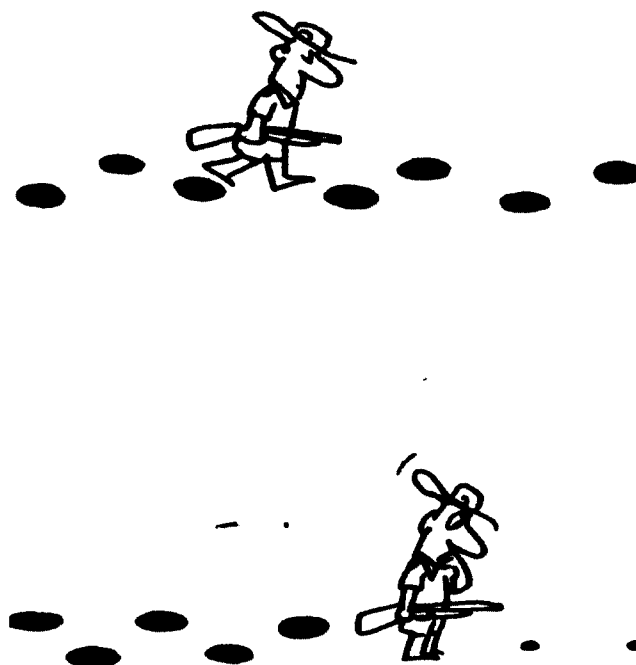
HORIZONTAIS:

- 1 Cacia. Ha. Gó.
- 2 Arrás. Atear.
- 3 Leis. Erin.
- 4 Eia! Uri. Ota.
- 5 Ámen. Ossa.
- 6 Ítalo.
- 7 Acero. Anula.
- 8 Ruga. Oral.
- 9 Uio. Dio.
- 10 Ondas. Lorça.
- 11 Soera. Abro.

VERTICAIS:

- 1 Cale. Barros.
- 2 Areia. Cu. No.
- 3 Criam. Egide.
- 4 Ias. Eira. AR.
- 5 As. Unto. Usa.
- 6 Fr. Di.
- 7 Ha. Iola. Olá.
- 8 Até. Sono. Ob.
- 9 Eros. Urdir.
- 10 Gaita. Larco.
- 11 Orna. Meloa.

SEM PALAVRAS



DISCOTECA

"TRISTÃO E ISOLDA" DE WAGNER

Wagner, «Tristão e Isolda». Birgit Nilsson, Fritz Uhl, Regina Resnik, Tom Krause, Arnold Van Mill. Orquestra Filarmonica de Viena. Direcção: Georg Solti. Decca Mono/MET 204/208. Preço: 107\$00.

Wagner, «Tristão e Isolda». John Vickers, Helga Dernesch, Christa Ludwig, Walter Berry, Karl Ridderbusch. Orquestra Filarmonica de Berlim. Direcção: Herbert von Karajan. EMI/HMV Stereo SLS 963. Preço (especial e assinatura): 77\$00.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O cromatismo do *Tristão* foi o ponto de partida da revolução musical schoenberguiana. E frequente rematar com esta verificação as análises da obra de Wagner, a avaliação da enorme influência que exerceu na música e no teatro. Nesta capacidade de anunciar uma das maiores viragens da história da música (operada por compositores para quem o teatro era afinal também um dos meios de expressão mais importantes: lembremos *Erwartung*, *A Mão Feliz*, *Moisés e Aarão* de Schoenberg, *Wozzeck* e *Lulu* de Alban Berg) se aponta, por vezes, com evidente exagero de perspectiva, a coroa de glória máxima do autor da *Tetralogia*. Atitude semelhante à dos que vêm no *Parsifal* a sua obra-prima apenas porque dela decorre uma noção inteiramente nova de tempo musical. O pensamento que gera juízos críticos irreduzíveis e absolutos como estes, muito centrados na forma (ou nas fórmulas), deixa-se enfeudar à miopia e ao isolamento teórico e prático bem característicos de certos círculos europeus-ocidentais da chamada «vanguarda». Tomando a parte — uma ínfima parte — pelo todo, ignora e dá por resolvidos os problemas estéticos extremamente árduos que as óperas de Wagner levantam. Passa por cima das dificuldades com que é inevitável debater-se uma análise verdadeiramente profunda da obra de Wagner.

A tentativa de situar «Tristão e Isolda» no contexto da produção wagneriana cria logo uma primeira dificuldade. Sente-se que é a sua obra mais viva, aquela em que os meios musicais e o conteúdo dramático alcançaram uma fusão ou um equilíbrio mais perfeitos, porventura a única em que a representação do humano se liberta da canga de mitos e lendas que povoam o mundo operático wagneriano. Sente-se, em suma, que é o ponto culminante, a cúpula do monumental edifício dramático arquitetado pelo genial compositor. No entanto, tem-se um certo pudor em admiti-lo, porque na ordem cronológica, a seguir ao *Tristão*, vêm ainda os quatro dramas de «O Anel



Herbert von Karajan

dos *Nibelungos* e o «*Parsifal*». A lógica das datas impõe que se tome por sublimação do génio criador de Wagner o apuramento da técnica do leitmotiv na *Tetralogia* ou a inspiração «sagrada» do *Parsifal*. Tentemos, porém, abstrair das datas: os processos musicais adoptados nessas obras surgem então mais como consequência da natureza dos assuntos abordados. E pode acontecer que a aparente sublimação não passe afinal dum solução de expediente para superar o empobrecimento da temática. E nesta ordem de ideias que Adorno explica o «apuramento» da técnica do leitmotiv no *Anel*: as personagens dramáticas seriam aí demasiado vazias para poderem dispor realmente de «expressão» e, por isso, a sua «expressão» reduz-se à afinação à escolha simplista de caracteres típicos incorporados nos leitmotiven. Por outro lado, devemos ter presente a ideia de que, a partir de certa fase da sua vida, todas essas grandes obras-primas coexistem e estão já plenamente formuladas no pensamento do compositor. E Thomas Mann quem o acentua:

«Durante a década de 1840 a 1850, traça-se, desde *O Navio Fantasma* ao *Parsifal*, o programa de toda a sua obra, cujas diversas partes, imbricadas umas nas outras, serão execu-

tadas sem que o compositor jamais tenha deixado de pensar simultaneamente em todas elas nos anos subsequentes até 1881. Verdadeiramente não há uma cronologia das suas obras (sublinhado nosso). Elas nascem em tal data, mas já existem antes dessa data, e surgem de um fôlego».

Mas a maior dificuldade para a compreensão estética das obras de Wagner está nas múltiplas contradições da vida do autor, das suas concepções filosóficas e musicais, da sua prática de homem e de cidadão. O revolucionário de 1849, filiado no pensamento de Feuerbach — que sente uma profunda emoção por reconhecer a «Ode à Alegria» de Schiller-Beethoven cantada por elementos sublevados — refugia-se mais tarde na filosofia de Schopenhauer de «O Mundo como Vontade e Representação». Wagner revolta-se contra a pseudo-cultura dominante na sociedade que frequenta, contra a frivolidade, o pedantismo e o prestígio do dinheiro próprios da burguesia que vai à ópera para se divertir. Enquanto Verdi resolve o problema tomando partido nas lutas políticas da Itália do seu tempo, fazendo das suas óperas também uma arma de mobilização popular em torno do risorgimento, Wagner isola-se, procura impedir por todos os

meios, a partir de certa altura, que os seus dramas sejam apresentados dentro do ciclo do fútil consumo burguês, que degrada a ópera à função de mero passatempo (do que foi a sua luta para impedir em Munique a primeira representação de *O Ouro do Reno* dá conta um saboroso relato de Stasov, testemunha ocular dos acontecimentos, numa das suas «Cartas do Estrangeiro»). A protecção do Rei Luís II da Baviera, um louco providencial, oficiante dum religião de que Wagner era o Deus, proporcionou-lhe a realização dum das suas maiores ambições: a edificação dum teatro — ou talvez melhor, dum templo — onde fossem exclusivamente representados os seus dramas musicais, para um público especial de «iniciados», movido não pelo espírito «burguês» de aquisição e usufruto de requintados meios de entretenimento, mas antes por uma atitude de adesão espiritual ao conteúdo filosófico, ou metafísico, desses dramas. Depois da experiência revolucionária de 1849, Wagner não deixou de manifestar com veemência o repúdio intelectual de certos aspectos ideológicos e do «modus vivendi» dessa mesma burguesia (com a qual enquanto homem e cidadão entretanto se identificava): simplesmente, o arsenal de argumentos de que se

socorria deixou então de ser fornecido por Feuerbach, para passar a ser tributário do pessimismo de Schopenhauer. Na prática, a grande consequência da mudança foi trocar a Revolução pelo isolamento (dir-se-ia religioso) de Bayreuth.

Ora, precisamente *Tristão e Isolda* é uma das óperas de Wagner mais marcadas pela filosofia de Schopenhauer, como de resto bem se sabe. O discurso dos dois protagonistas torna-se sobretudo schopenhaueriano durante a dilatada (mas sempre emocionante, pela prodigiosa riqueza da invenção musical) cena de amor do segundo acto. Tudo aí gira em redor da contraposição entre o mundo do Dia e o mundo da Noite, segundo uma perspectiva filosófica que Thomas Mann, indirectamente, sintetiza assim: «A pérfida ilusão do dia, pela sua gloriosa mistificação, podia ainda desunir-los (aos dois amantes); mas quem amou a noite da morte e presenteiu o seu doce mistério, conserva, no meio das miragens da luz, uma singular nostalgia, a da noite sagrada, eterna, verdadeira, que liberta para sempre...».

Como porém diz Lopes Graça, «não vale a pena insistir no schopenhauerismo do *Tristão*, tantas vezes formulado», porque «*Tristão e Isolda*» não seria a obra-prima que é se fosse apenas uma obra inspirada na filosofia schopenhaueriana; porque «não há filosofia alguma que inspire uma obra de arte viva, se esta não repousar sobre uma experiência profunda, intelectual ou passional, interior ou exterior, do seu autor». E o certo é que não faltam na vida apaixonante de Ricardo Wagner experiências humanamente riquíssimas que revivem na sua música. Para além da metafísica de Schopenhauer, para além dos mitos e dos filtros mágicos da história aparente do *Tristão*, o que nesta obra-prima existe de profundo, e é conquista impercível da humanidade, é faz dela uma das mais surpreendentes maravilhas da arte de todos os géneros e de todos os tempos, é a vitalidade, a verdade, o poder irresistível com que a música sugere, reproduz e sublima os pensamentos, as paixões, os conflitos humanos, a dialética do Amor e da Morte, da sinceridade íntima de dois seres que se amam e da hipocrisia social que os reprime, dos falsos valores estabelecidos e da libertação autêntica. Uma análise cuidadosa do próprio texto do poema demonstrou recentemente Henry Barraud — revela que mesmo aí (e não só na música) Wagner faz prevalecer a verdade humana sobre o lado mítico da lenda. Torna-se assim perfeitamente claro que, por exemplo, o filtro mágico que Brangânia verte na taça, pela qual bebem *Tristão e Isolda* (1.º acto), funciona apenas como símbolo da destruição dos tabus (sociais, éticos, etc.) que os impediam de confessar e efectivar o amor recíproco. Isso conclui-se textualmente, entre outros passos, do diálogo entre Brangânia e *Isolda* na 1.ª cena do 2.º acto.

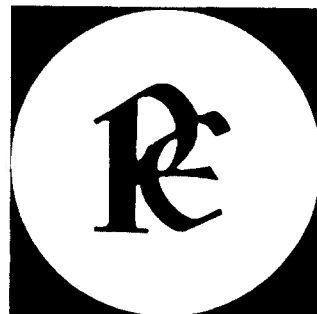
Mas a música, com os seus leitmotiven altamente significantes (e indiscretos) encarrega-se de o desvendar desde o início, por forma que não deixa margem para dúvidas. Também neste aspecto a análise de Henry Barraud parece ser de certo modo inovadora. A lenda de *Tristão e Isolda* é afinal um veículo através do qual Wagner cristaliza superiormente o conflito entre as suas próprias ideias e o sistema de valores estabelecidos, valores que por vezes subverte violentamente, não só na teoria, mas na prática também (apesar de, ou por cause de todas as contradições em que a sua vida foi fértil). Esse conflito transcende uma dimensão meramente pessoal e local, antes documenta a agitação ou movimento duma sociedade e duma época, e, como acontece em todas as grandes obras de arte, permanece vivo e válido para além dos contextos em que surgiu.

KARAJAN «VERSUS» SOLTÍ

Como se vê não resistimos ao impulso de deixar aqui registadas algumas das razões (e destas só as que a razão não desconhece) que motivam o nosso entusiasmo pela obra-prima de Wagner. No entanto, o objectivo da presente crónica era tentar comparar duas realizações gravadas desta extensa ópera, que exige cinco discos e tem uma duração que não anda muito longe das cinco horas. A partida, a tarefa não parecia nada fácil, pois corríamos o risco de nos perdermos no meio dos múltiplos aspectos a considerar, a comparar e a registar na memória auditiva. Afinal, foi muito mais simples do que julgávamos e não foram necessárias muitas audições de cada uma das versões em apreciação para chegarmos a algumas certezas (ou àquilo que julgamos serem certezas).

A interpretação de Georg Solti data de 1961 e, pelo menos no exemplar que utilizámos, é gravada segundo o

Continua na pag. onze



OBRAS DE VERGÍLIO FERREIRA

APARIÇÃO
Preço 65\$00

CÂNTICO FINAL
Preço 55\$00

NÍTIDO NULO
Preço 70\$00

CARTA
AO FUTURO
Preço 25\$00

MANHÃ
SUBMERSA
Preço 40\$00

ESPAÇO
DO INVISÍVEL
Preço 40\$00

INVOCACÃO
AO MEU CORPÔ
Preço 70\$00

Leia livros da
PORTUGALIA



Um cenário à escala da ópera...

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

A A.I.C.A. recebeu a encomenda da Galeria Dinastia de programar (escusado será dizer que em inteira liberdade) uma série de dez palestras a realizar durante a presente temporada, nas instalações da própria galeria, que é a única em Lisboa (e por esse mundo fora...) a dispor de uma pequena sala de conferências, benefício que lhe vem da realização de leilões de arte — com o que toda a gente tem a ganhar. Já de resto, há três anos, ali realizou conferências, entre outros, o falecido historiador Santos Simões.

Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes já fizeram as palestras de que se encarregaram e, porque estas coisas acontecem às quintas-feiras, de quinze em quinze dias, no dia em que sair este folhetim, falarei eu, a pretexto de Francis Smith, que expõe na galeria, dos princípios da arte moderna em Portugal — procurando massadamente fixar factos e corrigir dados de uma história que está ainda por fazer. Depois será a vez de Manuel Rio-Carvalho, de Sallete Tavares, de Ernesto de Sousa, de Adriano de Gusmão, de Lima de Freitas e de Egidio Álvaro, em datas a anunciar e com temas a fixar. Poder-se-á recriar assim, despretensiosamente, um hábito de abordar e de discutir certos temas da actualidade artística, com uma regularidade que em mais sítio algum se oferece. E, com isso, uma galeria de arte alarga a sua acção para além das exposições e para além do compra-e-vende da sua actividade quotidiana. O público interessado (realmente interessado, também para além do compra-tudo em que andam muitos ilusoriamente metidos) só tem a lucrar com isso, se assim o entender.

Rui Mário e Pernes falaram, então, de problemas de arte contemporânea, ou de problemas contemporâneos de arte, nas duas primeiras sessões. Um, da circulação dessa mesma arte, através do mercado cujos processos criticou; outro, das responsabilidades moral do artista no seu jogo de criação — e, na verdade, ambos falaram desta mesma responsabilidade que preocupa todos nós, neste momento de euforia da vida artística nacional — que é, também, num paradoxo só aparente, um momento de crise de criação artística. A criação não pode ser confundida com a vida artística na qual entra como elemento componente, essencial, mas não determinante. Infelizmente. Ao conjunto fenomenológico chamo eu «facto artístico», resultado de uma dialéctica

A PROPÓSITO DE PATOS



entre a produção e o consumo, realizada no plano da cultura. O «facto artístico» é um «facto de cultura» e, portanto, um «facto social», com todas as características estruturais deste, mais aquelas que são específicas da criação artística, que exigem uma descodificação apropriada.

Esta criação encontra-se actualmente em crise em Portugal — e creio eu (e isso também se deduz das palavras dos meus camaradas) estar a causa no crescimento tumultuoso do consumo das obras de arte. Ou seja, por outros termos, no desenvolvimento de uma procura que está incentivando a oferta de maneira altamente discutível.

Não só se vendem por preços absurdos quadros bons em exposições e leilões, como pelos mesmos preços fantásticos se vendem em leilões e exposições quadros medíocres, maus, muito maus, autênticas «croûtes» — para dizer bem educadamente em francês o que em português se chama «m...». Porque compram as pessoas,

que é que as faz correr, de compra em compra, não pode certamente ser o gosto artístico, subitamente acontecido. Um engodo de aplicação de capitais, visível também no outro mercado de títulos de bolsa, em especulações quase abstractas? Certamente que sim — e com a ingenuidade correspondente à ignorância do novo-riquismo. Pois que diabo levará o sr. Santos a comprar um péssimo quadro pelo preço de um bom? Porque comprará ele por 50 000\$00 o que uma pessoa de gosto não levaria para casa por 50\$00? A estupidez não chega para explicar a patologia do caso, meramente do domínio financeiro.

Ora isso, que é aumento de procura, leva pintores vivos a uma correspondente oferta. Já que se vende, artistas silenciados há tempo, pelas fatalidades da vida ou do talento, meteram-se a re-pintar: e outros não param de o fazer, obrinha após obrinha, para satisfazerem o mercado e os mercadores, em contratos-armadilhas da sua arte e da alma que tiverem... Outros, mais divertidamente, vêem formar-se bicha à porta do atelier. «Já tenho 45 clientes à espera», dizia-me há dias um pintor conhecido — e que ainda é dos que não aumentou o ritmo da produção, preferindo-se fiel ao «tempo» próprio. O que é raro.

Cada vez mais raro.

Fernando Pernes acusava os pintores de estarem satisfazendo-se ao nível da simples arte-pela-arte, senão arte-pelo-mercado, numa involução de ordem moral. Artistas desinteressados de tudo o mais, e apenas falando de galerias, preços e cotações...

Não era assim há vinte anos, quando a «terceira geração» se batia, neo-realista, surrealista ou abstraccionistamente por um lugar ao sol. Ao sol que nem sequer se levantava no horizonte português... Algo no coração ou no ventre os fazia existir; hoje, entre os dois órgãos, escolheram um terceiro, como razão de criar — o estômago!

Foi isso também que se concluiu da palestra de Rui Mário Gonçalves quando eu lhe lembrei o fabrico do «foie-gras», engordando patos, alimentados à força. — Já tínhamos os patos-bravos na arquitectura... disse Rui Mário — ... **pois temos agora os patos-mansos na pintura**, concluí eu.

... E nesta história de patos, poderíamos ainda lembrar os clientes, **patos mudos** por excelência. A este propósito todo, contarei um conto verdadeiro, no próximo folhetim.

O "EU" E O "NÓS"

Mas em vão, porque o meu «nós» é combativo e nunca lhe dá tréguas.

— Vives — começou o meu «nós» — mas o existir de que tens consciência une-te a quanto vives. O teu «eu vivo» cede lugar ao meu «nós vivemos». Se vês um animal esfomeado ou uma planta sedenta procura dar o alimento e a água que lhes falta. E se o fazes é por sentires entre ti e eles uma ponte comum. E compadece-te de um animal em agonia pois, também como homem, estás submetido às mesmas leis biológicas da dor e da morte.

Mas aqui, o meu egoísmo a quem não falta sentido de humor, não conseguiu evitar um sorriso.

E tão grave, tão solene, este meu «nós» e tão pouco oportuno por vezes naquilo que diz.

Como neste momento.

Vir falar-me de pontes a unir-me aos reinos animal e vegetal, precisamente quando, com apetite, como um excelente bife do lombo, em sangue, como eu gosto, mergulhado num molho de natas e tendo em frente uma travessa de batatas fritas, cortadas em rodela fininhas, daquelas que estalam na boca.

— Sim, efectivamente, há interesses que nos unem, aos animais e aos vegetais.

E ia retalhando mais um pedaço de bife e levava-o à boca que, com alguma dificuldade, continuava:

— De que este bife e a matança de reses nos matadouros municipais são demonstrações.

Mas não julgues que o meu «nós» seja adversário fácil. Respondeu imediatamente:

— Enxuga esse molho com a última còdea, não deixes escapar uma batata, que nada disso desmente o que vou dizer.

O sentimento comum da espécie sobrepôs-se a este primeiro «nós» e mata para sobreviver. Eu sei. Existem mesmo muitos outros aspectos determinantes de outros «nós» que se opõem e nos forçam a dolorosas opções. Através do «eu» se manifesta a consciência do «nós», nos planos da família, do trabalho e de tantos outros. Sem o «eu» de cada um, a semelhança unificadora do «nós» não se apercebia de si mesma

E esta consciência manifesta-se, por exemplo, entre operários da construção civil no «fomos nós que construímos este edifício», misturado com o orgulho de levantarem os olhos para o pau de fileira lá no alto, a festejar. É este «nós» que une um grupo de homens cujos interesses são os mesmos.

Mas lá voltava o meu «eu» céptico e cínico, já com a gargalhada pronta:

— Sim, sim, bem sei. Mas quantos «nós» não andam por aí! E cada vez mais! Ainda há-de ouvir: nós, os de olho azul, nós, os calvos, nós, os deste bairro, nós os que guiamos este modelo de carro, nós os que nos desodorizamos com... E todos estes «nós» se opõem e se guerreiam em lutas sem significado... Es um sonhador. Estes «nós» podem ser tantos quantos quisermos, porque para além da essencial unidade que em nós se manifesta como homens, existem igualmente as muitas diversidades de profissão, de estado civil, da conta no banco, da cor da pele, do quociente de inteligência e quantos mais...

Mas não há argumento a que o meu «nós» não responda.

— Será como dices, porque o mal está em perguntar-se a cada homem o que é e não quem é.

Se me perguntarem o que sou, a minha tendência é responder dentro do que profissionalmente me caracteriza.

Mas se me perguntarem quem sou, a minha resposta será rápida e sem hesitação:

... Sou um homem.

E só depois virá a dificuldade para definir que homem sou na realidade.

Se me perguntassem, creio que responderia:

... Um homem que procura uma consciência sempre mais ampla de quem é.

É esta, acredito, a melhor resposta. Está aqui o grande «Nós» da essencial unidade humana.

Somos homens!

Mas, infelizmente, quantos procuram encontrar todo o significado deste «ser-se homem»? Se todos atingissem este grau de consciência... Se eu o soubesse transmitir...

Não sei.

Se soubesse, iria pregar pelo mundo:

... Homens que procurais uma mais ampla consciência de quem sois...

Mas deteve-se aqui o meu «nós» e ficou em desalento, enquanto o meu «eu», de soslaio, o fitava numa inquietação que só a tristeza em que o via, lentamente, lentamente, serenava.

UM LIVRO COM MUITO INTERESSE

DIGRESSÕES LITERÁRIAS

por Pedro Mayer Garção

1 Volume de 200 páginas 200\$00

à venda nas principais livrarias e na depositária

LIVRARIA PORTUGAL — R. do Carmo, 70-74, Lisboa 2

FRANCO DE SOUSA

Continuação da pagina nove

sistema **mono**. A interpretação de Herbert von Karajan acaba de ser lançada no mercado, como assinatura do Natal de 1972 (embora só aparecesse em Janeiro de 1973), usa o sistema Stereo e beneficia de mais de dez anos de progressos técnicos tendentes ao aperfeiçoamento da gravação em disco. Do ponto de vista técnico de gravação é, pois, evidente a enorme superioridade do álbum dirigido por Karajan. Bem podemos dizer que é, nesse ponto, a perfeição absoluta. Simplesmente, a partir daqui cessa em certa medida o interesse da realização de Karajan, quando posta em confronto com a realização de Solti.

Poderíamos ilustrar o nosso ponto de vista com numerosos exemplos, mas a simples audição duma versão a seguir à

outra, sem preocupações de comparar o pormenor, cena por cena, mostra a qualquer auditor que em Karajan prevalece o requinte do efeito sonoro (isto independentemente da técnica de gravação) ao passo que em Georg Solti prevalece o movimento interior da música. O **Tristão e Isolda** de Karajan é, por assim dizer, o elemento musical (perfeito) dum espectáculo que só ganha plena realidade dramática posto em cena. O de Solti já tem o teatro todo lá dentro: é verdadeiramente o **Tristão**, despojado das exterioridades cénicas que no fundo não estão nunca à altura do pensamento dramático-musical de Wagner, antes pelo contrário, quase sempre o empobrecem. Enquanto Solti pensou a gravação em função do disco, Karajan, na sua ânsia de perfeição, quis dar-nos a perfeita ilusão (este-

"TRISTÃO E ISOLDA"

reofónica) de que nos encontrávamos no teatro. Na realização de Karajan é primorosa a sugestão da profundidade do palco: citamos por exemplo as trompas de caça (2.º acto) e o incrível exagero de, no início do terceiro acto, assinalar a abertura do pano através dum efeito de súbita (mas muito subtil) aproximação do solo de corn inglês (no final do prelúdio). Com isto, Karajan acaba por sublinhar paradoxalmente a falta da contrapartida visual do espectáculo: estamos no teatro, mas só ouvimos os cantores e a orquestra; **não vemos o desenrolar da acção**. Pelo contrário, Solti, tendo pensa-

do a interpretação em função do disco, proporciona-nos, só através da audição, uma vivência total do drama: estamos em casa e não precisamos de visualizar a cena.

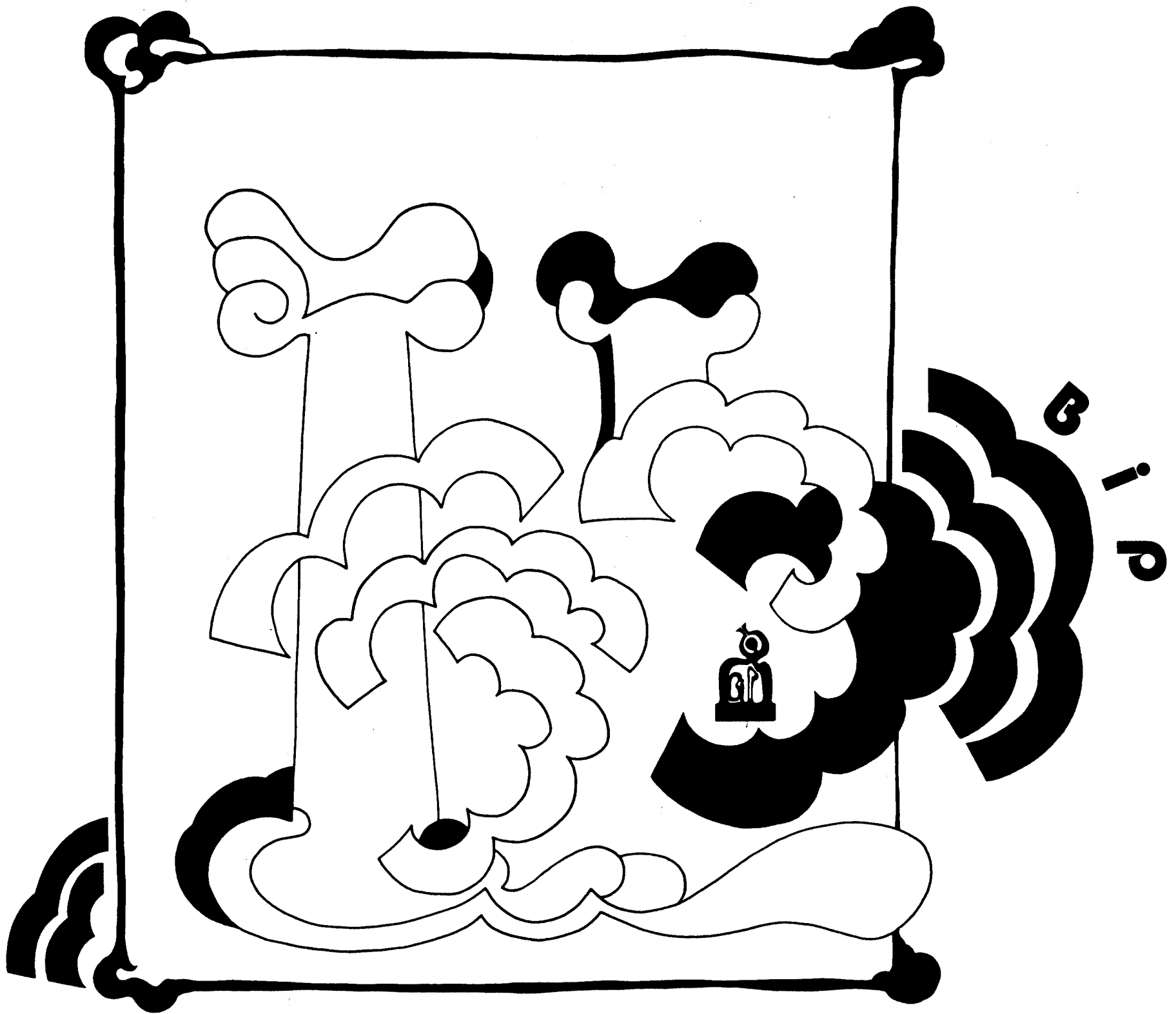
Realmente Karajan preocupa-se sobretudo com a organização exterior do espectáculo, com os efeitos, com o esplendor sonoro. Dir-se-ia que para convidar os auditores a deterem-se no supremo refinamento do seu trabalho chega por vezes a «suspender» o movimento da música: é esta sensação que temos quando ouvimos o prelúdio do 1.º acto, em nossa opinião tocado com excessiva lentidão (na interpre-

tação de Karajan). E embora seja notória por exemplo, a superioridade do oboé da Orquestra Filarmonica de Berlim (Karajan) sobre o da Filarmonica de Viena (Solti), e bem assim certos solos resultem na primeira melhor doseados no contexto da orquestra, preferimos ainda assim a espontaneidade expressiva dos músicos de Solti, preferimo-la à planificação rigorosamente calculada mas muito «fabricada» dos orientados por Karajan. No plano vocal, o «cast» de Karajan, não obstante dele estar ausente Birgit Nilsson, constitui um conjunto de primeira grandeza onde não há desníveis John Vickers é muito bom, ainda que não simpatizemos com o timbre da sua voz). O mesmo já não se dirá do elenco de Solti, onde a referida Birgit Nilsson brilha a grande altura, sem ser acompanhada em toda a linha

pelos demais intervenientes (no entanto, preferimos talvez o Rei Mark de Solti ao de Karajan e, quanto a Brangânia, hesitamos entre Regina Resnik e Christa Ludwig).

Duma maneira geral Karajan insufla mais expressividade dramática aos cantores do que Solti. O tal aspecto «fabricado», que notámos no tratamento da orquestra, não é em Karajan extensivo aos cantores. Assim, por exemplo, o frenesi sensual do encontro de Tristão e Isolda na floresta (2.ª cena do 2.º acto) é vocalmente mais eloquente em Karajan do que em Solti.

No fim de contas, só uma fusão das duas versões a contento resolveria a contento o dilema da escolha. De qualquer modo, uma coisa é certa quem adquirir uma e não ouvir a outra, considerar-se-á plenamente satisfeito.



BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO
AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

PRESENTE EM LISBOA NA AV. FONTES PEREIRA DE MELO, Nº 7-13

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

UM "PETIT-MAÎTRE" PORTUGUÊS DE PARIS EM LISBOA

FRANCIS SMITH — ALGUNS GUACHES E ÓLEOS NA GALERIA DINASTIA

Das três exposições que nestes últimos anos mostraram ao público de Lisboa obras de Francisco Smith (Retrospectiva do S. N. I., no Palácio Foz, em 1967; Exposição de Desenho na Gulbenkian, em Maio do ano passado), é sem dúvida esta a que menos interesse tem, dado que as obras presentes foram certamente seleccionadas com o critério predominante de «disponibilidade» comercial, o que é naturalíssimo, dadas as características da Galeria, mas que deixará o visitante que não conhece de outro modo a obra deste pintor, bastante perplexo quanto ao real valor da pintura de Francis Smith, que não é meramente anedótico ou sentimental.

A. A CRÍTICA Raramente terá uma personalidade inspirada tanta simpatia pessoal como a de Francis Smith, homem resultante certamente de um forte encanto feito de modéstia e simplicidade (os testemunhos são perfeitamente unânimes sobre este ponto). Essa simpatia terá resultado, num plano crítico, de apreciação e de leitura da obra deste pintor perfeitamente inoperante e contraproducente para o entendimento dos aspectos mais avançados da mesma. Daqui uma curiosa cegueira colectiva bem ilustrada pela colectânea de textos que acompanha o catálogo de 1967 (o actual, caro, 50\$00, é praticamente inútil), cegueira colectiva que pessoalmente pude testemunhar na alegria de um determinado público, também em 1967, que julgava reencontrar a estabilidade académica de um século XIX, mesmo pós-impressionista que fosse, quando Francis Smith é, embora modestamente, um homem já deste nosso século. Tinham razão essas pessoas? Têm razão os autores de noventa e tal por cento dos textos sobre Smith? De certo modo sim, já que a sua pintura tem várias interpretações, várias leituras possíveis, o que só acentua um dos aspectos da sua modernidade, que não é somente cronológico.

b. AS LEITURAS.

Curiosa figura a de Francis Smith, esse português que viveu quase ininterruptamente em Paris, ou pelo menos em França, desde que em 1902 se instalou em Montparnasse, graças à «bolsa» paterna, para frequentar algumas das mais conhecidas academias da época. Curiosa figura a deste imigrado que durante dezenas de anos evocou em quadro a sua terra natal, que visitaria pela última vez em 1934, quando da sua exposição na Galeria Bonbone, e que continuaria lembrando até à morte, em 1961, sem nada, que eu saiba, a impedir um regresso ou pelo menos uma visita.

Pintor de uma (re)descoberta do «Tempo Perdido», não faltou quem evocasse a sua amizade com Marcel Proust (Raymond Charmet, incat. SNI) para melhor entender esse gosto por uma terra que, no caso presente, era certamente sinónimo de uma infância perdida, como a de todos nós, e que a partir de uma certa altura não interessaria comparar com a visão do homem maduro. O quadro «Algarve» que o Estado português lhe encomenda em 1937 (para o pavilhão português da Exposição Internacional de Paris) e que é, talvez, a obra-prima das pinturas «portuguesas» de Smith e que marcaria certamente a sua oficialização como pintor em Portugal, não o fez voltar ao seu País, que representaria na XXV bienal de Veneza, já em 1950.

Ligado a várias galerias parisienses (Berthe Weil, Charpentier antes da guerra, Benezit,

Drouaut, Marcel Bernheim, Visconti depois de 45), expõe também nos principais salões da capital francesa. Não lhe falta aliás, clientela oficial, obras adquiridas pelo Museu de Arte Contemporânea, pelo Estado francês, Município de Paris, etc. Aquisição oficial extremamente significativa da aceitação de Smith pelo gosto do seu tempo, foi a compra, pelo marechal Lyautey, de 30 telas suas, executadas durante a exposição colonial de Paris e que documentavam esse acontecimento, e destinadas ao Museu das Colónias (1932).

Muitas vezes na história da pintura o que faz vender, ou fez vender uma determinada obra, são razões de aparência, leituras apressadas ou ignorantes de uma obra. Este não será exactamente o caso de Smith, dado que a sua obra é também extremamente irregular, cabendo nela os gestos oficiais e particulares portugueses e franceses dos anos 30. No entanto, se nos debruçarmos, brevemente embora, sobre alguns dos seus temas principais, veremos que uns quantos vão muito mais longe que outros, deixando para longe a



«Lisboa»: a cidade da infância perdida?

com uma (arquetípica?) capela no topo.

nos e arquitectónicos, em que a ordem académica novecen-



«Menton»: uma série de planos contraditórios que só a imaginação reconstrói.



«O Fado»: dentro da pior tradição da pintura novecentista portuguesa

«L'Escalier»: a escada, o vaso.

anedota e a paisagem novecentescas. Vejamos: —

a. — **Portugal** — A lembrança da sua terra na obra deste emigrado vai desde a cena de género ou de costumes, apontamento de rua, cais, festa aldeã, tourada, cena de taberna, dentro, aliás, da pior tradição novecentista portuguesa (documentada com exemplos bem significativos na presente exposição, os quais, naturalmente, já pertencem a colecções particulares), até evocações mais líricas de paisagens urbanas em composições triangulares, quase sempre

Dentro destas evocações outras memórias há, talvez mais directamente ligadas a Lisboa e às suas múltiplas escadarias, que se traduzem num «gosto evidente pelas... perspectivas cavaleiras» que Raymond Cogniat reconhece no catálogo de 1967 (apresentação), estas já construídas num contraditório jogo de planos que justamente destrói a própria perspectiva, que tantas vezes passa a ser puramente imaginária.

b. — **Paisagens** — (Sul de França na maioria). Esta tendência do uso de pontos de

tista se encontra totalmente subvertida, funcionando a paisagem como a montagem de vista muito altos acentua-se numa série de paisagens, estas já com menos elementos urbana série de elementos figurativos e cromáticos que se revela como pintura, como superfície da tela trabalhada, numa relação com alguma pintura de Bonnard, certamente epigónica, mas original.

c. — **Vasos de Flores** — Geralmente representados sobre uma janela ou varanda com uma paisagem ao fundo (na presente exposição há uma curiosa associação entre o vaso e a escada, dois objectos figurativos fundamentais na pintura de Smith). Podemos situar nestas séries de vasos algumas das tentativas pictórica-

mente mais avançadas de Francisco Smith, pois é nela que o espaço ilusionista, herdado do renascimento, é totalmente negado pela atenção dada à superfície da pintura. Os vasos de flores são um delicado e quase clandestino adeus, um suave negar da pintura tradicional. Aqui, mesmo em surdina, Smith falava a linguagem e sobre a sua origem, talvez da pintura do século XX, isto é, meditando sobre si próprio sem se dar inteira conta do que fazia, deixando apenas funcionar uma sensibilidade atenta ao que se passava em torno, e para tal foi por certo fundamental o viver em França.

c. A EXPOSIÇÃO.

O aspecto acima citado é,

para mim, o mais interessante do Francisco Smith pintor (o homem só muito indirectamente o posso conhecer), artista com vasta bibliografia mas, ao que suponho, não estudado no seu pequeno mas curioso contributo (mais uma confirmação que um contributo) para a grande transformação da consciência pictórica do nosso tempo. A presente exposição não pretende certamente estudar Francis Smith: as suas intenções são outras e bem claras. No entanto, e embora nela predominem os aspectos menores deste «petit-maître» português de Paris, tem alguns poucos exemplos que permitem também falar no pintor. Devo porém honestamente confessar que se de Smith apenas conhecesse o que se expõe na Dinastia só por milagre ou intuição excepcional poderia verificar a sua importância. Esse é, creio, o perigo que correrão os visitantes que lá forem para conhecer a pintura de Francisco Smith. Nada poderão entender, ou ficarão confundidos ou serão involuntariamente injustos para com este excelente pintor. E se gostarem? Esses serão apenas os compradores frustrados ou realizados para os quais finalmente se faz esta exposição.